



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

PEDRO HENRIQUE SOUSA DA SILVA

**O DISCURSO DE TORCEDORES VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA NO FUTEBOL À LUZ
DA TEORIA DOS SISTEMAS ADAPTATIVOS COMPLEXOS E DA TEORIA DA
INTEGRAÇÃO CONCEITUAL: EM BUSCA DA EMERGÊNCIA DE METÁFORAS
E OU METONÍMIAS SISTEMÁTICAS**

FORTALEZA

2013

PEDRO HENRIQUE SOUSA DA SILVA

O DISCURSO DE TORCEDORES VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA NO FUTEBOL À LUZ DA
TEORIA DOS SISTEMAS ADAPTATIVOS COMPLEXOS E DA TEORIA DA
INTEGRAÇÃO CONCEITUAL: EM BUSCA DA EMERGÊNCIA DE METÁFORAS E OU
METONÍMIAS SISTEMÁTICAS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Luciane Corrêa
Ferreira

FORTALEZA

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- S582d Silva, Pedro Henrique Sousa da.
O discurso de torcedores vítimas da violência no futebol à luz da teoria dos sistemas adaptativos complexos e da teoria da integração conceitual : em busca da emergência de metáforas e ou metonímias sistemáticas / Pedro Henrique Sousa da Silva. – 2013.
113 f. : il., enc. ; 30 cm.
- Dissertação(mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2013.
Área de Concentração: Linguística.
Orientação: Profa. Dra. Luciane Corrêa Ferreira.
- 1.Metáfora. 2.Metonímia. 3.Grámatica cognitiva. 4.Violência nos esportes – Fortaleza(CE).
I.Título.

PEDRO HENRIQUE SOUSA DA SILVA

O DISCURSO DE TORCEDORES VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA NO FUTEBOL À LUZ DA
TEORIA DOS SISTEMAS ADAPTATIVOS COMPLEXOS E DA TEORIA DA
INTEGRAÇÃO CONCEITUAL: EM BUSCA DA EMERGÊNCIA DE METÁFORAS E OU
METONÍMIAS SISTEMÁTICAS

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Linguística,
da Universidade Federal do Ceará, como
requisito parcial para obtenção do título de
Mestre em Linguística. Área de concentração:
Linguística.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Luciane Corrêa Ferreira (Orientadora)
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Prof^ª. Dr^ª. Áurea Zavam (Co-orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Dr^ª. Paula Lenz Costa Lima
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof^ª.Dr^ª. Ana Cristina Pelosi
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

A todos os que me ajudaram direta e/ou indiretamente na construção desse trabalho.

Em especial, à minha orientadora Prof^ª. Dr^ª Luciane Corrêa Ferreira.

RESUMO

A interação discursiva pode ser compreendida como sistema adaptativo complexo, de modo que adaptações ocorrem em função de variadas demandas contextuais interconectadas no fluxo discursivo. Cada interlocutor contribui com a interação, de forma complexa, sistemática e dialógica, através das dimensões socioculturais, históricas e ontogenética nas quais se insere. Nesse sentido, as metáforas e as metonímias presentes no fluxo discursivo parecem emergir a partir de uma negociação conceitual entre os interlocutores. Segundo Cameron (2003, 2007, 2008), a metáfora sistemática pode ser entendida como uma rede de metáforas linguísticas que emerge no fluxo discursivo, conectando-se a determinados tópicos discursivos, formando um padrão, ou seja, uma conceitualização que, ao emergir no e pelo discurso, alcança uma estabilidade temporária, sendo, portanto, fruto da interação entre diversos agentes e/ou subsistemas: pragmáticos, sociais, culturais, históricos e cognitivos. No entanto, Cameron não especifica que aparatos cognitivo-conceituais podem contribuir para a emergência da reportada conceitualização. Nesse sentido, este trabalho parte da hipótese de que a abordagem de metáforas sistemáticas pode dar conta da conceitualização da violência no futebol apenas no plano discursivo. A teoria da integração conceitual, de Fauconnier e Turner (2002, 2007) pode aclarar a base cognitivo-conceitual lacunada pelas metáforas sistemáticas, o que se configurou como uma hipótese desencadeada pela primeira. Também é defendida a hipótese de que a metáfora sistemática pode ser entendida, em certo aspecto, como metonímia sistemática. Para tanto, consideramos a visão de Morin (2013) no que diz respeito a sistema e suas implicações, bem como a perspectiva de Weaver (1948), Mitchel (2009), e, Larsen-Freeman e Cameron (2008) sobre sistemas adaptativos complexos. No intuito de verificar as mencionadas hipóteses, foi utilizada a técnica de investigação de grupo focal, formado por 06 torcedores que discutiram sobre violência no futebol. O discurso foi gravado em áudio e vídeo, depois transcrito segundo os procedimentos listados por Cameron *et al.* (2009). A pesquisa é de natureza qualitativa. Os dados são interpretados a partir de uma interface que converge: a Teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos e a análise do discurso à luz da metáfora sistemática (CAMERON, 2003, 2007, 2008; CAMERON *et al.* 2009, CAMERON; MASLEN, 2010) e Teoria da Integração Conceitual (FAUCONNIER; TURNER, 2002).

Palavras-chave: Complexidade. Metáfora sistemática. Metonímia sistemática. Teoria da integração conceitual.

ABSTRACT

The discourse can be seen as a complex adaptive system, which adapts itself in function of the contextual needs interconnected into the discursive flow. Each speaker contributes to the discourse in a complex, dynamic and dialogical way, through the historical, sociocultural and ontogenetical dimension, in which they insert themselves. Thus, metaphors and metonyms seem to emerge in the discourse from the interaction among conceptual and linguistic systems, considering a negotiation among the speakers. According to Cameron (2003, 2007, 2008), systematic metaphor can be understood as a web of linguistic metaphors or metonyms that are connected to the discursive topics in the discourse. The systematic metaphor can also be considered as pattern or a conceptualization that emerge in the discourse by the interactions among the speakers. That conceptualization is *ad hoc* and stabilizes itself temporarily, emerging by interactions among various systems connected into the discourse, in which Cameron emphasizes the discursive system and the cognitive system. However, Cameron does not specify which cognitive displays could have been used to emerge the conceptualization. In this sense, this research raises the hypothesis that systematic metaphor approach can explore the conceptualization of violence in the football only in the discursive plan. The second hypothesis is that Blending Theory, from Fauconnier and Turner (2002, 2007), can clarify the gaps left by systematic metaphor in respect to the cognitive displays. It is also defended the hypothesis that the systematic metaphor can be seen as a systematic metonymy. The vision of Morin (2013) about system and its implications was considered to the last hypothesis. Beyond this, it was also considered what Weaver (1948), Mitchel (2009), Larsen-Freeman e Cameron (2008) talk about complex adaptive systems. In order to verify the mentioned hypothesis, it was used the focal group investigation technique. The group was composed by 06 football supporters who talk about violence in the football. The discourse was recorded in audio and video, then transcribed according to the procedures listed by Cameron *et al.* (2009). The research is qualitative. The data analysis was guided follow a interface that has converge: Complex Adaptive Theory and the metaphor-led discourse analysis approach (CAMERON, 2003, 2007, 2008; CAMERON *et al.* 2009; CAMERON; MASLEN, 2010) and Blending Theory (FAUCONNIER; TURNER, 2002)

Keywords: Complexity. Systematic metaphor. Systematic metonymy. Blending theory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Diagrama da dinâmica discursiva segundo Larsen-Freeman e Cameron	33
Figura 2	– Esquema genérico da Integração Conceitual, segundo Fauconnier e Turner	45
Figura 3	– Rede espelho, adaptada de Vanin (2012)	52
Figura 4	– Rede de escopo único, elaborada por Fauconnier e Turner	53
Figura 5	– Rede simplex, adaptada de Fauconnier e Turner	55
Figura 6	– Página inicial do Atlas t.i	65
Figura 7	– Rede espelho, elaborada pelo autor	81
Figura 8	– <i>Continuum</i> de redes simplex e de escopo único, elaborado pelo autor	83

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	SISTEMA: UMA MACROCONCEITO DE TRÊS FACES	17
2.1	Sistemas adaptativos complexos	24
2.2	Interação discursiva como sistema adaptativo complexo	29
2.3	Metáfora Sistemática	34
2.3.1	<i>Veículo Metafórico</i>	37
2.3.2	<i>Tópico Discursivo</i>	39
2.4	Teoria da Integração Conceitual	41
2.4.1	<i>Redes de Integração Conceitual</i>	49
3	INTERFACE METATEÓRICA	56
4	METODOLOGIA	62
4.1	Procedimentos de coleta de dados	62
4.1.1	<i>Instrumentos</i>	64
4.1.2	<i>Locus da pesquisa</i>	65
4.1.3	<i>Informantes</i>	66
4.2	Procedimento de análises	68
4.2.1	<i>Procedimentos técnicos de análise</i>	68
5	ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS DADOS	71
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
	REFERÊNCIAS	93
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO VIOLÊNCIA NO FUTEBOL	98
	ANEXO A – CORPUS – GRUPO FOCAL	100

1 INTRODUÇÃO

O futebol afigura-se como uma parte relevante da vida e da cultura brasileira e tem sido frequentemente encarado como uma prática social voltada para a não-violência, para uma iniciativa concreta de inclusão e de cidadania. Nesse sentido, outros múltiplos ensejos também relacionados ao futebol podem conferir a este esporte o estatuto de metáfora da sociedade brasileira, uma vez que o futebol pode ser visto para além dos gramados, como simbologia, como economia, como política, como história, como cultura, enfim, como veículo através do qual nós podemos ler e entender a vida brasileira, suas contradições, os nossos dilemas e, minimamente, as nossas possibilidades de superar esses dilemas (MURAD, 2012). Sendo assim, os temas do futebol, de certo modo, remetem aos grandes temas da vida coletiva da sociedade brasileira, haja vista as manifestações sociais ocorridas durante a Copa das Confederações no Brasil em 2013, registradas nas mídias nacional e internacional (BOUCIER, 2013; JAMES, 2013; PINTO, 2013). Na ocasião, a sociedade brasileira foi às ruas protestar contra o vigente quadro político e socioeconômico do país.

Tendo em vista essas relações entre o futebol e a sociedade brasileira, nossa proposta de pesquisa enfoca, sob as lentes da Linguística, a violência *no* futebol e não a violência *do* futebol; distinção esta que, por sua vez, já sinaliza o direcionamento dessa proposta à qual aludiremos detalhadamente na sequência. Enfim, são as diversas violências da vida brasileira que fazem o Brasil ser um país, histórica e estruturalmente, marcado pela violência: é a violência *no* trânsito, *nas* escolas, *nas* ruas, etc. É a violência contra crianças, contra mulheres, contra homossexuais, contra deficientes físicos, contra idosos e contra outros, de modo a delinear a sociedade brasileira como sociedade violenta. E o futebol não está desligado disso.

Há graves violências no mundo do futebol: agressões, depredações do patrimônio público e, principalmente, a maior de todas, que é aquela que leva a óbito. De acordo com Murad (2012, p. 37), o Brasil não já foi apenas campeão no futebol, mas também “fomos campeões mundiais nas mortes de torcedores.” O autor assegura ainda que na última década estudada – entre 1999 e 2008, em uma pesquisa conjunta da UERJ com a Universo – instituições das quais ele faz parte, o Brasil atingiu a média de 4,2 mortes de torcedores por ano, ultrapassando Itália e Argentina, que estavam à frente do Brasil no início do período investigado. Isto indica que a violência no futebol só tem aumentado no Brasil.

No entanto, retomando aqui os tipos de violência no futebol, consta que é uma minoria que os executa, não são as torcidas organizadas como um todo que fazem isso (MURAD,

2012). Os exemplos de violência no futebol que chamam mais atenção acontecem, portanto, fora de campo e estão relacionados à atuação de grupos minoritários inseridos nas torcidas organizadas no Brasil e ao fenômeno do *hooliganismo* na Europa (FERREIRA, 2012). Em Fortaleza, no Ceará, não é diferente. Nossa sociedade alencarina também é vítima dessa violência quando há, por exemplo, jogos pelo campeonato cearense.

Considerando, então, a violência no futebol um fenômeno multifacetado e que aflige a sociedade, entendemos que suas características tanto gerais quanto socioculturais precisam ser compreendidas através de uma maior diversidade de estudos cujos recortes científicos de várias áreas possam contribuir para a produção de conhecimentos mais consistentes acerca do fenômeno em questão. Acreditamos que, além de outras áreas, a Linguística também pode oferecer sua contribuição, uma vez que esta pode lançar mão de instrumentos teórico-metodológicos para exploração da conceitualização da violência.

Nesse sentido, nossa proposta consiste, basicamente, em investigar a conceitualização da violência no futebol, cujo tema é “O Discurso de torcedores vítimas da violência no futebol à luz da teoria dos sistemas adaptativos complexos e da teoria da integração conceitual”. Importa dizer ainda que esse trabalho se insere em um projeto guarda-chuva intitulado por *Futebol e Violência: um estudo sobre conceitualizações de violência no Brasil*, coordenado pela Profa. Doutora Luciane Corrêa Ferreira, professora adjunta na Faculdade de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará.

Um dos propósitos do mencionado projeto guarda-chuva visa identificar que representações sócio-cognitivas parecem estruturar a linguagem “figurada” utilizada ao conceitualizar a violência no futebol. Esse é o ponto-chave entre o referido projeto e esta dissertação, uma vez que, nesta, um dos objetivos específicos consiste em investigar determinados aparatos cognitivos que subjazem a determinados aspectos linguísticos envolvidos na conceitualização da violência no futebol (FERREIRA; SILVA, 2013). Por outro lado, não buscamos alcançar aqui uma envergadura em escala nacional; em vista disso, o tema desta dissertação delimita-se como se segue: “O discurso de torcedores vítimas da violência no futebol na cidade de Fortaleza-Ce, à luz dos sistemas adaptativos complexos e da teoria da integração conceitual: em busca da emergência de metáforas e ou metonímias sistemáticas”.

De acordo com o Mapa da Violência 2013, na cidade de Fortaleza, houve um aumento de 93,60% na taxa de homicídios na população total por capital no período que vai de 2001 a 2011. A violência em Fortaleza tornou-se um problema que demanda urgente solução.

Considerando a complexidade de fatores políticos, culturais, históricos, ontogenéticos, filogenéticos e socioeconômicos que fazem emergir o vigente quadro de violência no qual nos inserimos, sabemos que não é uma dissertação que vai resolver esse problema, nem tampouco levantamentos estatísticos, mas acreditamos que o engajamento e o empenho da sociedade, do Poder Público e das Ciências, de modo geral, no intuito de resolver essa situação parece ser um caminho plausível.

Em termos de Ciências, e dentro de nossas possibilidades de contribuição a partir da Linguística, consta que esta já detém razoável conhecimento acerca do fenômeno da conceitualização. Considerando isso, a ciência da linguagem também pode permitir abordagens que tratem, em específico, por exemplo, o estudo da conceitualização da violência. Por outro lado, dada a complexidade do objeto conceitualização, ainda estamos longe de compreendê-lo por completo. Em contrapartida, isso não desvanece os lingüistas que pesquisam a conceitualização, e, em específico, a da violência. Na verdade, a questão é encarada como desafio instigante que pode, inclusive, levar-nos a trilhar caminhos diversos na busca de sua compreensão; haja vista os trabalhos dos pesquisadores do GELP-COLIN (UFC) – Macedo (2008), Silva (2010), Ferreira (2012), Gondim (2012), Lima (2013), Sá (2013), Almeida Júnior (2013), Carneiro (2013), Ferreira; Silva (2013) e, inclusive, esta dissertação que, junto aos mencionados trabalhos, estão todos abrigados dentro de um projeto maior desenvolvido pelo GELP-COLIN, no Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, sobre metáfora e violência urbana, a partir da Linguística Cognitiva, coordenado pela Profª. Drª Ana Cristina Pelosi Macedo. Os trabalhos de Jamison (2011) e Oliveira (2012), coordenados pela Profª. Drª Paula Lenz Costa Lima (GELP-COMETA), do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Ceará, também trazem suas respectivas contribuições para os estudos vinculados à metáfora e violência urbana.

Contudo, retomando a questão sobre as possibilidades de contribuição da Linguística para o entendimento da conceitualização, cabe lembrar que nem todos os caminhos são possíveis ou adequados, nem tampouco dão conta plenamente de aspectos gerais e ou pontuais envolvidos no objeto supra. Pesquisas e propostas teóricas acerca da conceitualização, enfatizam ora aspectos linguístico-discursivos (CAMERON, 2005, 2008; CAMERON; MASLEN, 2010), na Linguística Aplicada, por exemplo, e, ora cognitivo-

conceptuais, na Linguística Cognitiva (FAUCONNIER, 1995; FAUCONNIER; TURNER, 2002, 2007), o que reflete, em certa medida, a necessidade de construção de uma interface metateórica conjugando esses aspectos da conceitualização, a fim de conferir ao fenômeno um tratamento mais abrangente.

Todos os trabalhos do GELP-COLIN e do GELP-COMETA trouxeram contribuições aos estudos da interface linguagem-pensamento, da metáfora e da violência; no entanto, gostaríamos de destacar dois trabalhos do GELP-COLIN, no caso, duas dissertações que, em certa medida, também inspiraram este pesquisador a propor esta abordagem, são elas, a saber: a de Lima (2012) e a de Sá (2013). Ambos os trabalhos discorrem sobre uma relação entre metáforas sistemáticas, no plano discursivo-linguístico, com base em esquemas imagético-cinestésicos (sensório motores), e metáforas conceituais, no plano cognitivo-conceitual, a fim de integrarem os mencionados planos e, em seguida, abordarem a conceitualização da violência. Nesse sentido, os autores parecem concordar que há mútua influência nos planos em questão. Em partes, compartilhamos da mesma perspectiva nesse ponto. De fato, linguagem e cognição podem co-ocorrer e, em certos casos, parece ser possível separá-los apenas no plano teórico.

Por outro lado, podemos notar que a ausência de uma interface metateórica nas reportadas dissertações as tornaram lacunosas, uma vez que a abordagem de metáforas sistemáticas não converge com as propostas lakoffianas de esquemas imagéticos nem tampouco com a de metáfora conceitual. Na verdade, as metáforas sistemáticas carecem, no plano cognitivo-conceitual, de uma abordagem que se alinhe à amplitude dinâmica e complexa das interações discursivas, nas e das quais emergem padrões, diferente de um licenciamento decorrente de esquemas imagéticos-cinestésicos (sensórios motores). “Padrões discursivos são mais amplos e mais complicados do que sistemas sensórios motores [...]” (CAMERON; LARSEN-FREEMAN, 2008, p. 179). Já no que diz respeito à desarmonia entre metáforas sistemáticas e conceituais, importa lembrar que as metáforas conceituais não se alinham à dinâmica das interações discursivas (GRADY; OAKLEY; COULSON, 2007). E ainda:

[...] o fenômeno explicado pela Teoria da Metáfora Conceitual consiste em estruturas de conhecimentos estáveis representados na memória de longo-prazo, enquanto que a Teoria da Integração Conceitual direciona-se a modelar a evolução dinâmica das representações *on-line* dos falantes. (GRADY; OAKLEY; COULSON, 2007, p. 436).

Nesse sentido, sendo a metáfora conceitual mais inclinada a conhecimentos da memória de longo prazo e não à dinâmica das representações dos falantes no aqui e agora,

pensamos que a teoria da integração conceitual possa dialogar de uma maneira mais adequada com as metáforas sistemáticas, uma vez que, além de outros ensejos, a teoria da integração confere uma complexidade dinâmica ao seu construto teórico, no plano cognitivo-conceitual. Vale atentar para o fato de que a integração conceitual não despreza as estruturas de conhecimento da memória de longo prazo, uma vez que, como veremos adiante detalhadamente, além de dar conta de representações *on-line*, também lança mão de instrumentos como os *Frames*, que, por seu turno, podem representar contextos *off-line*, como os da memória de longo prazo. Ou seja, a teoria da integração não precisa da metáfora conceitual para tratar de elementos atinentes à reportada memória, uma vez que, para tanto, a teoria da integração prevê, em seu escopo, recursos teóricos como os *frames*, dentre outros.

Em conformidade com Vanin (2012, p. 25), “[...] a construção dinâmica e interativa de conceitos [...] não pode ser observada apenas sob a perspectiva da Linguística Cognitiva, mas por meio de relações interdisciplinares com outras áreas.” Por outro lado, entendemos também que não é apenas uma perspectiva da Linguística Aplicada que pode dar conta da dinâmica discursivo-interativa da qual emerge a conceitualização, como defende Cameron (2008, 2010).

Acreditamos que para entender a conceitualização, precisamos reconhecer que o caminho da fragmentação não é viável, uma vez que eles decorrem do humano, e este, por sua vez, está conectado a um todo complexo interligado. Edgar Morin (2004, p. 37) diz que: “Conhecer o humano não é separá-lo do Universo, mas situá-lo nele. [...]. Todo conhecimento, para ser pertinente, deve contextualizar seu objeto. “Quem somos nós?” é inseparável de “Onde estamos, de onde viemos, para onde vamos?”

Nesse sentido, lançaremos mão do Perspectivismo Científico (Scientific Perspectivism), de Ron Giere (2006), no intuito de edificar uma interface metateórica para conjugar aportes teóricos da Linguística Cognitiva e da Linguística Aplicada, com vistas à conceitualização da violência no futebol.

Conforme o Perspectivismo Científico, proposto em Giere (2006), a base teórica de uma investigação baseia-se na construção do objeto em estudo (no caso desta dissertação, a conceitualização da violência no futebol); assim, ao se trabalhar com duas teorias diferentes, é possível integrá-las de forma a construir um novo ponto de vista teórico (VANIN, 2012). De acordo com Alberto Oliva (2008, p. 19), temos que:

Os grandes saltos de progresso – material e intelectual – estão ligados a mudanças de ótica, à identificação de novos nichos, à abertura de novos caminhos, à introdução de novas técnicas e tecnologias. Novas formas de abordagem ensejam

ver novas coisas ou até novas propriedades nos objetos mais familiares. Exagerando, pode-se dizer que novos pontos de vista descortinam “novos mundos”.

Nesse construto, a aproximação metateórica entre Linguística Aplicada e Linguística Cognitiva se justifica porque as áreas envolvidas buscam, a seu modo, explicar processos de conceitualização no fluxo das interações. Uma vez que em cada abordagem são explorados aspectos diferentes dos mencionados processos, a interface viria a colaborar ao produzir descrição e explicação coerentes para o fenômeno da conceitualização.

Na Linguística Aplicada, Cameron (2010) aposta em uma abordagem de metáforas cujo foco é a conceitualização. Para tanto, defende ser o discurso o *locus* da metáfora, e que esta é capaz de desvelar conceitos, ideias, crenças, valores, etc. Assim, em suma, a autora tenta compreender a conceitualização no e pelo discurso, a partir de uma sistematização de metáforas e metonímias presentes no fluxo discursivo, considerando o dialogismo bakhtiniano (como por exemplo, o interacionismo vigente no discurso). Cameron também procura alinhar sua proposta ao ora ascendente paradigma da Complexidade, em específico, à Teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos, assumindo o discurso como sistema complexo adaptativo. (CAMERON; LARSEN-FREEMAN, 2008). Sua abordagem, de fato, amplia a visão acerca do papel da metáfora na interação discursiva, oferecendo ainda instrumentos que dão conta da face discursiva da conceitualização, uma vez que esta, para Cameron, pode ser vista como uma emergência decorrente de interações discursivas, podendo ainda ser identificada a partir da articulação de mecanismos teóricos tais como metáforas, metonímias e/ou expressões metafóricas e/ou metonímicas sistematizadas no discurso. Por outro lado, Cameron não deixa muito claro que processos mentais e conceptuais subjazem, por exemplo, em metáforas, metonímias, combinações de conceitos e em outras formas de raciocínio expressas na linguagem em uso. Em vista disso, entendemos que é necessário que essa abordagem desenvolva e aponte, de forma mais clara e adequada, que aspectos cognitivo-conceptuais atinentes à conceitualização estão envolvidos nas interações discursivas. Para tratar disso, procuramos articular a Teoria da Integração Conceitual proposta por Fauconnier e Turner (2002) junto à abordagem de Cameron, no intuito de preencher as lacunas deixadas por esta autora, no que diz respeito aos aspectos cognitivo-conceptuais da conceitualização.

A integração conceitual é uma habilidade cognitiva básica do ser humano (FAUCCONNIER; TURNER, 2002). Estamos constante e rotineiramente realizando integrações conceituais. Um exemplo de integração conceitual “[...] é o fenômeno de torcer por um time de futebol. Integramo-nos afetivamente de tal maneira ao nosso time do coração, que nos alegramos muito quando ele ganha e sofremos muito quando ele é derrotado.”

(ABREU, 2010, p. 69). Integramos perfumes à beleza da mulher que o usa, músicas a eventos, fotografias a pessoas, integramos conceitos a outros, enfim, a integração conceitual está muito presente nas atividades humanas. Considerando a Teoria da Integração Conceitual, acreditamos que em interações discursivas também realizamos integrações conceituais. Segundo Fauconnier e Turner (2002, p. 89, Tradução nossa):

A integração conceitual está no coração da imaginação. Ela conecta espaços inputs, projeta-os seletivamente em um espaço mescla que, por sua vez, faz emergir estruturas por meio de operações como a composição, a complementação e a elaboração na integração.¹

Há princípios que regem a integração conceitual e, dentre eles, gostaríamos de destacar, aqui, o *unpacking*² que nos diz ser possível realizar a reconstituição da estrutura de uma integração conceitual ocorrida em dada situação, de modo a identificar os elementos do *Blending*³ tais como os espaços inputs, os mapeamentos interespaciais, o espaço genérico e a rede de conexões entre esses espaços. Isso indica que é possível descrever as redes de integração conceitual presentes na conceitualização da violência no futebol a partir das interações discursivas entre torcedores vítimas diretas e ou indiretas da reportada violência.

Nesse sentido, procuraremos analisar a conceitualização da violência no futebol em duas vias, tanto em *bottom-up*, ou seja, do discurso para cognição, quanto em *top-down*, ou seja, da cognição para o discurso.

Cameron interessa-se por uma abordagem discursiva de metáforas acerca do fenômeno da conceitualização, não ignorando aspectos cognitivos que possam, de certo modo, licenciar o uso de metáforas, metonímias etc; no entanto, como dissemos antes, a autora não propõem uma alternativa para dar conta desses aspectos em sua abordagem. Isso nos levou a pensar nas redes de integração conceitual, de Fauconnier e Turner, como uma alternativa viável para ser articulada com a abordagem de Cameron, uma vez que essas redes se manifestam podem se manifestar no aqui e agora das interações discursivas.

Por outro lado, mesmo concordando que a integração conceitual “é uma operação cognitiva amplamente aplicável” (FAUCONNIER, 1999, p. 102)⁴ e que é também um processo cognitivo criativo, de modo que novas estruturas podem ser criadas ilimitadamente, uma vez que opera com nossos universos físico e mental (FAUCONNIER; TURNER, 2002),

¹ No original: Conceptual integration is at the heart of imagination. It connects input spaces, projects selectively to a blended space, and develops emergent structure through composition, completion, and elaboration in the blend.

² Desempacotamento (Tradução nossa).

³ O *Blending* é, geralmente, traduzido como mesclagem ou mesmo como integração conceitual, ou como sua estrutura emergente e ou ainda como rede de integração.

⁴ No original: “Blending is a widely applicable cognitive operation”.

entendemos que há necessidade de evidências empíricas que corroborem as proposições teórico-metodológicas da Teoria da Integração Conceitual. Considerando isso, pretendemos trabalhar com elementos dessa teoria em dois planos, ou seja, tanto como suporte cognitivo-conceitual para a abordagem de Cameron, quanto como teste empírico para determinados aspectos e conceitos da própria teoria, tais como as redes de integração conceitual.

É nesse sentido que abordaremos aqui a conceitualização da violência no futebol por torcedores vítimas diretas e ou indiretas dessa violência na cidade Fortaleza-CE, ou seja, tanto verificando a emergência de metáforas sistemáticas e, possivelmente, de metonímias sistemáticas, no plano discursivo, quanto investigando redes de integração conceitual no plano cognitivo-conceitual.

Tendo em vista essas considerações, elencamos as seguintes questões de pesquisa: (i) a abordagem de metáforas sistemáticas, de Cameron, pode dar conta da conceitualização da violência no futebol, independentemente de outros aportes teóricos atinentes a aspectos cognitivos-conceituais? (ii) existem metonímias sistemáticas? Se existem, como podem ser caracterizadas e identificadas e qual a sua relevância para entender a conceitualização de violência no futebol? (iii) a teoria da integração conceitual, de Fauconnier e Turner, pode dar conta de aspectos cognitivos-conceituais relacionados à conceitualização da violência no futebol a partir de uma interação discursiva?

Estas perguntas podem ser sintetizadas pela questão norteadora dessa pesquisa, a saber: como ocorre a conceitualização da violência em uma interação discursiva entre torcedores de futebol?

No que diz respeito às respectivas hipóteses em relação às questões de pesquisa, temos o que se segue: (i) abordagem de metáforas sistemáticas, de Cameron, pode dar conta da conceitualização da violência no futebol, no plano discursivo; (ii) a abordagem de metáforas sistemáticas, de Cameron, permite, bem como possibilita a identificação e a caracterização de metonímias sistemáticas; e (iii) a teoria da integração conceitual, de Fauconnier e Turner, pode dar conta de aspectos cognitivos-conceituais não detalhados na abordagem, de Cameron, no que diz respeito ao fenômeno da conceitualização da violência no futebol.

Nesse sentido, nosso objetivo geral consiste em “analisar a conceitualização da violência no futebol na interação discursiva entre torcedores vítimas dessa violência, considerando a análise do discurso à luz das metáforas sistemáticas, de Cameron, bem como os aportes teóricos da Teoria da Integração Conceitual, de Fauconnier e Turner”. Deste, desdobram-se os seguintes objetivos específicos: (i) investigar à luz das metáforas sistemáticas, de Cameron, a conceitualização da violência no futebol por torcedores vítimas

diretas e ou indiretas da reportada violência na cidade Fortaleza-CE; (ii) verificar, a partir da abordagem de metáforas sistemáticas, se há metonímias sistemáticas na interação discursiva analisada, identificando seu papel na conceitualização bem como sua caracterização; e, por fim: (iii) analisar à luz da teoria da integração conceitual, de Fauconnier e Turner (2002), a conceitualização da violência no futebol por torcedores vítimas de violência no futebol na cidade de Fortaleza-CE, no intuito de investigar como as redes de integração conceitual podem contribuir para a abordagem, de Cameron, sobre conceitualizações em interações discursivas.

Quanto à organização da dissertação, há, basicamente, 6 capítulos. O capítulo 1 é esta própria introdução. O capítulo 2 tem como título o que se segue: “Sistema: um macro-conceito de três faces”. Este discorre, inicialmente, sobre a visão de Edgar Morin cuja proposta consiste, sumariamente, em conferir o estatuto de paradigma a ideia de sistema. Na sequência, o capítulo 2 começa a se afunilar em sub-capítulos que estão intimamente relacionados à proposta de Morin, uma vez que, tratam-se de teorias que tomam seus respectivos objetos como sistemas. Ademais, essas teorias relacionam seus objetos a sistemas que gozam de uma complexidade dinâmica de interações entre seus elementos a partir da qual emergem espécies de padrões. O capítulo 3 apresenta uma interface metateórica, considerando o Perspectivismo Científico, de Ron Giere, no intuito de convergir as teorias apresentadas no capítulo 2, a fim de conjugá-las nas análises, construindo um novo ponto de vista teórico sobre nosso objeto em estudo – a conceitualização da violência no futebol. O capítulo 4 trata da metodologia. O capítulo 5 reporta-se a análise e a discussão dos dados. Por fim, apresentamos as considerações finais no capítulo 6.

Vejamos, a seguir, o capítulo 2.

2 SISTEMA: UM MACROCONCEITO DE TRÊS FACES

Há vários tipos de sistemas: simples, complexos, complexos adaptativos, complexos não-adaptativos, lineares, não-lineares, dinâmicos, caóticos etc. Há também convergências entre esses tipos de sistemas em determinados construtos teóricos, integrando, por exemplo, os sistemas complexos com os dinâmicos, com os caóticos e quejandos. Considerando essa diversidade, os domínios conceituais nos quais um dado sistema pode se inscrever gozam de plasticidade tamanha a ponto de dificultarem o conhecimento do lugar epistemológico da noção de sistema no universo conceitual. Contudo, diante disso, tentaremos apresentar aqui um domínio conceitual de sistema, a partir da perspectiva de Edgar Morin, a fim de enquadrarmos o cenário teórico no qual este trabalho se insere.

Na obra “Ciência com Consciência”, Morin (2013) apresenta um capítulo específico para tratar de sistema, levantando, já na epígrafe, a seguinte pergunta: “sistema: paradigma ou/e teoria?” Posto isso, o autor propõe, logo de início, uma distinção entre generalidade do sistema e genericidade, deixando-nos entrever uma crítica à teoria geral dos sistemas, de Bertalanffy (1975), por esta teoria apresentar graves problemas quanto à sua tese de generalidade do sistema.

Seguindo esse viés, Morin (2013, p. 257) diz que a generalidade do sistema refere-se ao fato de que “[...] tudo aquilo que era matéria no século passado tornou-se sistema (o átomo, a molécula, o astro); tudo aquilo que é social foi sempre concebido como sistema.” Por outro lado, o autor deixa claro que essa generalidade não é suficiente para dar a noção de sistema seu lugar epistemológico no universo conceitual; alega também que “a teoria dos sistemas revelou a generalidade deles, mas não sua genericidade.” Ainda com o autor, a teoria dos sistemas resolveu aparentemente o problema epistemológico da seguinte forma:

[...] o sistema depende de uma teoria geral (a teoria dos “sistemas gerais”), mas não constitui um princípio de nível paradigmático: o princípio novo é o *holismo*, que procura a explicação no nível da totalidade e se opõe ao paradigma reducionista, que procura a explicação no nível dos elementos de base. (MORIN, 2013, p. 257).

Na sequência, o autor procura mostrar que o holismo depende do mesmo princípio simplificador que o reducionismo, ao qual se opõe (ideia simplificada do todo e redução do todo). Em seguida, retoma a crítica à teoria dos sistemas, assegurando ser esta contundente, porém infundada, uma vez que não elucida o conceito de sistema.

Para Morin (2013), a inteligência do sistema postula um novo princípio de conhecimento que não é o *holismo*, considerando que “isso só é possível se se conceber o sistema não só como um termo geral, mas também como um termo genérico ou gerador, como um paradigma.”⁵ O autor assegura ainda que “a noção de sistema foi sempre uma noção-apoio para designar todo o conjunto de relações entre constituintes formando um todo.” Ainda com o autor:

a noção só se torna revolucionária quando, em vez de completar a definição das coisas, dos corpos e dos objetos, substitui a de coisa ou de objeto, que eram constituídos de forma e de substância, decomponíveis em elementos primários, isoláveis nitidamente em espaço neutro, submetidos apenas às leis da “natureza”. A partir daí, o sistema separa-se necessariamente da ontologia clássica do objeto. ([...] o objeto da ciência clássica é um corte, uma aparência, uma construção simplificada e unidimensional que mutila e abstrai uma realidade complexa que se enraíza na organização física e na organização psicocultural). (MORIN, 2013, p. 258).

Ainda segundo Morin (2013), conhecemos a universalidade da ruptura que a noção do sistema traz com relação à noção de objeto; falta considerar a radicalidade dessa ruptura e a verdadeira novidade que ela poderia trazer.

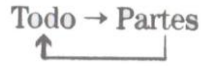
Em suma, a tese de Morin opõe-se à ideia de teoria geral e ou específica dos sistemas, defendendo a ideia de um paradigma sistêmico que deveria estar presente em todas as teorias, sejam quais forem os seus campos de aplicação aos fenômenos. Considerando isso, podemos dizer que, para o autor, o sistema é um paradigma; ou seja, ele está para além das teorias, norteando-as, inclusive.

A ideia desse novo paradigma, segundo Morin (2013, p.259), já havia sido expressa por Pascal da seguinte forma: “considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, como conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes.” Essa proposição, na lógica da simplificação, ainda em conformidade com Morin (2013), conduz a um impasse designado por Bateson pelo nome de *double bind*: as duas injunções (conhecer as partes pelo todo, conhecer o todo pelas partes) parecem dever anular-se em um círculo vicioso no qual não se vê nem como entrar, nem como sair.

Morin (2013) argumenta que se faz necessário extrair da fórmula de Pascal um tipo superior de inteligibilidade baseada na circularidade construtiva da explicação do todo pelas partes e das partes pelo todo, de modo que essas duas explicações não anulem seus caracteres concorrentes e antagônicos, mas se tornem complementares, no mesmo movimento que as

⁵ Vale ressaltar aqui que a definição de paradigma proposta por Morin, nesse trecho, afina-se, de certo modo, com a visão de Thomas Kuhn; vejamos, pois: “definindo-se paradigma aqui como o conjunto das relações fundamentais de associação e/ou de oposição entre um número restrito de noções-chave, relações essas que vão comandar-controlar todos os pensamentos, todos os discursos, todas as teorias.” (MORIN, 2013, p. 258).

associa. A ilustração que Morin (2013, p. 259) propõe para a relação todo e partes segue-se assim:



Ainda segundo Morin (2013), é esse circuito ativo que constitui a descrição e a explicação (não considerando aqui necessariamente a sequência em que as palavras Todo e Partes estão dispostas, mas sim as interações às quais possam aludir). Ao mesmo passo, nessa perspectiva, o sistema não deve ser considerado apenas como unidade global, o que, de certo modo, equivaleria pura e simplesmente a substituir a unidade elementar simples do reducionismo por uma macrounidade simples. O sistema deve, portanto, ser visto como unidades múltiplas também associadas a termos antagônicos. “O todo é efetivamente uma macrounidade, mas as partes não estão fundidas ou confundidas nele; têm dupla identidade, identidade própria que permanece (portanto, não redutível ao todo) identidade comum, a da sua cidadania sistêmica.” (MORIN, 2013, p. 260). Considerando isso, o autor ressalta ainda que os sistemas atômicos, biológicos, sociais indicam-nos que um sistema não é só uma constituição de unidade a partir da diversidade (interna) a partir da unidade. Exemplificando, Morin cita o princípio de exclusão de Pauli, que propõe uma diversificação eletrônica em volta do núcleo atômico; morfogêneses biológicas em que, a partir de um ovo indiferenciado, desenvolve-se um organismo constituído por células e por órgãos de extrema diversidade; sociedades que não só dão uma cultura-identidade comum a indivíduos diversos, mas também permitem por essa cultura o desenvolvimento das diferenças.

O autor defende ser necessário recorrer a um pensamento que opere a circulação Uno-Diverso entre dois princípios de explicação. Há, portanto, que se evitar a tentativa de equilibrar pensamento unificador e pensamento diferenciador, no intuito de, em vez de dosá-los, integrá-los em um circuito ativo em que se possa conceber a circularidade em que a diversidade organiza a unidade, e, ao mesmo passo, vice-versa. Então não basta conceber como problema central o da manutenção das relações entre todo/partes, uno/diverso; há que ver também o caráter complexo destas relações, formulado por Morin (2013) basicamente, assim:

- a) O todo é mais do que a soma das partes, princípio bem explícito e, aliás, intuitivamente reconhecido em todos os níveis macroscópicos, uma vez que em seu

nível surgem não só uma macrounidade, mas também emergências que são qualidades/propriedades novas.

- b) O todo é menos que a soma das partes, porque elas, sob o efeito das coações resultantes da organização do todo, perdem ou veem inibirem-se algumas das suas qualidades ou propriedades.
- c) O todo é mais do que o todo, porque o todo enquanto todo retroage sobre as partes, que, por sua vez, retroagem sobre o todo, ou seja, o todo é mais do que uma realidade global, é um dinamismo organizacional.

O autor argumenta que temos de compreender o ser, a existência, a vida como qualidades emergentes globais. Assim, para o autor, a vida é um feixe de qualidades emergentes resultantes do processo de interações e de organização entre as partes e o todo; esse feixe emergente retroage sobre as partes, interações, processos parciais e globais que o produziram. No que diz respeito a este princípio explicativo complexo, não se deve reduzir o fenomenal ao generativo, a superestrutura à infra-estrutura, mas a explicação deve procurar compreender o processo cujos produtos ou efeitos finais geraram seu próprio recomeço, processo que é designado por Morin como recorrente.

Seguindo essa perspectiva, Morin (2013) defende que:

- a) As partes são ao mesmo tempo menos e mais do que as partes. As emergências mais notáveis dentro de um sistema muito complexo, como a sociedade humana, efetuam-se não só no nível do todo (a sociedade), mas também e sobretudo dos indivíduos; assim, a consciência-de-si só emerge nos indivíduos. Nesse sentido:
- b) As partes são eventualmente mais do que o todo. O “progresso” não está necessariamente na constituição de totalidades cada vez mais amplas; pode estar, pelo contrário, nas liberdades e independências de pequenas unidades. A riqueza do universo não está na sua totalidade dispersiva, mas nas pequenas unidades reflexivas desviadas e periféricas que nele se constituíram.
- c) O todo é menos do que o todo. Há, dentro do todo, zonas de sombra, ignorâncias mútuas e até cisões, falhas, entre o reprimido e o exprimido, o imerso e o emergente, o generativo e o fenomenal. Há buracos negros em toda totalidade biológica e, sobretudo, antropossocial. Não é apenas o indivíduo parcelar que ignora e é inconsciente da totalidade social que é ignorante-inconsciente dos sonhos, das aspirações, pensamentos, amores, ódios dos indivíduos, e os milhares de células que constituem esses indivíduos ignoram esses sonhos, aspirações, pensamentos, desejos, amores, ódios... Se colocamos essa concepção dos buracos

negros e das zonas de sombras, de cisões e ignorâncias mútuas, no paradigma sistêmico, ele se abre para as teorias modernas do inconsciente antropológico (Freud) e do inconsciente sociológico (Marx).

- d) O todo é insuficiente, o que decorre de tudo quanto precede.
- e) O todo é incerto. Não sabemos com precisão isolar ou fechar um sistema entre os sistemas de sistemas de sistemas aos quais está associado e nos quais está imbricado ou encadeado. É igualmente incerto no sentido de que, no universo vivo, tratamos com politotalidades, em que cada termo seu pode ser concebido ao mesmo tempo enquanto parte e todo. Assim, no que diz respeito ao *homo*, qual é o sistema, a sociedade, a espécie, o indivíduo?
- f) O todo é conflituoso. Todo sistema comporta forças antagônicas à sua perpetuação. Esses antagonismos são, quer virtualizados ou neutralizados, quer constantemente controlados-reprimidos (por regulação, *feedback* negativo), quer utilizados de forma constitutiva: nas estrelas, a conjunção de processos contrários, tendendo uns para a implosão, outros para explosão, constitui uma regulação espontânea de caráter organizador; a organização viva só é inteligível em função da desorganização permanente, que degrada moléculas e células continuamente reproduzidas. No nível das sociedades humanas, há que compreender sistemicamente as ideias de Montesquieu, segundo a qual só os conflitos sociais estiveram na origem não só da decadência, mas também da grandeza romana, e de Marx, que liga a ideia de sociedade organizada em classes à de antagonismos entre as classes.

Nesse sentido, apóia-se a ideia de sistema em um conceito não totalitário e não hierárquico do todo, mas, pelo contrário, em conceito de unidades múltiplas, aberto às politotalidades. Podemos concordar com Morin que a problemática do sistema não se resolve na relação todo-partes, nem pode desprezar dois termos capitais esquecidos pelo *holismo*, a saber: a interação e a organização. Segundo o autor:

As relações todo-partes devem ser necessariamente mediadas pelo termo interações. Esse termo é tão importante quanto a maioria dos sistemas é constituída não de “partes” ou “constituintes”, mas de ações entre unidades complexas, constituídas, por sua vez, de *interações*. [...] Fez-se justamente constatar que um organismo não é constituído pelas células, mas pelas ações que se estabelecem entre as células. Ora, o conjunto dessas interações constitui a organização do sistema. A organização é o conceito que dá coerência construtiva, regra, regulação, estrutura etc. às interações. (MORIN, 2013, p. 264).

Nesse sentido, Morin (2013) propõe um conceito de sistema com três faces, a saber:

- a) sistema (que exprime a unidade complexa e o caráter fenomenal do todo, assim como o complexo das relações entre o todo e as partes);
- b) interação (que exprime o conjunto das relações, ações e retroações que se efetuam e se tecem em um sistema);
- c) organização (que exprime o caráter constitutivo dessas interações – aquilo que forma, mantém, protege, regula, rege, regenera-se – e que dá a ideia de sistema a sua coluna vertebral).

Esses três termos são indissolúveis, remetem uns aos outros; a ausência de um mutila gravemente o conceito: o sistema sem organização é tão mutilado como a organização sem conceito de sistema. Trata-se de um macroconceito. O clássico e tradicional entendimento simplificador trouxe à baila conceitos atômicos e não moleculares; conceitos químicos isolados e estáticos, e não conceitos orgânicos que se co-produzem na relação recorrente de sua interdependência.

A ideia de organização, segundo Morin, emergiu nas ciências sob o nome de estrutura, porém, ainda em conformidade com o autor, a estrutura é um conceito atrofiado, que remete mais à ideia de ordem (regras de invariância) do que à de organização; a visão estruturalista depende da simplificação, ou seja, tende a reduzir a fenomenalidade do sistema à estrutura que a gera e desconhece o papel retroativo das emergências e do todo na organização.

Nesse viés, o conceito de organização é assim como o sistema um conceito paradigmático superior. O paradigma da ciência clássica via a explicação na redução à ordem (leis, invariância, médias etc.). Vale ressaltar aqui que a visão de Morin não consiste em substituir a ordem pela organização, mas em associá-las, isto é, introduzir o princípio sistêmico-organizacional como princípio explicativo não-redutível, o que, simultaneamente, introduz a desordem. Segundo o autor, a organização cria ordem (criando o seu próprio determinismo sistêmico), mas também desordem: por um lado, o determinismo sistêmico pode ser flexível, comportar suas zonas de aleatoriedade, de jogo, de liberdades; por outro, o trabalho organizador produz desordem (aumento de entropia, ou seja, a degradação do sistema e da própria organização).

Tendo em vista essas considerações, Morin afunila a discussão, retomando o conceito de sistema e alegando ser este mais genérico do que geral. É genérico no sentido de ser um novo modo de pensar que a partir daí pode aplicar-se de forma geral. Por outro lado, Morin também retoma a crítica à teoria geral dos sistemas, de Bertalanffy, dizendo que para aplicar o modo sistêmico de pensar não é necessária uma teoria geral dos sistemas. A dimensão

sistêmica organizacional deve estar presente em todas as teorias relativas ao universo físico, biológico, antropossociológico, noológico. Em seguida, o autor acrescenta que a teoria geral dos sistemas, aplicada aos sistemas vivos ou sociais, baseada apenas na noção de sistema aberto, é totalmente insuficiente. Assim, o que parece necessário para o autor, portanto, é reconsiderar as teorias físicas, biológicas, antropossociológicas, aprofundando sua dimensão sistêmico organizacional e encontrando suas articulações: “a) nos conceitos organizacionais-chave; b) em um pensamento capaz de operar o anelamento dinâmico em circuito entre termos complementares, concorrentes e antagônicos.” Caso contrário, cai-se de novo nos vícios da redução, da homogeneização e da abstração que a teoria dos sistemas pretende solucionar.

Por fim, Morin (2013) assegura que:

- a) O sistema não é uma palavra-chave para a totalidade; é uma palavra raiz para a complexidade.
- b) Há que erguer o conceito de sistema do nível teórico para o paradigmático.
- c) A questão não é fazer uma teoria geral abrangendo o átomo, a molécula, a estrela, a célula, o organismo, o artefato, a sociedade, mas considerar de forma mais rica, à luz da complexidade sistêmico-organizacional, o átomo, a estrela, a célula, o artefato, a sociedade..., isto é, todas as realidades, incluindo, sobretudo, as nossas.
- d) Enquanto, no reino do paradigma de simplificação/separação, o ser, a existência, a vida se dissolvem na abstração sistêmica, que, então, se torna continuadora de todas as abstrações que ocultam a riqueza do real e provocam sua manipulação desenfreada, pelo contrário, o ser, a existência, a vida surgem necessariamente sob o efeito do desenvolvimento do conceito complexo de sistema/organização.
- e) Em outras palavras, a ideia sistêmica, em permanecendo teórica, não afeta o paradigma de separação/simplificação que julga superar (julgando superar a atomização reducionista); pelo contrário, seu “holismo” torna-se reducionista por redução ao todo. Só no nível do paradigmático, em que desabrocha verdadeiramente sua complexidade virtual, a sistêmica poderia abrir-se para uma nova organização (complexa) do pensamento e da ação.
- f) Uma nova racionalidade deixa-se entrever. A antiga racionalidade procurava apenas pescar a ordem na natureza. Pescavam-se não os peixes, mas as espinhas. A nova racionalidade, permitindo conceber a organização e a existência, permitiria ver os peixes e também o mar, ou seja, também o que não pode ser pescado.

- g) Organizava-se a partir de ordens – ordenando. Trata-se de ordenar a partir da organização, ou seja, dos jogos das interações das partes empenhadas com o todo. Nesse sentido, organizar deve substituir ordenar. Quanto mais complexa é a organização, mais comporta as desordens denominadas liberdade.
- h) A organização não é instituição, mas uma atividade regeneradora e geradora permanente em todos os níveis, e que se baseia na computação, na elaboração das estratégias, na comunicação, no diálogo.
- i) O paradigma sistêmico quer que dominemos não a natureza, mas o domínio, o que nos abre formas de ação que comportam necessariamente a autoconsciência e o autocontrole.
- j) Esse princípio conduz a uma prática responsável, liberal, libertária, comunitária (cada um desses termos sendo transformados por suas interações com os outros). Conduz também à redescoberta da questão da sabedoria e à necessidade de fundar a nossa sabedoria. A procura dessa sabedoria é, nesse sentido, a procura da superação da cisão que se operou no Ocidente entre o universo da meditação e o da prática social.

Essas considerações servirão de pano de fundo para o tópico a seguir cujo foco são os sistemas complexos adaptativos dinâmicos.

2.1 Sistemas adaptativos complexos

Em 1948, o matemático Warren Weaver publica um artigo intitulado “Science and Complexity” que suscita *insights* e questões fulcrais atinentes a sistemas complexos, à complexidade e à ciência em geral, norteando, em certo aspecto, até os dias atuais, estudos e pesquisas em torno desses temas, dentre os quais se destacam, por exemplo, os trabalhos desenvolvidos em um dos maiores centros de pesquisas sobre sistemas complexos, a saber: Santa Fe Institute (SFI), nos Estados Unidos da América (HOLLAND, 1995, 1998; MITCHEL, 2009). Neste propósito, Weaver (1948) já apontava problemas intrigantes que se configurariam como verdadeiros desafios para o futuro da ciência. O reportado artigo divide-se em três partes. Vejamos:

Na primeira, o autor apresenta um esboço histórico de problemas relacionados à ciência, distinguindo, em suma, dois tipos de problemas: o primeiro constitui-se de poucas e simples variáveis, ou seja, um problema que pode ser enquadrado como um sistema simples, podendo ser calculado, previsto e resolvido; o outro, por sua vez, constitui-se de numerosas

variáveis, entendido pelo autor como uma complexidade “desorganizada”. No entanto, para Weaver, este último tipo de problema também pode ser sistematizado, calculado, previsto probabilisticamente e solucionado. A diferença marcante entre um e outro reside no fato de o primeiro ser mais facilmente resolvido, dado seu menor número de variáveis. O segundo, ou seja, a complexidade desorganizada seria, grosso modo, um sistema mais complicado de resolver, uma vez que compreende um maior número de variáveis; no entanto, assim como o sistema simples, pode ser previsto probabilisticamente, calculado e resolvido.

Ocorre que, em meio aos sistemas simples e aos complexos desorganizados, Weaver assegura também existir a complexidade “organizada” que, por sua vez, engloba um moderado número de variáveis e interações entre estas que não podem ser capturadas em probabilidades estatísticas nem suficientemente reduzidas a fórmulas simples. Por outro lado, as distinções feitas por Weaver sobre os três mencionados tipos de sistemas – o simples, o complexo desorganizado e complexo organizado, não os colocam em posições estanques.

Na segunda parte do artigo, o autor enfoca a complexidade organizada, apontando como, no futuro, esta poderia ser abordada: a abordagem residiria, basicamente, no desenvolvimento de poderosos computadores e na colaboração interdisciplinar.

Na ocasião, Weaver já registrava visionariamente que cientistas desenvolveriam por si próprios novos agrupamentos de colaborações interdisciplinares cujos membros seriam oriundos de todos os campos da ciência, valendo-se de novos métodos de trabalho, instrumentalizados por poderosos computadores, contribuindo, profundamente, para um avanço em que, na segunda metade do século XX, seriam alcançados os conhecimentos de organismos essencialmente complexos, tais como os da biologia.

Diante desse quadro, podemos constatar hoje a concretização de muitas das previsões tecidas pelo autor, tais como a criação e o desenvolvimento de agrupamentos de colaborações científicas interdisciplinares, novos métodos, instrumentalizações tecnológicas relativamente bem mais avançadas e outras. Por outro lado, o prognóstico de Weaver quanto ao alcance do conhecimento da complexidade dos reportados problemas da ciência não se compatibiliza com o prazo previsto para a segunda metade do século XX, uma vez que muitas lacunas em torno da referida complexidade ainda não foram preenchidas no século subsequente; porém, é válido deixarmos claro que isso não desabona, nem de longe, a contribuição do autor.

Na terceira parte, ou seja, ao final do artigo, Weaver tece reflexões sobre o que é ciência, a que ela se propõe, quais seus limites e objetivos e, com certo otimismo, incita pesquisadores da complexidade, apontando possíveis caminhos para o conhecimento dos sistemas complexos organizados. Contudo, ainda permanecem muitas de suas questões

observadas. Citamos algumas aqui: o que faz a prímula da tarde abrir-se em seu momento? Como se descreve o amadurecimento (ou envelhecimento) em termos bioquímicos? Como alguém pode explicar o padrão de comportamento de um grupo organizado de pessoas, como um grupo de trabalhadores, ou uma minoria “racial”?

Ora, essas perguntas focam justamente a busca pela compreensão do que de fato vem a ser um sistema complexo organizado, seu funcionamento, sua padronização e a inteligência coletiva que conecta esses sistemas e seus subsistemas do micro ao macro-mundo. Com efeito, o autor sinaliza, reiteradamente, alguns caminhos pelos quais futuros cientistas poderiam trilhar no intuito de compreenderem os sistemas complexos, o que, em certa medida, é mais um prognóstico que pode ser constatado atualmente nas últimas publicações científicas acerca desse tema. A visão de Weaver reverbera, por exemplo, em diversas produções científicas, dentre as que destacamos aqui “Complexity: a guided tour”, de Mitchell (2009), pesquisadora do SFI.

Na obra acima, a autora apresenta conceitos como complexidade e sistemas complexos adaptativos dinâmicos. Descreve aspectos qualitativos da complexidade e suas mais variadas medidas quantitativas aplicadas por pesquisadores de diversas áreas no intuito de a sistematizarem; afirma, porém, que nenhuma dessas medidas é universalmente aceita pelos cientistas. Mitchell sustenta ainda que a ausência de consenso científico no tocante a uma definição quantitativa da complexidade deve-se basicamente a dois motivos: primeiro, ao fato de não existir só uma teoria e ou só uma ciência da complexidade; o outro motivo também, alegado, pela pesquisadora, consiste em argumentar que uma das características essenciais para a formação de uma nova ciência reside no conflito atinente à definição de seus termos centrais. Nessa perspectiva, o enfoque da autora afunila a discussão direcionando-se aos sistemas complexos.

Para Mitchell (2009), vários sistemas complexos podem ser observados na realidade: uma colônia de insetos, a internet (as redes sociais), o cérebro, etc. Esses sistemas podem ser totalmente diferentes, porém observados com certo grau de abstração, apresentam intrigantes propriedades em comum:

- a) Comportamento coletivo complexo: todos os sistemas descritos acima consistem em uma ampla rede de trabalho de componentes individuais (formigas, células, neurônios, criadores de websites, usuários da internet, etc.) cada um seguindo especificamente regras relativamente simples, sem controle central ou líder. São as ações coletivas de um vasto número de componentes que traz a complexidade à tona, com difícil previsibilidade e com mudanças de padrões de comportamento.

- b) Processamento e sinalização da informação: todos esses sistemas produzem e usam informações e sinais de ambientes tanto internos quanto externos.
- c) Adaptação: todos esses sistemas são adaptativos, ou seja, mudam seu comportamento para melhorar suas chances de sobrevivência ou sucesso, por meio de processos de aprendizagem e de evolução.

Ainda em conformidade com a autora, diferenciações, às vezes, são feitas entre sistemas complexos adaptativos, cuja propriedade de adaptação desempenha importante papel – e sistemas complexos “não-adaptativos”, tais como furacão ou um rio agitado e turbulento. A respeito disso, Mitchell opta por não entrar no mérito da discussão sobre os sistemas complexos adaptativos⁶ e os não-adaptativos, sendo a maioria dos sistemas discutidos em sua obra os de natureza adaptativa. A autora, todavia, afirma que não trabalha especificamente com a diferenciação desses sistemas em “Complexity: a guided tour”.

Para Mitchell (2009), sistemas em que comportamentos organizados emergem sem líder ou sem um controlador externo ou interno também podem ser chamados de sistemas auto-organizáveis. Nestes, regras simples produzem comportamento complexo em trajetórias de difícil previsão, e o comportamento macroscópico de tais sistemas é também chamado de emergente. Com isso, a autora propõe outra alternativa de definição para sistema complexo: um sistema que exhibe comportamentos não triviais, emergentes e auto-organizáveis.

Além das propriedades e das características já mencionadas até aqui sobre os sistemas complexos adaptativos, importa também dizer, ainda em conformidade com Mitchell, que eles são considerados dinâmicos. O conceito de dinamicidade que também delinea os sistemas complexos adaptativos não reside em uma mera discussão entre estático e dinâmico, porém decorre da Teoria dos Sistemas Dinâmicos (ou Dinâmica).

Para Mitchell (2009), a Dinâmica consiste na descrição e na predição de sistemas que exibem um comportamento mutável, não-linear e complexo no nível macroscópico (ou macro-nível), emergindo de ações coletivas oriundas das interações entre seus componentes. Ainda com a autora, a palavra dinâmica pode ser entendida como mudança, pois os sistemas dinâmicos mudam no tempo e em suas maneiras de mudar. Isto é, não só realizam mudança no padrão de comportamento, mas também mudam a forma de mudar seus padrões. Ainda quanto a estes sistemas, Mitchell (2009, p. 15) cita exemplos como: o sistema solar (a mudança dos planetas no tempo); o cérebro de determinados seres vivos; o mercado; a

⁶ O Físico Philip Anderson, na obra “More is Different” (1972), propõe uma classificação para os sistemas complexos em que diz que o de nível 4 pode ser considerado um sistema complexo adaptativo, ou seja, um sistema de alta complexidade e que necessita da condição e da flexibilidade de estarem se adaptando às mudanças internas e externas.

população global; o clima. Ademais, assegura que sistemas dinâmicos incluem estes exemplos e uma série de outros que possamos imaginar. “Até mesmo as rochas mudam com o tempo geológico”. A Teoria dos Sistemas Dinâmicos descreve em termos gerais os caminhos pelos quais os sistemas podem mudar, os tipos possíveis de comportamento no macro-nível e os tipos de predições que podem ser feitas acerca do comportamento desses sistemas (MITCHEL, 2009).

A autora segue tecendo considerações acerca dos sistemas complexos adaptativos dinâmicos, no entanto, problematizando mais ainda a questão dos tipos de predições acerca desses sistemas, de modo a convergir aportes teóricos da Dinâmica e da Teoria do Caos. Para tanto, Mitchel (2009) relaciona instrumentos teóricos da Dinâmica, como os tipos de predições possíveis sobre sistemas complexos adaptativos dinâmicos, com construtos teóricos oriundos da Teoria do Caos tais como a *dependência sensível dos reportados sistemas em relação a suas condições iniciais*.

Discorrer sobre como teóricos do caos chegaram histórica e cientificamente a tal construto poderia nos levar a uma digressão impertinente, considerando nossos propósitos neste trabalho. No entanto, cabe ressaltar que Mitchel (2009) embasa-se, sobretudo, nos trabalhos de Henri Poincaré (1889), ou seja, na topologia algébrica; nos trabalhos do meteorologista Edward Lorenz (1963); e, na Mecânica Quântica, considerando o princípio da incerteza, de Werner Heisenberg (1973). Busca demonstrar o mencionado construto teórico do caos atrelado aos sistemas complexos adaptativos cuja reiteração se segue: sistemas complexos adaptativos dinâmicos são sensíveis às condições iniciais. Esse construto teórico oriundo da Teoria do Caos é, portanto, integrado aos mencionados sistemas, na visão de Mitchel (2009), e sinaliza, basicamente, que pequenas diferenças nas condições iniciais desses sistemas podem culminar em resultados exponencialmente distintos; o que ficou mais conhecido como “efeito borboleta”.

Tendo em vista as considerações acima, vale atentar para o fato de que, situados nos extremos de um intervalo de 61 anos, os trabalhos de Weaver (1948) e de Mitchel (2009) apresentam-se como verdadeiras obras-chave dos estudos acerca dos sistemas complexos adaptativos dinâmicos. Dentro desse intervalo cronológico, os trabalhos de Edgar Morin (1984, 1990) e de Larsen-Freeman (1994, 1997, 2002, 2008), dentre outros, também apresentaram contribuições acerca dos reportados sistemas bem como acerca da complexidade em geral, delineando horizontes *trans-* e interdisciplinares que rompem a ordem cronológica e outras, permitindo-nos vislumbrar, além de outros ensejos, o discurso como um sistema complexo dinâmico adaptativo. Vale dizer ainda que os trabalhos de

Weaver e de Mitchel neste tópico servem de pano de fundo teórico para o que veremos no tópico subsequente.

2.2 Interação discursiva como sistema adaptativo complexo

De início, cabe uma breve reflexão sobre o pensamento complexo, ou seja, a complexidade: mais conhecida ainda como a Nova Ciência, para, em seguida, afunilarmos a discussão sobre interação discursiva como sistema adaptativo complexo (SAC). Segundo Morin (1990), a complexidade foi tratada marginalmente por determinados autores, suscitando mal-entendidos fundamentais. O primeiro mal-entendido, ainda em conformidade com o autor, consiste em conceber a complexidade como receita, como resposta, em vez de considerá-la como desafio e como uma motivação para pensar.

Acreditamos que a complexidade deve ser um substituto eficaz da simplificação, mas que, como a simplificação, vai permitir programar e esclarecer. Ou, ao contrário, concebemos a complexidade como o inimigo da ordem e da clareza e, nessas condições, a complexidade aparece como uma procura viciosa da obscuridade. Ora, repito, o problema da complexidade é, antes de tudo, o esforço para conceber um incontornável desafio que o real lança a nossa mente. (MORIN, 1990, p. 176).

O segundo mal-entendido consiste em confundir a complexidade com a completude. Ocorre que o problema da complexidade não é o da completude, mas o da incompletude do conhecimento. Nesse sentido, o pensamento complexo não se opõe a incompletude, mas posiciona-se contra a mutilação realizada por pensamentos simplificadores (ou mutilantes, como diz o autor) sobre o conhecimento. Morin exemplifica a ideia da seguinte forma:

se tentarmos pensar no fato de que somos seres ao mesmo tempo físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais, é evidente que a complexidade é aquilo que tenta conceber a articulação, a identidade e a diferença de todos esses aspectos, enquanto o pensamento simplificante separa esses diferentes aspectos, ou unifica-os por uma redução mutilante. (MORIN, 1990, p. 176).

Nesse sentido, a ambição do pensamento complexo consiste em prestar contas das articulações despedaçadas pelos cortes entre disciplinas, entre categorias cognitivas e entre tipos de conhecimento. Assim, a aspiração à complexidade, segundo Morin, tende para o conhecimento multidimensional, de modo que ela não pretende dar todas as informações sobre um fenômeno estudado, mas respeitar suas diversas dimensões. Morin enfatiza que:

O homem é um ser biológico-sociocultural, e que os fenômenos sociais são, ao mesmo tempo, econômicos, culturais, psicológicos etc. Dito isto, ao aspirar a multidimensionalidade, o pensamento complexo comporta em seu interior um princípio de incompletude e de incerteza. (MORIN, 2013, p. 177).

Assumindo uma posição assentada no pensamento complexo, Larsen-Freeman é legitimamente reconhecida como a primeira linguista a recorrer a teorias da Complexidade. Em 1994, introduz o conceito de Caos/Teoria da Complexidade, no segundo Fórum de Pesquisa sobre a linguagem em Montreal, no intuito de apontar uma nova perspectiva para lidar com determinadas questões de Linguística Aplicada e de Aquisição da Linguagem. Mas é só em 1997 que publica o primeiro artigo a respeito: “Chaos/complexity science and second language acquisition”. Nessa proposta, a autora defende que a aquisição de línguas é um sistema complexo não-linear com as mesmas características apontadas por pesquisadores da Complexidade – dinâmico, complexo, caótico, imprevisível, sensível às condições iniciais, aberto, auto-organizado, sensível a *feedback* e adaptável.

Em 2002, Larsen-Freeman publica “Language acquisition and language use from a Chaos/Complexity Theory perspective”, erigindo uma nova tendência de estudos no domínio da aquisição de segunda língua, a qual muitos linguistas da área têm-se filiado, deixando de lado perspectivas como a gerativista. Nessa perspectiva, a relação um input para um output, nos termos chomskyanos, dissolve-se diante da tese de que pequenas variações, interferências, insumos (inputs) nas condições iniciais do aprendizado podem levar a resultados totalmente imprevistos. O sujeito não é ideal; é real e, diante da realidade, depara com as mais distintas influências e sistemas situados integradamente em diversos planos tais como o cognitivo, o discursivo, o sociológico, o histórico, o ontogenético, o filogenético, dentre outros.

Lynne Cameron e Larsen-Freeman publicam, em 2008, “Complex Systems and Applied Linguistics”. Neste trabalho, as autoras alegam ser necessária a construção de uma teoria para a Linguística Aplicada. Nesse sentido, entendem que a Teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos revela-se como alternativa plausível para ser articulada e vinculada à reportada demanda teórica da Linguística Aplicada. Apostam também na possibilidade de categorizar o discurso, ou seja, a interação discursiva, como sistema adaptativo complexo. Para tanto, de certo modo, alinham-se, por exemplo, ao conceito desse sistema proposto por Mitchel (2009) e ao proposto por Morin (1995), apresentados nos tópicos anteriores, ou seja, concordam que um sistema adaptativo complexo (SAC) compõe-se de vários tipos de diferentes agentes e/ou elementos que interagem dinamicamente por meio de relações e conexões; de modo que é complexo não somente devido à multiplicidade de elementos e conexões entre os componentes, mas, pelas mudanças que constantemente ocorrem nas

relações entre os elementos, o que resulta em auto-organizações e emergências. Ainda nesse sentido, os SACs não são sistemas fechados, autocontidos, mas estão abertos a novas energias e interagem com elementos externos e internos a eles próprios, estando vulneráveis a mudanças. É diante desta instabilidade que decorrem adaptações e evoluções no sistema, o que equivale a dizer que o sistema dinamicamente se adequa ou muda a ponto de fazer emergir uma nova ordem, ou padrão que, por sua vez, estabiliza-se temporariamente.

As mudanças podem ser vistas como bifurcadas, isto é, os SACs não só mudam suas interações fazendo emergir padrões, porém também mudam a forma de realizar tais mudanças. Ainda nesse sentido, as mudanças podem ocorrer de forma suave e contínua ou podem ser repentinas à medida que o sistema muda de comportamento.

Um sistema complexo é caracterizado também por ter outros sistemas complexos dentro de si, podendo gerar resultados imprevisíveis, caóticos, devido às suas condições iniciais. Vale ressaltar aqui que a Teoria do Caos não deve ser confundida com a da complexidade, teorias estas que, em certa medida, contribuem para o embasamento dos SACs (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008).

Além das distinções entre sistemas complexos já apresentadas no tópico anterior a partir da perspectiva de Weaver (1948), destacamos aqui a de Palazzo (1999 *apud* AUGUSTO, 2009), em que o autor diferencia sistemas complexos de sistemas lineares ao afirmar que os primeiros “são todos constituídos de outros todos”, isto é, são subsistemas de sistemas. Ele lança mão da ilustração de um relógio, que desmontado, é constituído de partes e não de todos, pois se uma das partes faltar, o relógio não funcionará. Os sistemas complexos, por sua vez, não têm este tipo de relação de dependência entre seus elementos: “[...] se uma célula morre ou uma formiga se perde, isto tem pouco efeito sobre o sistema ao qual pertencem.” (PALAZZO, 1999, *apud* AUGUSTO, 2009, p. 39-40). Mesmo com alterações como estas, o sistema se mantém vivo e adapta-se com certa autonomia. As conexões entre os elementos do sistema são tão complexas que rapidamente este encontra um meio de adaptar-se. O impacto destas adaptações pode ser indeterminável em certas ocasiões.

De acordo com Brooks (2007), caos e complexidade se complementam, pois a imprevisibilidade dos sistemas caóticos surge da sensibilidade a qualquer transformação nas condições que controlam seu desenvolvimento. Nesse sentido, a complexidade do sistema encontra-se com o caos em um ponto crítico, o que Waldrop (1993, p. 12) chamou de a beira do caos: “a zona de batalha em constante alternância entre a estagnação e a anarquia, o ponto

onde um sistema complexo pode ser espontâneo criativo e vivo”⁷. Isto é, as sequências de adaptações forçam a dinamicidade do sistema para que este continue existindo. O sistema não se dirige a um equilíbrio, pois se assim o fizesse, deixaria de existir ao atingir o equilíbrio, porém o que ele busca é a estabilidade. Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 58) argumentam que quando “um sistema está na ou próximo à beira do caos, ele muda adaptativamente procurando manter-se estável, apresentando altos níveis de flexibilidade e de sensibilidade”⁸.

As estabilidades alcançadas encaminham-se para estados chamados atratores. Ainda segundo Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 50), um atrator é entendido como sendo “uma região específica no espaço de fases no qual o sistema tende a se movimentar”, isto é, um conjunto de estados preferíveis (mas não necessariamente previsíveis) para os quais o sistema tende a emergir padrões relativamente estáveis. Dentre os possíveis estados, aqueles que não são preferíveis são chamados de estados repelentes (DE BOT; LOWIE; VERSPOOR, 2007). Os atratores são temporários, mas dependendo da força que eles têm, mais ou menos energia será exigida do sistema para poder se movimentar e mudar para outras fases. É o que acontece, por exemplo, na interação discursiva, quando o tópico discursivo se torna interessante e conecta-se mais facilmente com o conhecimento prévio dos participantes de um grupo de discussão. Assim, a interação discursiva alcança uma estabilidade temporária e fica mais difícil para que, naquele momento, outro tópico discursivo seja desenvolvido. Nesse sentido, o tópico discursivo funciona como um atrator e, dependendo de outros agentes no sistema, ele pode ampliar ou diminuir sua força.

No intuito de aclarar mais ainda o conceito de atratores, Augusto (2009, p. 47) recorre a seguinte ilustração:

Se imaginarmos um casal dançando uma sequência de ritmos diferentes como, por exemplo, samba, *rock-and-roll*, salsa e *twist*, veremos que cada ritmo se configura como um atrator, pois o casal terá que assumir um padrão diferente de comportamento na elaboração dos diferentes estilos de dança e assim permanecer por algum tempo. No entanto, o casal de dançarinos poderá em um mesmo ritmo apresentar variações de comportamento. Por exemplo, a salsa pode ser dançada em diferentes ritmos e velocidades, assim como todos os outros estilos. Nesse caso, ocorreria que alguns autores [...] definem como sendo a variabilidade junto à estabilidade.

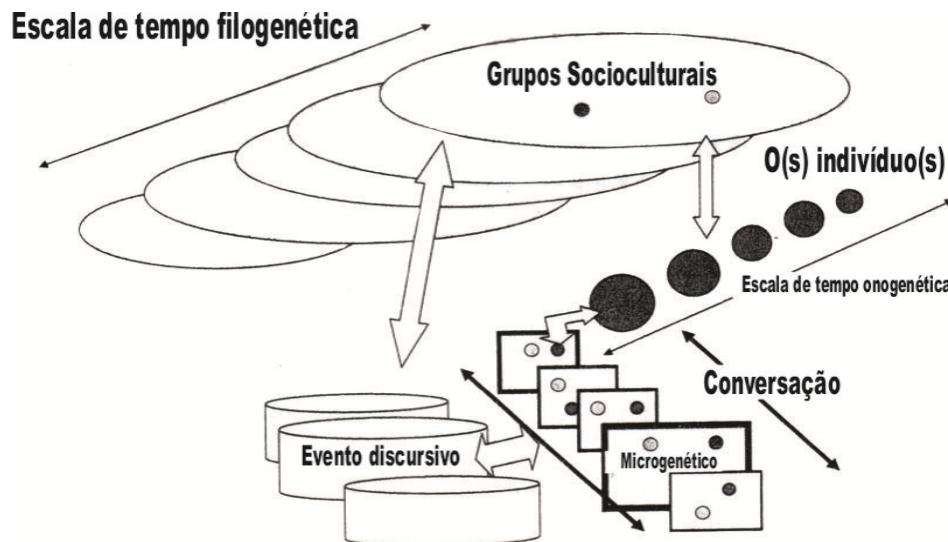
Larsen-Freeman e Cameron (2008) sugerem que o discurso e/ou a interação discursiva, além de ser um sistema complexo, está envolvido em vários sistemas complexos

⁷ The constantly shifting battle zone between stagnation and anarchy, the one place where a complex system can be spontaneous, adaptive and alive.

⁸ [A] system at or near the edge of chaos changes adaptively to maintain stability, demonstrating a high level of flexibility and responsiveness.

que se interrelacionam. Assim, uma descrição de discurso é desenvolvida como uma atividade de uso da linguagem multiplamente interconectada. Isto significa que algum momento da ação da fala é conectada a múltiplas escalas de tempo e a níveis de organizações humana e social através do enlaçamento e da interação entre os sistemas complexos. Conexões através das escalas de tempo implicam que as escalas de tempo histórica, neurológica e todas as outras estão conectadas no momento da atividade. Conexões através dos níveis de organizações humana e social implicam que a ação individual conecta-se a todos os grupos que influenciam o individual, de padrões engajados na fala a comunidades de fala e a todos os grupos socioculturais envolvidos.

Figura 1 – Interação das escalas de tempo e dos níveis de organização humana e social na dinâmica discursiva



Fonte: (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 168).

Para Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 162), “Um par ou um grupo de pessoas engajadas em uma interação discursiva são vistas como um sistema emparelhado, sendo os indivíduos espécies de subsistemas componentes.”⁹ Nesse sentido, no movimento interno do sistema emparelhado em uma interação discursiva, a fala de cada indivíduo é vista como um sistema complexo dinâmico que emerge da interação de subsistemas do corpo, do cérebro e da mente com recursos linguísticos contribuindo como um entre muitos sistemas complexos que interagem no sistema cérebro/mente no momento da interação discursiva (GIBBS, 2006; SPIVEY, 2007; THOMPSON; VARELA, 2001). O indivíduo é visto como conectado ao

⁹ A pair or group of people engaged in speech communication or talk-interaction are seen as a coupled system, with the individuals as componente subsystems.

ambiente; o que se coaduna, em certa medida, com uma perspectiva ecológica (VAN LIER, 2004). O ambiente e o contexto do discurso são partes inseparáveis do sistema complexo adaptativo dinâmico, com sistemas reagindo a mudanças através de leves construções e co-adaptações.

Uma perspectiva de sistema complexo pode ser vista como um produto da linguagem em uso, texto ou uma conversação completada, por exemplo, como um atrator emergente na trajetória de um sistema dinâmico. Mas para entendermos atratores emergentes, precisamos entender o sistema discursivo dinâmico que os produzem. Para tanto, Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 163) apontam três sentidos de discurso:

O sentido (I) transforma-se em um epifenômeno da atividade discursiva do sistema. Por exemplo, quando nós consideramos duas pessoas engajadas em uma fala, a conversação emerge da dinâmica de como elas falam uma com a outra, enquanto o que dizem reflete e constrói o que elas são como seres sociais. Os sentidos (II) e (III) são inseparáveis em uma perspectiva da complexidade em que eles poderiam ser vistos como referindo-se à atividade discursiva em um sistema adaptativo complexo dinâmico em distintos, mas interacionais, níveis de organizações humana e social e de escalas de tempo. O sentido (II) de “discurso” requer que produto e processo do uso da linguagem sejam considerados juntos – a produção, interpretação e o texto pelo indivíduo (FAIRCLOUGH, 1989 *apud* LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008). O sentido (III), que é o do Discurso com ‘D’ maiúsculo, inclui assunções ideológicas que circulam nas práticas sociais convencionalizadas e no uso da linguagem (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008).

Esses três sentidos de discurso podem ser trabalhados juntos para vermos o discurso como ação em um sistema adaptativo complexo emparelhado ao momento microgenético da linguagem em uso. Nessa perspectiva, o que foi posto até aqui serve de base para entendermos, no tópico seguinte, a abordagem de metáfora sistemática em uma interação discursiva, em conformidade com Cameron.

2.3 Metáfora Sistemática

Ainda nos idos dos anos 90 do século passado, Cameron propunha uma abordagem incipiente de metáfora sistemática como um tipo de reação a tradição lakoffiana de metáforas conceituais. Cameron (2007) acredita que para se compreender a metáfora é necessário estudá-la em seu uso dialógico como parte integrante do uso da língua, por sua vez, entendida como um sistema adaptativo complexo dinâmico, e não só como uma instanciação de uma

competência fixa. Cameron e Maslen (2010) alegam ainda que o enquadramento da dinâmica discursiva da metáfora inspirou-se na teoria da metáfora conceitual, de Lakoff e Johnson, no entanto rejeita essa formulação de metáfora em termos de domínios conceituais altamente generalizados e pré-existentes ao uso de metáforas na linguagem. (CAMERON; MASLEN, 2010, p. 77).

Em vez de se alinhar à teoria da metáfora conceitual, Cameron (2010) argumenta que o enquadramento da metáfora sistemática é delineado para aplicar a metáfora na linguagem em uso bem como na interação social, e construir uma teoria explanatória daquilo que podemos acessar no discurso. O mencionado enquadramento apoia-se psicologia cognitiva e na teoria sociocultural vigotskyana, assim como em vários tipos de análise do discurso.

Sustentar esse enquadramento da dinâmica do discurso é assumir a interconexão das dimensões da metáfora em uso (linguística, cognitiva, afetiva, física, cultural) (CAMERON; MASLEN, 2010, p. 78). Nessa perspectiva, Cameron (2010) reconhece haver um verdadeiro mosaico de dimensões da metáfora, porém seu interesse de abordagem oscila entre o linguístico, o cultural, o social e o afetivo. Ao rejeitar a metáfora conceitual, a dimensão cognitiva da metáfora na abordagem da autora não é aclarada. Para dar conta dessa questão, trabalharemos mais adiante com a teoria da integração conceptual. Por ora, cabe voltar da breve digressão e retomarmos a metáfora sistemática.

Nessa abordagem, as metáforas emergem no fluxo discursivo como tentativas de estabilizar a dinâmica e a variabilidade discursiva. Com efeito, padrões metafóricos são gerados quando interlocutores assumem um “pacto conceitual” de como falar sobre determinados tópicos. Assim, os interlocutores usam metáforas linguísticas relacionadas aos tópicos discursivos que vão surgindo na interação. A metáfora sistemática diferencia-se de uma metáfora linguística, pois ela é um agrupamento destas ligadas aos tópicos discursivos. A metáfora sistemática também pode ser vista como uma conceitualização que se estabiliza temporariamente na interação discursiva a partir da relação entre veículos metafóricos e tópicos discursivos. Estes mecanismos da metáfora sistemática serão detalhados mais adiante nos tópicos subsequentes a este. Por enquanto, voltemo-nos à metáfora sistemática que é, portanto, uma conceitualização *ad hoc*, ou seja, que emerge no aqui e agora da interação discursiva. Cabe ao analista, rastrear as metáforas linguísticas ligadas a determinados tópicos discursivos de uma interação discursiva para, em seguida, propor cuidadosamente a metáfora sistemática que melhor representa a conceitualização ocorrida a partir da rede ou do agrupamento de metáforas e ou expressões linguísticas ligadas a tópicos discursivos (CAMERON; MASLEN, 2010).

A metáfora sistemática acontece no nível microgenético, pois é uma junção dos veículos metafóricos que estão organizados sob um mesmo tópico discursivo. Ela apresenta um certo grau de generalidade, porém não tendente à universalização. A sua generalização significa uma forma prática de agrupar os vários veículos semanticamente semelhantes entre si. Portanto, pode-se afirmar que é a emergência de um momento da estabilização dos conceitos, das opiniões, dos valores e até mesmo das formas linguísticas do discurso: as metáforas sistemáticas “conectam o nível local do uso da metáfora ao nível do evento discursivo”¹⁰.

As metáforas sistemáticas são resultados de um processo *bottom-up* de produções locais no discurso, é uma generalização específica do evento discursivo. Seu método de análise apresenta algumas vantagens como a flexibilidade na interpretação de metáforas, metonímias e expressões literais; a livre combinação de mais de uma metáfora sistemática através de seus veículos; e apresentam sistematicidade ao longo do discurso, isto é, devem aparecer mais de uma vez, implicitamente nas falas, por mais de um falante, pois estas metáforas indicam a negociação de sentido entre os interlocutores.

Afunilando agora a discussão para os veículos metafóricos, vejamos o que se segue: Cameron (2007) realizou análises a partir do discurso de reconciliação entre vítima e agressor, através de uma conversa face-a-face, método entendido como “falando-e-pensando”¹¹. Um membro do IRA¹², Pat Magee, explodiu um hotel onde estavam reunidos líderes do governo inglês. Anos depois, a filha (Jo Berry) da vítima (Sir Anthony Berry) decidiu ter um encontro com o autor do atentado para entender os motivos e as razões que o levaram a cometer o crime. Cameron (2007) analisa as metáforas que emergem durante o discurso, e é interessante ressaltar como elas são negociadas durante as falas dos interlocutores:

¹⁰[...] connect the local level of metaphor use to the discourse event level.

¹¹Em inglês, Cameron denomina este método como *talking-and-thinking*. A hifenização, segundo a autora, deve-se à inseparabilidade entre linguagem e pensamento.

¹²*Irish Republican Army*: grupo militante contra o domínio político inglês sobre a Irlanda do Norte.

Excerto 4

- 115 PAT ...você viu isso como se fosse indivíduos.
 116 ou você viu isso como um tipo de –
 117 ... a grande ... imagem política,
 118 o IRA
 119 ou,
 120 ... a guerra,
 121 ...hum você sabe o que eu quero dizer,
 122 er
 123 JO sim,
 124 PAT ... você estava –
 125 você estava ciente que há um –
 126 hmh
 127 eu vi ambos (CAMERON, 2007, p. 204). Trecho traduzido por Lima (2012).

As expressões linguísticas sublinhadas são chamadas de veículos metafóricos, e é a partir deste nível (microgenético) que as análises de metáforas discursivas são iniciadas, uma vez que, tecnicamente, a metáfora sistemática compõe-se, basicamente, como dissemos antes, de dois mecanismos, a saber: os veículos metafóricos e os tópicos discursivos. Vejamos com especificidade os veículos metafóricos no próximo tópico.

2.3.1 Veículo Metafórico

Veículo metafórico pode ser entendido como um item lexical, o qual tem seu significado contrastado com o significado que se apresenta no contexto discursivo, isto é, um significado situado para determinado discurso (CAMERON, 2007). De acordo com Cameron e Maslen (2010), o veículo metafórico, para ser considerado como tal, deve satisfazer, basicamente, duas condições:

- a) Demonstrar contraste ou incongruência entre o significado “básico” (ou mais convencional) ou “primeiro” da palavra ou frase e o significado que aparece no seu contexto discursivo;
- b) Demonstrar transferência de sentido, que torna o significado contextual capaz de ser entendido nos termos do significado “básico” (ou mais convencional).

Por significado básico, segundo Cameron e Maslen (2010), entende-se que seja um ou mais itens lexicais¹³ que façam referência a algo concreto (sensorial – evocam algo mais fácil de imaginar, ver, ouvir, sentir, cheirar e degustar), relacionando a algo que tenha mais

¹³Na abordagem da dinâmica do discurso, a metáfora não se limita a somente uma unidade lexical, como o grupo Pragglejaz (2007) faz. O pesquisador é que, cuidadosamente, decide, de acordo com os objetivos da análise, onde começa e termina um veículo (CAMERON; MASLEN, 2010).

precisão (oposto a sentido vago) e, talvez, até mesmo apresentem um sentido mais antigo do que o contextual.

Em um primeiro momento, quando o veículo emerge, há certa instabilidade no discurso, até o momento em que outro falante utiliza o mesmo veículo metafórico ou expressões relacionadas a ele para comunicar os seus sentimentos e pensamentos.

Ao longo do desequilíbrio do sistema discursivo, os veículos atravessam o que é denominado de “mudança metafórica” (CAMERON, 2008), um fenômeno da metáfora em uso. Quando as pessoas estão envolvidas em diálogo, elas raramente produzem metáforas que estejam contidas em uma só afirmação, mas observa-se que elas estão distribuídas, ajustadas e desenvolvidas ao longo das várias sentenças. Cameron (2008) elenca os seguintes tipos de mudança metafórica que delineiam algumas possibilidades disponíveis aos falantes bem como seus possíveis resultados em contextos discursivos particulares, são eles, a saber:

- a) O reemprego (*redployment*) do veículo metafórico: quando o mesmo termo ou um item lexical semanticamente próximo é reutilizado como tópico diferente. Isto é, ocorre o que é chamado de mudança referencial tópica, e também ocorre a apropriação metafórica (*metaphor appropriation*) (quando outro participante faz uso deste mesmo veículo em outro tópico discursivo).
- b) O desenvolvimento (*vehicle development*) do veículo metafórico: quando o mesmo termo é repetido, explicado, exemplificado, contrastado e/ou relexicalizado dentro do mesmo tópico discursivo ou em tópicos conexos.
- c) A literalização (*vehicle literalization*) do veículo metafórico: quando um termo tem o seu simbolismo carregado do seu uso literal. Isto é, metonimicamente, contextualiza tópicos discursivos aparentemente distantes, inserindo-os em um só tópico ao servir como “ponte” e símbolo para o novo tópico.

Essas mudanças metafóricas evidenciam a negociação de sentido entre os interlocutores no fluxo discursivo, em que tópicos são retomados e conceitos são elaborados e re-elaborados, quando há necessidade. A negociação de sentido na interação discursiva não é fechada ou padronizada, mas dinâmica e, às vezes, inesperada.

Os veículos metafóricos podem ser compreendidos como os elementos que alinham as conceitualizações que ocorrem nos e dos participantes do discurso, isto é, os subsistemas presentes em cada participante interagem no discurso, fazendo emergir novos significados. Estes subsistemas são sistemas dinâmicos complexos de linguagem e cognição. Os veículos emergem a partir da dinamicidade da progressão discursiva e mantêm o sistema aberto às

mudanças por parte de fatores externos (sócio-históricos) e internos (mentais, crenças particulares etc). Eles potencializam links infinitos a outros conceitos (CAMERON, 2008).

A ideia de veículos metafóricos sugere uma análise metafórica indutiva, ou seja, em um nível microgenético, contrastando com as generalizações (nível macrogenético) como, por exemplo, a habilidade cognitiva da integração conceitual.

Vejam, agora, no tópico seguinte, o outro mecanismo da metáfora sistemática: o Tópico Discursivo.

2.3.2 Tópico Discursivo

A interação discursiva se conduz e se organiza através de tópicos, que conferem dinamicidade da estrutura conversacional. Portanto, o tópico é resultado da confluência de subsistemas atuantes no sistema maior, o discurso. Em miúdos, os tópicos são fragmentos da conversação em que há a participação colaborativa, assentada em um complexo de fatores contextuais, tais como o conhecimento recíproco dos interlocutores, os conhecimentos compartilhados, as circunstâncias da conversa, as diferentes crenças e visões de mundo etc.

Nesse sentido, Cameron e Maslen (2010, p. 82) definem a atividade discursiva da seguinte maneira: “Nós também podemos entender a atividade discursiva de cada participante como a emergência de múltiplos subsistemas interagindo em cada indivíduo: sistema complexo dinâmico da linguagem, sistema complexo dinâmico cognitivo [...]”¹⁴

Por ser o tópico parte do discurso, também pode ser entendido como parte do agrupamento destes subsistemas e, portanto, considerado como categoria de análise da interação discursiva, operacionalizável para este trabalho. O tópico comporta em si elaborações metafóricas que sugerem a dinâmica cognitiva e discursiva em jogo.

O tópico discursivo não deve ser confundido com a noção de tema/rema. Ele está para além da estrutura sentencial, pois, apesar das mudanças de tema e rema que as sentenças possam sofrer, as sequências de turno de uma conversação e as suas contribuições convergem predominantemente para um determinado assunto. Portanto, a noção de tópico discursivo está intimamente ligada a “assunto”, ou tema que sintetiza um segmento discursivo.

A identificação de tópicos parece um procedimento intuitivo por parte do pesquisador, por não se encontrar necessariamente materializado no discurso. Por outro lado, sabe-se que a comunicação humana se desenvolve sobre assuntos, sendo consensual, entre muitos

¹⁴We can also understand the discourse activity of each participant as emerging from multiple interacting subsystems within each individual: complex dynamic language systems, complex dynamic cognitive [...]

estudiosos, “[...] que os usuários da língua têm noção de quando estão discorrendo sobre o mesmo tópico, de quando mudam, cortam, criam digressões, retomam, etc.” (FÁVERO, 1999, p. 39). Nesse sentido, identificaremos os tópicos aqui a partir da interação discursiva em análise, de modo que eles se reportem a um tópico mais amplo, no caso, a violência no futebol.

Ainda dando continuidade à proposta de Cameron e já preparando a introdução do próximo item, importa unir a Teoria da Integração Conceitual à abordagem de metáforas sistemáticas, de Cameron, pois esta pode dar conta de aspectos discursivos dos processos de conceitualização, porém não apresentando uma explicação para a dimensão cognitiva desses processos. Nesse viés, acreditamos que a Teoria da Integração Conceitual pode complementar a abordagem de Cameron.

Segundo Turner (2007, p. 26 *apud* MIRANDA, 2010, p. 141):

Modelar o pensamento e a linguagem (e, portanto, o pensamento e a linguagem que “soam” figurados envolve modelar seus sistemas adaptativos complexos em interação. O modelo de rede é apenas um modesto gesto nessa direção. Nele, elementos conceituais e formais já existentes e seus similares são espaços de entrada que é seletiva e que resulta em uma estrutura emergente. Resultados de integração podem se tornar espaços de entradas para outra integração. O resultado é um desenvolvimento, semelhante a um trajeto, de um sistema no qual elementos se relacionam com outros elementos. O que pode surgir no sistema, a qualquer momento de sua evolução, depende daquilo que já surgiu e ainda perdura. O sistema é dinâmico: ele nunca se mantém estático.

Nesse sentido, apresentamos até aqui que a interação discursiva é um sistema adaptativo complexo e que engloba vários outros. No plano da linguagem (do discurso), Cameron se propõe a analisar processos de conceitualização através das metáforas sistemáticas, norteando-se no e pelo discurso, sem descrever aspectos cognitivos-conceituais que interagem sistemática e dinamicamente com a superfície linguística. Em oposição, entendemos que o plano cognitivo-conceitual não pode ser desprezado nos estudos dos processos de conceitualização, haja vista a tese de Vygostky que é basicamente a de que não há possibilidade de linguagem integral sem pensamento, nem de pensamentos integrais sem linguagem.

Tendo em vista essas considerações, acreditamos ser válida a integração de aportes teóricos de cunho cognitivo-conceitual com os de plano discursivo. Assim, unir a Teoria da Integração Conceitual com a abordagem de Metáforas Sistemáticas é uma proposta de complementação mútua desses aportes teóricos no intuito de compreender processos de conceitualização, considerando a dinamicidade dos sistemas adaptativos complexos que estão tão intimamente integrados: linguagem e pensamento.

2.4 Teoria da Integração Conceitual

Considerando a Linguística Cognitiva e seu compromisso epistemológico com um tipo de realismo experiencialista, ou seja, um eixo que conjuga objetivismo e subjetivismo situadamente a partir das experiências do sujeito no espaço e no tempo, apresentaremos aqui a Teoria da Integração Conceitual, de Fauconnier e Turner (2002). Nesse sentido, convém uma breve introdução acerca do percurso histórico da metáfora, no intuito de situar o aporte teórico mencionado acima para nossa abordagem.

Consta, portanto, que a abordagem clássico-aristotélica acerca da metáfora sustentou-se “hegemonicamente” por séculos. Nessa perspectiva, a ênfase se dava na linguagem, e a metáfora era vista, basicamente, apenas como figura de adorno poético, marcada, portanto, pela função exclusivamente estilística. Em geral, pesquisadores alegam que o abandono dessa visão da metáfora é associado ao ano de publicação da obra-chave da teoria cognitiva da metáfora, “*Metaphors We Live By*”, de Lakoff e Johnson (1980).

“Essa nova teoria constitui a perspectiva holística em oposição à linha gerativista dentro da Linguística Cognitiva e introduz o assim chamado *cognitive turn*¹⁵” em relação aos estudos sobre metáforas em geral (SCHRÖDER, 2010, p. 130). No entanto, considerando a perspectiva kuhniana acerca das revoluções científicas, podemos dizer que esta teoria não representa uma ruptura paradigmática face à visão tradicional aristotélica, como sugerido em muitas abordagens a respeito. Muito pelo contrário, boa parte das ideias básicas já se encontrava em uma série de estudos das áreas filosófica, psicológica e linguística, embora não sejam consideradas pela teoria conceptual da metáfora¹⁶ (SCHRÖDER, 2010).

A teoria conceptual da metáfora (doravante TCM), como sua própria epígrafe pode sugerir, consiste em conferir uma dimensão cognitiva à metáfora. Para tanto, podemos dizer, sumariamente, que nesta, os seus autores, Lakoff e Johnson (1980), defendem a tese de que a metáfora não é uma mera figura de linguagem destinada apenas ao universo poético; muito mais do que isso, ela faz parte do uso cotidiano das pessoas; ensejo este que, dentre outros, observados pelos autores, direcionou-lhes a postularem que a metáfora é um subsistema do sistema conceptual humano.

Assim, para Lakoff e Johnson (1980), sendo a metáfora parte do sistema conceptual humano, ela (ou seja, a metáfora conceptual) licencia metáforas linguísticas e ou expressões

¹⁵Virada cognitivista. (tradução nossa).

¹⁶Concordamos, neste ponto, com Schröder (2010, p. 130) no que diz respeito à distinção entre os termos ‘teoria cognitiva da metáfora’, que inclui todas as abordagens pertencentes ao paradigma holístico da Linguística Cognitiva, e ‘teoria conceptual da metáfora’, que se refere exclusivamente à teoria de Lakoff e Johnson.

metafóricas no uso cotidiano, bem como possibilita o entendimento destas na comunicação. Assim, a metáfora conceptual é tida como uma instância conceptual, de natureza ontogenética e filogeneticamente humana, que, ao maturar-se na cognição através da experiência corpórea situada socioculturalmente, possibilita o uso de metáforas linguísticas na linguagem cotidiana.

Na TCM, a metáfora conceptual estrutura-se a partir de dois domínios que são, a saber: o domínio-fonte e o domínio-alvo. Nossas experiências mais concretas fornecem insumo ao domínio-fonte que, por sua vez, projeta-se¹⁷ no domínio-alvo, em sentido unidirecional, o que possibilita, de um lado, o uso de expressões linguístico-metafóricas, e, de outro, sinaliza como se daria a produção e a compreensão de sentido nesta proposta (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

Estudos posteriores (FAUCONNIER; TURNER, 1998; GRADY, 1997; JOHNSON; 1997; NARAYANAN, 1997) revelaram lacunas da Teoria Conceptual da Metáfora, acarretando-lhe uma reestruturação. Nessa perspectiva, Lakoff e Johnson publicam, em 1999, a obra “*Philosophy in the flesh: The Embodied Mind and Its Challenge to Western Thought*”, integrando contribuições dos autores mencionados e de Lakoff (1999), e sintetizando estudos na área da semântica cognitiva e da neurociência.

No entanto, após isso, mesmo já reestruturada, a TCM continua tendo alguns de seus aspectos questionados, tais como o seu mecanismo bidominal e o sentido unidirecional das projeções do domínio-fonte para o domínio-alvo, que, de certo modo, são refutados pela Teoria da Integração Conceptual¹⁸, de Fauconnier e Turner (2002). Estes autores nos apresentam evidências através das quais podem ser constatadas projeções bidirecionais entre ambos os domínios fonte e alvo, implicando ainda na formação de um terceiro domínio, podendo este ser visto, grosso modo, como uma espécie de terceiro domínio da metáfora conceptual. Na verdade, Fauconnier e Turner (1995) ampliam o alcance de teorias atinentes à metáfora e consideram a projeção metafórica entre dois domínios como um subcaso específico de um processo cognitivo mais abrangente a que designam de Modelo de Espaços Múltiplos (*many-spaces model*). Fauconnier e Turner (1995, 2002) propõem não uma simples reformulação na estrutura bidominal da metáfora conceptual, porém muito mais do que isso. De fato, podemos até facilmente constatar que a proposta teórica de Fauconnier e Turner

¹⁷Normalmente, na Linguística Cognitiva, ao referir-se à relação entre domínio-fonte e domínio alvo, também se usa a expressão ‘mapear’ em vez de ‘projetar-se’; ou seja, diz-se que o domínio-fonte mapeia o domínio-alvo.

¹⁸A teoria da integração conceptual, de Fauconnier e Turner (2002), supõe que mapeamentos entre espaços mentais representam o núcleo da habilidade cognitiva humana da produção da transposição e do processamento do significado. O ponto crucial é que, na teoria da integração, os dois espaço inputs trazem sua própria estrutura ao espaço em que se dá a mescla, o que rompe com a tese da unidirecionalidade de Lakoff & Johnson (SCHRÖDER, 2010, p. 132).

(2002) se inspira na Metáfora Conceptual, no entanto, ambas se distinguem enquanto construtos teórico-metodológicos e aplicabilidade. Os autores da Teoria da Integração Conceitual (ou da Mesclagen(s)) pretendem abranger nessa teoria vários fenômenos cognitivos e não apenas a questão metafórica; assim, eles propõem a substituição da expressão “domínio conceitual” por “espaço mental”, o que implica também em mudanças teórico-metodológicas.

A Teoria da Integração Conceitual começou a ser desenvolvida em 1993 com a publicação do artigo “Integral Conceptual and Formal Expression”. Neste, Fauconnier e Turner tomam como principal referência a obra “The Act of Creation”, de Arthur Kostler (1964), considerando este autor como o precursor da Teoria da Integração Conceitual. Kostler identificou padrões comuns nas artes, na ciência e no humor que se designam pela expressão ‘*bisociation of matrices*’.

Em 1994, Gilles Fauconnier propõe a teoria dos espaços mentais em uma obra chamada “Mental Spaces”. Para tanto, o autor inspirara-se na constatação de Mark Turner de que a linguagem não veicula sentidos, ela apenas os induz: “palavras e/ou expressões não significam; elas são propostas de significado para que nós construamos sentidos com processos que já conhecemos”¹⁹ (TURNER *apud* FAUCONNIER, 1994, p. 22).

Nesse sentido, considerando Kostler o precursor da TIC, consta que, seus discípulos, Fauconnier e Turner procuraram atualizá-la, conferindo-lhe, ao longo de seu desenvolvimento, dentre outros aspectos, uma nova terminologia; ensejo este que pode ser observado ao publicarem, em 2002, a obra “The Way We Think: Conceptual Blending and the Mind’s Hidden Complexities”. A TIC passa por outra nova atualização, por assim dizer, em 2007, através da publicação do artigo “Conceptual integration networks”, apresentando-se como um capítulo da obra “The Cognitive Linguistics Reader”, organizada por Vyvyan Evans, Benjamim K. Berger e Jörg Zinken. Nesse artigo, o maior enfoque direciona-se às redes de integração conceitual às quais aludiremos mais adiante.

A Teoria da Integração Conceitual, ou, ainda, mesclagem conceptual é uma teoria geral da cognição (FAUCONNIER; TURNER, 2002). De acordo com esses autores, determinados elementos e relações fundamentais oriundos de nossas experiências são mescladas²⁰ em um processo subconsciente conhecido como mesclagem conceptual. Os

¹⁹Expressions do not mean; they are prompts for us to construct meanings by working with processes we already know.

²⁰No original: blended.

autores sustentam ainda que a mesclagem é uma habilidade cognitiva geral onipresente no pensamento e na linguagem.

Uma das pretensões dessa teoria consiste em explicitar do ponto de vista cognitivo o que acontece quando processamos certos enunciados. Assentada na perspectiva da Linguística Cognitiva, “Essa teoria semântica revela aspectos do processamento cognitivo, dinâmico, relacionados, no geral, a pensamento e imaginação e, em particular, à utilização da linguagem.” (TENUTA, 2010, p. 91). Segundo Fauconnier e Turner (2003, p. 57):

A integração conceitual é uma operação mental básica que leva a um novo sentido, a uma visão global, e a compressões conceituais úteis para memória e manipulação de outra forma de arranjos difusos [*diffuse ranges*] de sentidos. Ela desempenha um papel fundamental na construção do sentido na vida cotidiana, nas artes, nas ciências e, sobretudo, nas ciências sociais e comportamentais.²¹

A Integração Conceitual (doravante IC) pode ser vista como um mecanismo evolutivo cujo sistema de funcionamento depende de como os elementos se relacionam uns com os outros. De maneira complementar, a IC explora acidentes como uma parte fundamental de seu funcionamento. Desse modo, a estrutura básica (“literal”) no sistema pode surgir da exploração de acidentes marcantes. Com efeito, os produtos de integração interpretados, em um dado momento, como figurados podem ser interpretados como literais em outros momentos, dependendo do grau de entrincheiramento que a estrutura possui ou vai adquirindo com o uso (MIRANDA, 2010).

A Integração Conceitual alinha-se a um conjunto de princípios (TURNER, 2007, p. 378): (i) Existe um mapeamento interespaçial parcial que liga algumas contrapartes dos espaços mentais de entrada. (ii) Existe um espaço mental genérico que mapeia em cada uma das entradas e contém o que as entradas [*inputs*] têm em comum. (iii) Há um quarto espaço mental, o espaço de integração, muitas vezes chamado de espaço mescla e/ou também de *blend*. (iv) Existe uma projeção seletiva das entradas para a mescla. É importante destacar que nem todos os elementos e as relações dos espaços de entrada [*inputs*] são projetados no espaço de integração, ou seja, no espaço mescla, ou ainda, no espaço *blend*. Há também três operações que envolvem a construção da IC, a saber: a *composição*, a *complementação* e a *elaboração*.

A *composição*: a IC compõe-se de elementos dos espaços de entrada, promovendo relações que não existem nesses espaços separadamente. A fusão é um tipo de composição.

²¹Conceptual blending is a basic mental operation that leads to new meaning, global insight, and conceptual compressions useful for memory and manipulation of otherwise diffuse ranges of meaning. It plays a fundamental role in the construction of the meaning in everyday life, in the arts and sciences, and specially in the social and behavioral sciences.

As contrapartes podem ser trazidas ao espaço de integração como elementos separados ou como elementos fundidos.

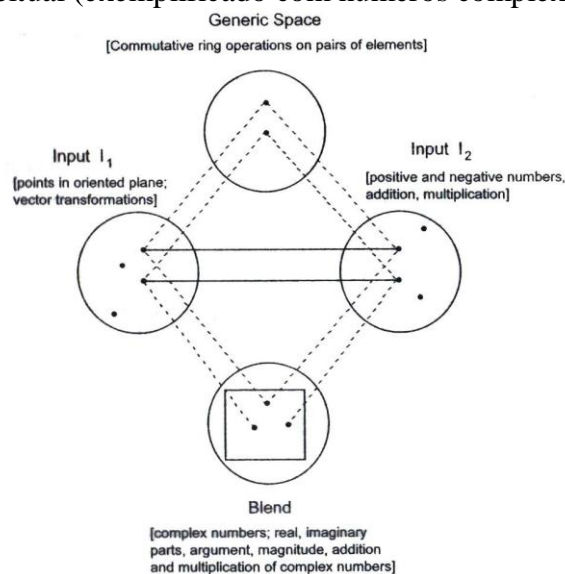
A *complementação*: a IC recruta um grande conjunto de estruturas conceituais e de conhecimentos prévios sem o nosso reconhecimento consciente. Assim, uma estrutura composta é complementada por outra. O subtipo fundamental de recrutamento é o padrão de complementação. Uma composição mínima, na IC, pode ser extensivamente complementado por um amplo padrão convencional.

A *elaboração*: esta operação desenvolve a integração através da simulação mental imaginativa, de acordo com princípios e lógica na IC. Alguns desses princípios são trazidos ao espaço de integração por complementação. A complementação dinâmica e contínua pode recrutar novos princípios e lógica durante a elaboração. Mas novos princípios e lógica também podem ser trazidos pela elaboração, em vez de serem trazidos pela complementação.

Importa destacar ainda que essas três operações se destinam à “estrutura emergente” no espaço de integração; a integração conceitual contém estruturas que não são copiadas dos espaços de entrada. No entanto, em suma, o objetivo principal da integração conceitual consiste, basicamente, na construção de uma correspondência parcial entre os dois espaços de entrada, no intuito de projetar seletivamente elementos daquelas entradas em um quarto espaço mental: o espaço de integração [*blended space*].

A seguir temos um exemplo de esquema geral da Integração Conceitual:

Figura 2 – Esquema genérico da operação de integração conceitual (exemplificado com números complexos)



Fonte: Fauconnier e Turner (2007, p. 374).

É um exemplo bastante conhecido de integração é o de números complexos. Além disso, esse exemplo pode ser visto como um verdadeiro fio condutor do raciocínio da Teoria da Integração Conceitual. Lakoff e Núñez (2000, p. 48) acreditam que “[...] muitas das mais importantes ideias na matemática são integrações conceituais metafóricas.”²² Fauconnier e Turner (2007, p. 372) asseguram que:

existem projeções conceituais que nos habilitam a estender categorias para cobrir novos membros provisórios em relação a tais categorias. O espaço de integração que se desenvolve durante tal tipo de projeção funde a categoria original com sua nova extensão. Quando categorias são estendidas continuamente, é a estrutura desta integração que define a estrutura da nova categoria, estabelecendo, portanto, um novo domínio conceitual. A história da ciência, da matemática e da física, em particular, são ricas nesses tipos de mudanças conceituais.²³

Ainda em conformidade com esses autores (2007), é muito comum falar de modelos ou da substituição ou da extensão de prévios modelos (teóricos), mas a importância dos processos que envolvem essas relações pode ter sido subestimada ao longo da história. Consideramos como um exemplo o estágio de desenvolvimento conceitual da matemática em que os números complexos se tornaram dotados de ângulos (argumentos) e magnitudes. Raízes quadradas de números negativos eram demonstradas em fórmulas de matemáticos renascentistas do século 16, e as operações com esses números eram corretamente formuladas (FAUCONNIER; TURNER, 2007). Porém, dentre os muitos matemáticos que formulavam tais operações, italianos renascentistas como Girolamo Cardano e, sobretudo, Rafael Bombelli, compartilhavam a opinião de que tais números eram “desnecessários”, “sofisticados”, “impossíveis”. Um século depois, René Descartes comungou a mesma ideia, sendo o primeiro a usar o termo imaginário para os números complexos, porém não no sentido de separar a parte imaginária da parte real. Leibniz, por seu turno, admitia não haver nenhum problema no uso desses números. Euler os achava impossíveis, mas não desnecessários. A raiz quadrada de números negativos apresentava uma propriedade estranha que servia para manipulações formais sem encaixe em um sistema conceitual matemático.

O primeiro passo dado nesse sentido explorou a projeção de números (não complexos) em um espaço unidimensional. É de Wallis (1685) o crédito de ter observado – em sua obra *Algebra* – que se números negativos podem ser projetados em uma linha imaginária direta,

²²Many of the most important ideas in mathematics are metaphorical conceptual blends.

²³Conceptual projection enables us to extend categories to cover new provisional members. The blended space that develops during such a projection merges the original category with its new extension. When categories are extended permanently, it is the structure of this blend that defines new category structure, thus carving out a novel conceptual domain. The history of science, and of mathematics and physics in particular, is rich in such conceptual shifts.

números complexos podem ser projetados em um plano bidimensional; Wallis ainda propôs construções geométricas para raízes reais ou complexas da equação $ax^2 + bx + c = 0$ (KLINE, 1980 *apud* FAUCONNIER; TURNER, 2007). Conseqüentemente, Wallis propôs um modelo para os misteriosos números, demonstrando a consistência desses números, e conferindo-lhes certa substância para manipulação formal. Este é um caso padrão de conexão de extensão analógica; o espaço geométrico é um domínio fonte parcialmente mapeado para um domínio fonte de números. O mapeamento de um único eixo é estendido para o mapeamento de todo um plano; algumas construções geométricas são mapeadas em operações com os números. No entanto, de acordo com Morris Kline (*apud* FAUCONNIER; TURNER, 2007), a proposta de Wallis foi ignorada. Segundo Fauconnier e Turner (2007), o mapeamento proposto por Wallis, embora demonstrasse a consistência formal de um sistema que incluía os números complexos, ele não promovia a construção de um novo conceito de número. Ainda de acordo com esses autores, isso demonstra que o mapeamento de um espaço coerente em um espaço conceitualmente coerente não é suficiente para dar ao espaço incoerente uma nova estrutura conceitual. Na representação de Wallis, a medida geométrica promoveu esquemas abstratos para uma interpretação unificada de números reais e imaginários, porém isso foi cognitivamente insuficiente para que matemáticos revisassem seus domínios de números em conformidade com a proposta.

A trajetória da história da matemática para a construção do conceito de números complexos levou aproximadamente 300 anos para se consolidar. É o matemático Carl Frederich Gauss, e não Wallis, quem realiza o arremate da mencionada construção conceitual. Entretanto, as contribuições de Wallis bem como as dos diversos matemáticos envolvidos nessa empreitada ao longo da história foram fulcrais à proposta de Gauss. Este, por seu turno, integra propriedades geométricas, de um espaço, e numéricas, de outro, em um terceiro espaço, o de integração, conferindo coerência matemática aos números complexos que, por seu turno, passam a ser vistos como pontos em um plano (de Gauss) e não apenas em uma linha como os demais conjuntos numéricos; em suma, o número complexo torna-se, em uma interpretação geométrica proposta por Gauss, um par ordenado no plano de Gauss, com uma parte real no eixo “a”; e, uma imaginária, no eixo “b”.

Nessa perspectiva, Fauconnier e Turner (2007) alegam que uma nova estrutura conceitual matemática do caso desses números é primeiramente estabelecida em um espaço de integração. Na integração conceitual, porém não nos espaços de entrada, é possível um elemento ser simultaneamente um número e um ponto geométrico, com as coordenadas

cartesianas (a,b) e as coordenadas polares (r,Θ) . Ainda de acordo com os autores, na IC, encontramos interessantes propriedades gerais desses números, tais como:

$$\begin{aligned}(a, b) + (a', b') &= (a+a', b+b') \\ (r, \Theta) \times (r', \Theta') &= (rr', \Theta + \Theta')\end{aligned}$$

Ou seja, todo número, em seu sentido extenso, tem uma parte real, uma imaginária, um argumento e uma magnitude. Em virtude do *link* de integração do espaço de entrada “geométrica”, números podem ser manipulados geometricamente; em razão do *link* de integração com o espaço de entrada de números reais, os novos números (os complexos), na integração conceitual, são imediatamente conceitualizados como uma extensão dos números mais antigos (que são incluídos pelo modo de projeção). Como no esquema de Wallis, o mapeamento de pontos em uma linha de números tem sido estendido para o mapeamento de pontos em um plano. Este mapeamento é parcial, de um espaço de entrada para outro; apenas uma linha do plano é mapeada para o domínio alvo, porém o mapeamento é total, do espaço de entrada “geométrica” para o espaço de integração: todos os pontos de um plano têm contrapartes em números complexos. E isto, em termos, permite que a integração conceitual incorpore a estrutura geométrica completa de um espaço de entrada “geométrico”.

Quando um espaço de integração desses é construído, um espaço genérico abstrato também se manifesta, interagindo na dinâmica da Integração Conceitual. Existem três espaços contendo, respectivamente, pontos (espaço de entrada 1), números (espaço de entrada 2) e números/pontos complexos (espaço de integração) que acarretam um quarto espaço que, por seu turno, contém propriedades comuns para pontos e números. As noções abstratas relevantes neste caso são as operações em pares de elementos. Para os números, as operações específicas são a adição e a multiplicação. Para os pontos no plano, as operações podem ser vistas como transformação de vetores, vetores de adição e vetores de composição por adição de ângulos e magnitudes. No espaço de integração de números complexos, a adição de vetores e números são a mesma operação, pois invariavelmente geram o mesmo resultado; semelhantemente, a transformação de vetores e a multiplicação de números são conceitualmente a mesma operação. No entanto, essa operação pode ser instanciada algoritmicamente em diferentes formas, dependendo de quais propriedades geométricas e algébricas estão sendo exploradas na integração.

No espaço genérico, não há propriedades geométricas ou numéricas. O que há, de fato, nesse espaço, são noções mais abstratas de duas operações sobre pares de elementos, de forma que cada operação é associativa, comutativa e tem um elemento identidade; cada elemento

tem, para cada operação, um elemento inverso; e uma das duas operações é distributiva em relação a outra. Algo nessa estrutura é chamado pelos matemáticos de ‘anel comutativo’ (FAUCONNIER; TURNER, 2007).

A emergência do conceito de números complexos com argumentos e magnitudes se demonstra todas as propriedades constitutivas de IC. Há um inicial mapeamento interespaçial de números para o espaço geométrico, um espaço genérico, uma projeção de ambos os espaços de entrada para o de integração, com números fundidos com pontos geométricos, uma estrutura emergente por *complementação* (argumentos e magnitude), e por *elaboração* (multiplicação e adição reconstruídas como operações sobre vetores).

Essa integração é considerada como uma interpretação realista entre os matemáticos. Ela constitui um novo e rico caminho para entender números e espaço. No entanto, ela também preserva suas conexões com concepções mais antigas trazidas pelos espaços de entrada. Uma mudança conceitual desta natureza não é apenas uma substituição ou analogia. Ela é a criação de uma mais elaborada e rica conexão de redes de espaços.

Segundo Fauconnier e Turner (2007, p. 375),

A evolução e a extensão do conceito de números incluem um quarto espaço no estágio em que o conceito de números complexos é lógica e coerentemente construído em um espaço de integração, em uma base estruturada pelo espaço genérico como um anel comutativo.²⁴

Nesse sentido, os autores defendem ainda que o exemplo matemático e abstrato de número complexo sustenta o funcionamento de projeção em redes de integração conceitual, com seus espaços de integração e genérico. Isto, ainda de acordo com os autores, confirma que lidar com a IC é lidar com um aspecto do pensamento que não é puramente linguístico ou verbal. Destaca também a profunda diferença entre nomeação (rotulação) e conceitualização.

No próximo tópico daremos continuidade a essa teoria, abordaremos, prévia e brevemente, os princípios governantes da IC, para logo em seguida tratarmos das redes de integração conceitual.

2.4.1 Redes de integração conceitual

Há um arque-objetivo que direciona todos os princípios governantes da integração conceitual:

- Alcançar a escala humana

²⁴The evolution and extension of the concept of number includes a four-space stage at which the concept of complex number is logically and coherently constructed in a blended space, on the basis of a generic space structured as a commutative ring.

Os princípios governantes e constitutivos têm o efeito de criar espaços de integração em escala humana. As mais óbvias situações de escala humana têm a percepção direta e a ação em experiências (que nos são familiares) – *frames* – que são facilmente apreendidas pelos seres humanos: um objeto que cai; alguém que levanta um objeto; duas pessoas conversando, uma pessoa que vai a algum lugar. Normalmente, esses *frames* têm pouco participantes, intencionalidade direta, efeito corpóreo imediato e imediatamente são aprendidos como coerentes.

Alcançando a IC uma integração de escala humana, essa integração também conta como escala humana, e pode participar na produção de outras integrações de escalas humanas, em um padrão facilitador que caracteriza muito da evolução cultural (FAUCONNIER; TURNER, 2007, p. 392).

Para alcançar a integração de escala humana, transformações imaginativas de elementos e de estrutura em rede de integração são frequentemente requisitadas como se elas fossem projetadas para o espaço de integração. Há vários objetivos secundários que também valem ser notados, são eles, a saber:

- a) Compressão com difusão
- b) Obtenção de visão global
- c) Fortalecimento de relações vitais
- d) Trazer uma estória
- e) Ir de muitos para um

Nem todos os fenômenos que contém os princípios constitutivos de uma integração conceitual são considerados como ‘boas’ integrações conceituais. Há IC que são melhores que outras. Existem princípios governantes cuja IC pode ser encontrada melhor ou não. Esses princípios concorrem entre si. Em termos técnicos, eles são princípios otimizantes. Segue abaixo os princípios governantes, destes há alguns que são mais específicos na estrutura da integração:

- a) Intensificador de relações vitais: comprime o que é difuso, escalando uma relação vital conceitual singular, ou transformando relações vitais conceituais em outras.
- b) Maximizador de relações vitais: cria uma estrutura de escala humana na integração através da maximização de relações vitais.
- c) Integração: a integração deve constituir uma cena integrada que pode ser manipulada como unidade. Em termos gerais, cada espaço na estrutura de integração deve ter integração.

- d) Topologia: para qualquer espaço de entrada e qualquer elemento nestes espaços que se projetem no espaço de integração, a topologia favorece e/ou otimiza as relações destes elementos na integração, realizando correspondência entre suas contrapartes.
- e) Rede: a manipulação da integração como unidade deve manter a rede de conexões apropriadas para os espaços de entrada.
- f) Desempacotamento: a integração por si só possibilita ao analista a reconstituição de sua estrutura: espaços de entrada, espaço genérico, espaço de integração, e todas as redes de conexões entre estes espaços.
- g) Relevância: se um elemento aparece na integração, esta será pressionada a buscar significação para o elemento. A significação inclui links relevantes para outros espaços e funções relevantes que ocorrem na integração.

A satisfação desses princípios ocorre em alguns tipos básicos de redes de integração conceitual, são elas, a saber: rede espelho, rede de topologia compartilhada, rede de escopo único, rede de escopo duplo e a rede simplex. Segundo Vanin (2012, p. 115), “As possibilidades de elaboração da rede de integração conceptual revelam-se conforme os tipos de conexões entre espaços de *input* e projeções seletivas para o espaço de *blend* [...]”. Essas redes classificam-se em função, basicamente, dos *frames* e do princípio governante Topologia. Vejamos, a seguir, a descrição das seguintes redes de integração:

Rede espelho: é uma rede de integração conceitual em que todos os espaços, os de entrada, o genérico e o de integração compartilham uma topologia dada por um *frame* organizacional. Um *frame* desses, para um espaço mental, é um *frame* que especifica a natureza de atividades, eventos e participantes relevantes. Em uma rede espelho, normalmente, o *frame* comum pertence a um frame mais elaborado na integração. Um *frame* organizacional provê uma topologia para o espaço que o organiza – isto é, ele provê um conjunto de relações organizadas entre os elementos no espaço. Quando dois espaços compartilham o mesmo *frame*, eles compartilham uma correspondência topológica e assim podem facilmente serem correspondidos. O mapeamento interespacial estabelecido entre os espaço de entrada é imediato quando eles compartilham o mesmo *frame* organizacional.

Quando os espaços, em uma rede espelho, compartilham uma topologia no nível do *frame* organizacional (esse tipo de frame é chamado de frame topológico ou TF), eles podem diferir em um nível mais específico (topologia específica ou TS).

Também há uma topologia incidental, TI, em ambos os espaços de entrada. Usa-se o termo TI para a mais particularizada topologia, que não deve ser incluída ou especificada,

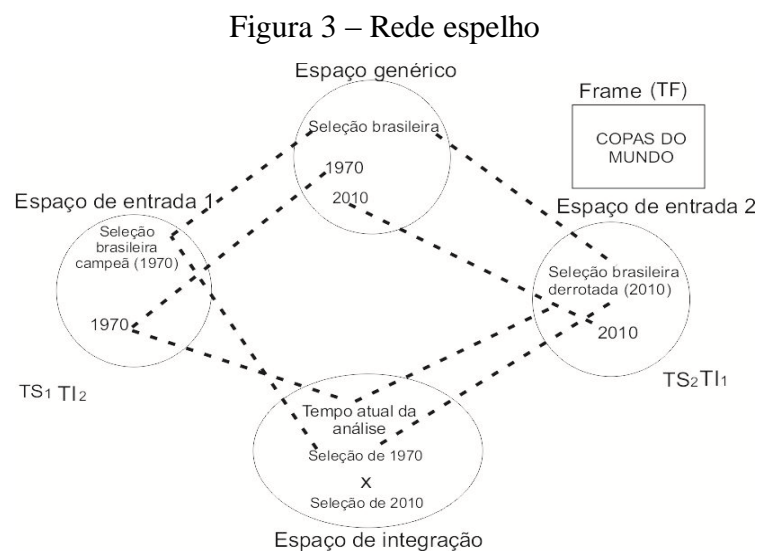
dado o frame organizacional. A TI pode ser específica para um espaço e não para o outro; e vice-versa. Em geral, aspectos da topologia incidental podem ser projetados também no espaço de integração.

A seleção de um *frame* organizacional para um espaço não é uma decisão definitiva. O reportado *frame* pode ser modificado e elaborado quando a rede de integração é construída. A Topologia em nível de TF, TS e TI pode ser solicitada ou dispensada quando necessário.

Vanin (2012, p. 117) exemplifica a rede espelho da seguinte forma:

um exemplo disso se dá quando elaboramos um quadro comparativo entre recordes mundiais, ou quando tratamos de diferentes times de futebol ao longo do tempo: comentaristas esportivos, por exemplo, fariam uma inevitável comparação entre a seleção brasileira de futebol na Copa de 2010 com os times vencedores que compuseram as seleções brasileiras nas Copas de 1970 ou 1994, por exemplo. Para chegar à compreensão, é necessário que as seleções que estão sendo comparadas sejam colocadas em um mesmo *frame*: (VANIN, 2012, p. 117).

A seguir, ilustração da rede espelho:



Fonte: adaptado de Vanin (2012, p. 117).

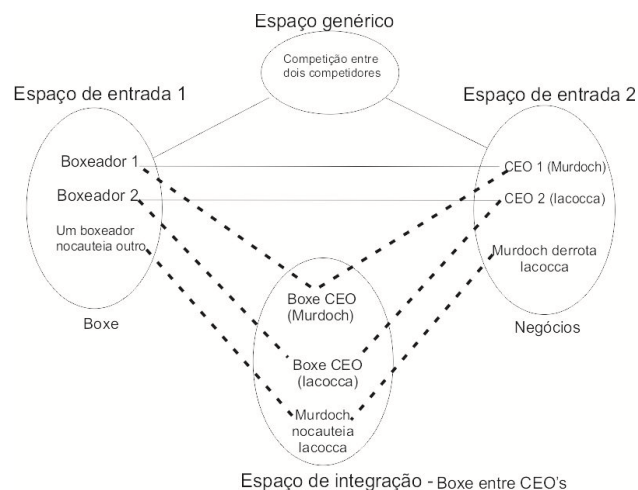
Nesse caso, temos o mesmo *frame* organizacional ou *frame* topológico (TF), isto é, as Copas do Mundo nas quais a Seleção Brasileira de Futebol participou (VANIN, 2012). Por se tratar de uma rede espelho, o TF é compartilhado com todos os espaços. Ademais, consta que no espaço de entrada 1, temos o time campeão do mundo e o ano em que esse fato ocorreu; no espaço de entrada 2, temos o time que foi derrotado no ano de 2010. Esses dados são comprimidos e levados ao espaço genérico, no qual suas propriedades comuns são selecionadas para então serem mescladas – a partir daí, a estrutura emergente torna possível a comparação nas palavras de um comentarista (VANIN, 2012, p. 117).

Rede topológica compartilhada: em uma rede de integração conceitual sobre dois espaços de entrada, a topologia do espaço genérico é sempre compartilhada pelos quatro espaços – o de integração, os dois de entrada e o genérico. Nesse sentido, a rede topológica compartilhada é o nome dado a uma estrutura em que todos os espaços compartilham a topologia do espaço genérico.

Uma rede espelho é uma rede topológica compartilhada cuja topologia está para além de um *frame* organizacional. Nessa perspectiva, uma rede espelho pode ser definida breve e mais sistematicamente como uma rede topológica compartilhada cujo espaço genérico, o mapeamento interespaçial e a topologia compartilhada são todos dados em função de um *frame* organizacional para todos os espaços.

Rede de escopo único: uma rede topológica compartilhada é uma rede de escopo único se os espaços de entrada tiverem diferentes *frames* organizacionais e apenas um deles for projetado para se organizar no espaço de integração. Sua propriedade definidora é a de que o *frame* organizacional é uma extensão dos *frames* organizacionais dos espaços de entrada, mas não de outros. Tomemos o exemplo dessa rede trazido por Fauconnier e Turner (2002, p. 126-128): (60) *Murdoch knocks out Iacocca*. (“*Murdoch nocauteia Iacocca*”), que se baseia na competição entre dois CEOs (Chief Executive Officers, ou *presidentes*). Há dois espaços de entrada (BOXE E MUNDO DOS NEGÓCIOS), um espaço genérico e um de integração. Como tanto o boxe como o mundo dos negócios envolvem alguma forma de competição, o espaço genérico constrói a informação “competição entre competidores”, e o espaço de integração é constituído do *frame* de boxe no mundo dos negócios, no qual Murdoch derrota/nocauteia Iacocca. A seguir, vejamos a ilustração dessa rede.

Figura 4 – Rede de escopo único



Fonte: Baseado em Fauconnier e Turner (2002, p. 128).

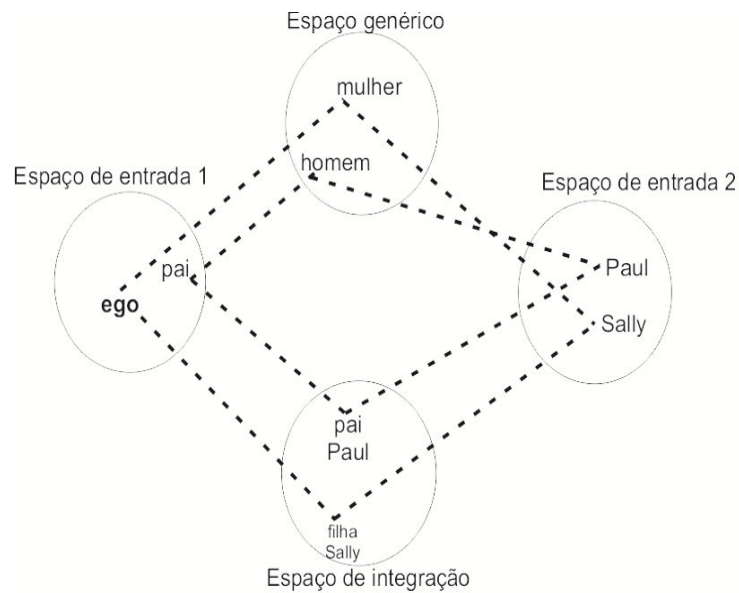
Agora vejamos a rede de escopo duplo: uma rede topológica é uma rede de escopo duplo se os espaços de entrada estiverem organizados por diferentes *frames*, porém alguma topologia é projetada de ambos os *frames* ao espaço de integração para construir o *frame* da integração. Os números complexos são um caso de rede de escopo duplo. Os espaços de entrada são respectivamente duas dimensões: espaço e números reais e imaginários. A estrutura *frame* é projetada de cada espaço de entrada, por exemplo, ângulos, rotações, e coordenadas decorrem de um espaço bidimensional do plano; a multiplicação, a adição e as raízes quadradas, de um espaço de números.

Rede simplex: este tipo de rede tem um *frame* abstrato como um espaço de entrada em uma situação específica como outro espaço de entrada que não tem *frame* organizacional para os propósitos da IC, portanto, não tendo potencial para competir com o *frame* organizacional do primeiro espaço de entrada. Fauconnier e Turner (2007, p. 399) exemplificam esta rede da seguinte forma: “‘Sally é filha de Paul’. Nesta, existe, portanto, um *frame* de parentesco *filha-ego* como um espaço de entrada e, como outro espaço de entrada, uma situação específica que não contém nada além de Sally e Paul.”²⁵ Os autores ainda argumentam que, na integração, Sally é enquadrada como *filha*; e Paul, como *ego*. Há uma estrutura emergente crucial no espaço de integração: a integração tem o papel de *filha* de Paul que está indisponível para o outro espaço de entrada.

Vale observar ainda que, em uma rede simplex, “A parte relevante do *frame* em um espaço de entrada é projetada com seus papéis, e os elementos são projetados do outro espaço de entrada como valores daquele papel dentro do espaço de integração. A integração conceitual, nesse caso, integra o *frame* e os valores da maneira mais simples” (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 120). Desse modo, tomando o exemplo trazido pelos autores, para concebermos a interpretação de “*Paul is the father of Sally*” (Paul é o pai de Sally), realizamos uma integração conceitual na qual o *frame* de família empresta seus elementos, os quais estão integrados aos elementos Paul e Sally. Os papéis de cada elemento serão conectados: o papel de ‘pai’ será ligado ao valor “Paul”; e o papel ‘filha’, a Sally (VANIN, 2012). A seguir, vejamos a ilustração da rede simplex:

²⁵ ‘Sally is the daughter of Paul’ has the kinship frame *daughter-ego* as one input and as the other input a specific situation containing nothing but Sally and Paul.

Figura 5 - rede simplex



Fonte: Adaptado de Fauconnier e Turner (2002, p. 121).

O espaço de entrada 1 contém um *frame* com papéis, mas sem nenhum valor, enquanto o espaço de entrada 2 contém os elementos “Paul” e “Sally” sem estarem inseridos em nenhum *frame* organizacional diretamente ligado aos propósitos da IC. Referindo-se aos espaços de entrada dessa rede, Vanin (2012, p. 116) diz que “esses *inputs* são unidos por meio de uma conexão de um *frame* para valores familiares. A autora assegura ainda que:

[...] a rede simplex é capaz de constituir conceitos diretos de emoção como RAIVA, FELICIDADE E NOJO, por exemplo, que serão utilizados como elementos pré-conceptuais na elaboração de conceitos *ad hoc* – isto é, conceitos que serão reconstruídos a partir da base fornecida pela memória enciclopédica, juntamente com os elementos fornecidos por meio da interação. (VANIN, 2012, p. 116).

Vejamos, a seguir, o capítulo 3 que apresenta uma interface metateórica a qual conjuga os aportes teóricos apresentados anteriormente, aproximando-os no intuito de analisar a conceitualização da violência no futebol, construindo um novo ponto de vista teórico sobre esse objeto em estudo.

3 INTERFACE METATEÓRICA

Após apresentarmos a proposta de Edgar Morin cuja pretensão consiste em elevar o macro-conceito “sistema” ao nível de Paradigma; a abordagem de metáforas sistemáticas, de Cameron; e a teoria da integração conceitual, de Fauconnier e Turner, sendo esta teoria e aquela abordagem ligadas aos processos de conceitualização no “aqui e agora” das interações discursivas, os principais objetivos deste capítulo são, a saber: delinear uma proposta de aproximação teórica entre Morin, Cameron e Fauconnier e Turner que vise a descrever e a explicar a emergência da conceitualização da violência no futebol, a partir de uma análise dos dados coletados para esta pesquisa. Nesse sentido, assumimos aqui um ponto de vista que deverá ser elaborado sob a ótica do Perspectivismo Científico, como defendido em Giere (2006).

Segundo Massimi (2012, p. 25), “O Perspectivismo Científico emergiu como um novo e animador posicionamento filosófico diante do contínuo debate entre realismo e anti-realismo científicos”. Esse posicionamento funda-se em uma linhagem de distintos e eminentes pensadores do *mainstream* racionalista, tais como Kant e Leibniz. Além destes, Nietzsche, apesar de não se enquadrar no racionalismo, é reconhecido também como um dos precursores do Perspectivismo Científico.

Após a convergência dos *mainstreams* racionalista e empirista realizada por Comte na formação do positivismo, a segunda geração positivista, ou seja, o positivismo lógico, encabeçado pelo Círculo de Viena, também trouxe à baila aquele que pode ser considerado o principal precursor do Perspectivismo Científico, a saber: Ludwig Wittgenstein. Em sua segunda fase, Wittgenstein, em “Investigações Filosóficas”, retoma, em certo aspecto a visão kantiana de que a ‘coisa em si é inacessível’, uma vez que defende, dentre outras ideias, a de que a produção do sentido se dá em função dos jogos de linguagem, rompendo com a tradição essencialista da Filosofia. Wittgenstein inaugura, por assim dizer, um novo paradigma na filosofia, a saber: o antiessencialismo cuja oposição se destina, basicamente, à visão aristotélica no que diz respeito às condições necessárias e suficientes para determinação das categorias. Para o antiessencialista Wittgenstein, não são as condições necessárias e suficientes que determinam a conceitualização, mas sim o jogo de linguagem do e no qual ela se constitui (MACEDO, 2008).

Nessa perspectiva, podemos dizer que as ideias de Kant, Nietzsche e Wittgenstein convergem em um mesmo *continuum* fenomenológico para o qual “a realidade é indiferente; o que se diz a respeito desta é o que varia” (OLIVA, 2008). E esta variação do dizer se dá em

função dos jogos de linguagem, ou seja, grosso modo, em função do contexto em que se constitui o objeto conceitual. A inacessibilidade da coisa em si, na visão kantiana, o nilismo nietzscheano e a plasticidade dos conceitos levantada pela visão wittgensteineana inauguram, de certo modo, o Perspectivismo Científico.

As motivações para o perspectivismo na filosofia da ciência são diversas. Temas perspectivalistas podem ser encontrados em van Fraassen, especialmente em seu último livro sobre Representação Científica, que, por seu turno, foi plenamente dedicado à natureza perspectivada da medida científica, em analogia à obra de Albrecht Dürer's e à indexicalidade pertencente a nossas atividades epistêmicas (MASSIMI, 2012).

Segundo Massimi (2012, p. 26), Alex Rueger e Margie Morrison têm discutido as expectativas e os desafios que o perspectivismo enfrenta em lidar com modelos inconsistentes na ciência, especialmente no que diz respeito ao estudo dos fluidos dinâmicos. Ainda em conformidade com autora, Ron Giere, em anos mais recentes, tem defendido uma versão de perspectivismo como uma via intermediária saudável que se posiciona entre o que ele chama, de um lado, de realismo objetivista – chamado, ironicamente, “um olho de Deus sobre o conhecimento da natureza”, cuja visão é dada pela ciência; e a armadilha do relativismo idiotizado, de outro. Como é esperado para uma posição intermediária, nesses termos, o perspectivismo enfrenta desafios de ambos os lados, tanto dos realistas quanto dos relativistas. No entanto, debater essa questão, aqui, fugiria aos nossos propósitos.

Tendo em vista isso, sigamos, mais especificamente, ao que o perspectivismo propõe. Anjan Chakravartty (*apud* MASSIMI, 2012, p. 26-27) identifica o perspectivismo como uma visão confiada ou a uma ou a outra das duas teses que se seguem:

- (1) Nós conhecemos apenas fatos perspectivados, porque fatos não-perspectiváveis estão para além de nossa compreensão epistêmica.
- (2) Nós conhecemos apenas fatos perspectivados, porque não há fatos não-perspectiváveis para serem descobertos.

A primeira tese refere-se à “fraca” argumentação kantiana no tocante à inacessibilidade das coisas em si; no entanto, vale ressaltar que isso não desabona a grande contribuição de Immanuel Kant para pensamento humano. Ademais, em termos de visão perspectivista, Kant fora apenas um dos precursores. A segunda tese, um tanto quanto mais forte que a primeira, contribui para a formação de um relativismo ontológico.

Chakravartty discute vários argumentos para o perspectivismo. Um deles é o argumento da detecção, segundo o qual um conjunto selecionado de *input* e a natureza

condicionada do *output* indicam que o conhecimento apreendido pela detecção sempre decorre de uma perspectivização (MASSINI, 2012).

A qualidade secundária da observação científica é o ponto de partida para o problema inicial suscitado por Ron Giere no que tange ao perspectivismo científico. Uma vez que nosso sistema visual humano responde apenas a ondas eletromagnéticas de determinada frequência, semelhantemente, os instrumentos científicos são desenhados para responder apenas a um conjunto selecionado de *inputs* (MASSIMI, 2012, p. 29). Além disso, considerando ainda a visão humana, o *output* de cada observação científica reflete a natureza idiossincrática do instrumento que o produziu e sua interação com o *input* selecionado.

Nesse sentido, conforme proposto em Giere (2006), a base teórica de uma investigação baseia-se na construção do objeto em estudo, assim ao se trabalhar com duas ou mais teorias diferentes é possível integrá-las de forma a construir um novo ponto de vista teórico.

Tendo em vista essas considerações, delinearemos a seguir uma interface metateórica cuja integração objetiva uma aproximação entre a teoria da integração conceitual, de Fauconnier e Turner, e a abordagem de metáforas sistemáticas, de Cameron, tendo como pano de fundo a visão de Edgar Morin sobre sistema. Assim, nosso objeto em estudo (no caso, a conceitualização da violência no futebol) terá seus dados analisados a partir das teorias já descritas exaustivamente em capítulos anteriores, bem como a partir desta interface que ora converge as reportadas teorias.

Para tanto, devemos começar apontando elementos que se configuram como pontos de intersecções entre metáforas sistemáticas e teoria da integração conceitual. Vejamos:

Começemos pelo primeiro ponto: sistema adaptativo complexo (SAC) – a abordagem de metáforas sistemáticas, de Cameron, consiste em analisar conceitualizações que emergem no e pelo discurso, sendo este considerado como SAC. Os mecanismos que se articulam para a emergência da metáfora sistemática são os veículos metafóricos e/ou metonímicos e os tópicos discursivos; já a teoria da integração conceitual, de Fauconnier e Turner, consiste em analisar conceitualizações emergentes na cognição, considerando a integração conceitual (IC) como um processo dinâmico e complexo, em que espaços mentais, *frames*, princípios governantes e outros mecanismos interagem em uma dinâmica complexa preparando a emergência conceitual no espaço de integração.

Sigamos para o próximo ponto de intersecção: o tópico discursivo, ou atrator. Como vimos no subcapítulo de metáforas sistemáticas, o tópico discursivo atua na dinâmica discursiva como um tipo de atrator que conduz o fluxo discursivo para uma estabilização conceitual temporária, negociada consciente e/ou inconscientemente entre os interlocutores.

No que diz respeito à integração conceitual (IC), o tópico discursivo, ou seja, o tema discutido pelos interlocutores também pode ser considerado um atrator, porém, na IC, este pode não conduzir a dinâmica cognitiva dos espaços mentais para uma estabilização temporária do conceito. Isto é, na IC, pode ocorrer que o atrator chame a integração conceitual para o equilíbrio e não para a estabilização temporária. Isso ocorre porque a natureza do atrator no plano discursivo pode, em certas ocasiões, não ser a mesma para o plano cognitivo; e vice-versa. Para entendermos melhor a relação de identidade e de diferença do atrator em relação aos distintos planos mencionados, vejamos, a seguir, os diferentes tipos de atratores.

Como já vimos em capítulos anteriores, a teoria dos sistemas complexos adaptativos converge teorias como a Dinâmica e a Teoria do Caos. Esta última discorre minuciosamente sobre os atratores. Não nos propomos a tratar de todos eles aqui, pois, assim, fugiríamos de nosso propósito. Nesse sentido, descreveremos aqui os três mais importantes para esta abordagem. Considerando isso, há diversos tipos de atratores. Eles podem ser subdivididos, basicamente, em duas categorias, a saber: caóticos e não-caóticos. O atrator caótico mais conhecido é também chamado atrator estranho. Ele consiste em colocar ordem na aparente desordem do sistema, ou seja, no caos. O atrator caótico tende a colocar ordem no caos, isto é, ele chama o sistema para a estabilização temporária. Essa estabilização temporária se apresenta em forma de padrão emergente que, por sua vez, pode sofrer mudança e a forma pela qual ele muda também pode sofrer mudança (mutação bifurcada). Essa dinâmica mantém o sistema vivo, pois se, em vez de estabilização temporária, o sistema atingir o equilíbrio, situação em que os vetores de força convergem se anulando, obtém-se força zero, e o sistema morre. Os atratores caóticos entram no limiar do caos, ou seja, em pontos distantes do equilíbrio. Sistemas com atratores caóticos são sensíveis a mudanças mínimas em suas condições, como exemplo, podemos citar o caso do “efeito borboleta”, em que o simples bater de asas de uma borboleta pode ampliar a produção de um tornado no outro lado do mundo. Esses sistemas são imprevisíveis, embora ainda sejam considerados tecnicamente determinísticos, no sentido de que seu estado corrente determina seu futuro.

No que diz respeito aos atratores não-caóticos, destacamos o atrator de ponto-fixo, o círculo-limite, ou cíclico. O atrator de ponto-fixo é o tipo mais simples. Ele pode ser ilustrado como um pêndulo em que sua extremidade se movimenta de um lado para outro, isto é, de um ponto A, de um lado, passando por um ponto C, no centro, até chegar a um ponto B, repetindo, em seguida, o mesmo movimento também no sentido contrário, ou seja, do ponto B para o ponto A. Porém, este tipo de atrator chama o sistema para o ponto C, tendendo não a uma estabilidade temporária como o atrator caótico, mas tendendo a um equilíbrio no ponto

C, isto é, o atrator de ponto fixo chama o sistema para o equilíbrio, para a morte do sistema. O atrator cíclico, por sua vez, também atrai o sistema para equilíbrio. Este tipo de atrator desempenha, por exemplo, os sistemas dinâmicos nas relações entre predador e presa. As populações de presas e seus predadores tendem a se equilibrar em movimentos periódicos entre dois ou mais estados. Ambos os atratores, o ponto-fixo e o cíclico, são considerados atratores de baixo desempenho.

Descritos os tipos de atratores, vale retomar as relações de semelhança e de diferença do atrator para metáfora sistemática e para integração conceitual. O tópico discursivo, para a abordagem de metáfora sistemática, normalmente, apresenta-se como um atrator caótico, pois tende a estabilizar temporariamente o fluxo discursivo. Esta estabilização temporária do discurso, que é a metáfora sistemática, pode ser observada através de uma espécie de pacto conceitual entre os interlocutores, por meio de veículos metafóricos e/ou metonímicos ligados ao reportado tópico discursivo. Esse mesmo tópico discursivo pode ser considerado um atrator para a realização de integrações conceituais pelos interlocutores, no entanto, pode ocorrer de ele ser caótico para análise de metáforas sistemáticas e não-caótico para análise de integrações conceituais. Isso não impossibilita de haver situações em que o atrator seja caótico para as duas abordagens. Isto é, a natureza do atrator pode ser coincidente, em algumas situações, para metáforas sistemáticas e para integração conceitual.

Nessa perspectiva, os atratores caóticos e/ou não-caóticos podem ser vistos como outro ponto de intersecção entre metáfora sistemática, no plano discursivo, e integração conceitual, no plano cognitivo.

Outro ponto de intersecção a ser destacado inclina-se ao *continuum* literalidade – figuratividade. Para ambas as abordagens, não há a evocação da obsoleta discussão entre o literal e o figurado. Essa relação não é vista de forma estanque. O que vai determinar se uma palavra é figurada, ou não, é o contexto de uso, ou ainda, o sentido mais básico de uso da palavra em questão.

Tendo em vista as considerações acima, importa sinalizar os caminhos pelos quais analisaremos nosso objeto em estudo, ou seja, a conceitualização da violência no futebol. A partir dos dados coletados, analisaremos o reportado objeto, lançando mão dos aportes teóricos aqui convergidos em interface metateórica, considerando seus pontos de intersecção e construindo um novo ponto de vista teórico sobre o objeto. Assim, a dinâmica complexa da relação pensamento-linguagem será tratada nas análises dos dados, de modo que poderemos lançar mão tanto da abordagem de metáfora sistemática quanto da teoria da integração conceitual sobre um mesmo dado, por exemplo.

Consta, neste capítulo, uma interface metateórica, embasada no Perspectivismo Científico, de Giere (2006), em que nossa base de investigação teórica funda-se na construção do nosso objeto em estudo. Portanto, trabalharemos concomitantemente com metáforas sistemáticas e com redes integrações conceituais nas análises, sobretudo, em seus pontos de intersecção. Por outro lado, vale ressaltar que podemos, em alguns momentos, explorar mais uma abordagem do que outra sem convergi-las em determinados pontos, situação que dependerá daquilo que os dados permitam explorar.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa abordará como tema de discussão a violência no futebol na cidade Fortaleza-CE, tendo como propósito específico a descrição das conceitualizações metafóricas e metonímicas sobre o tema. Logo, quanto ao objeto, caracteriza-se como uma pesquisa de cunho descritivo-exploratório, observando, analisando e correlacionando opiniões que possibilitem o estudo do fenômeno das emergências de metafóricas e de metonímicas no discurso através de aparatos cognitivos como as redes de integração conceitual.

Quanto ao tipo de investigação desenvolvido, esta pesquisa é qualitativa, tendo em vista que há, em seu escopo, o empreendimento de uma abordagem interpretativa acerca de seu objeto (DENZIN; LINCOLN, 2000).

4.1 Procedimento de coleta de dados

A coleta foi realizada através do método de Grupo Focal (doravante GF). Um grupo foi entrevistado, este composto por 6 torcedores de times do futebol cearense (3 torcedores do Ceará; e 3, do Fortaleza), na faixa etária de 20 a 40 anos, residentes na cidade de Fortaleza-CE, vítimas diretas e/ou indiretas de violência no futebol. A delimitação foi pensada, basicamente, de acordo com a afinação de três propostas: primeira, a de Zoltán Dörnyei (2011, p. 144) na qual o GF é “[...] geralmente composto por 6 participantes, no mínimo, e, no máximo, por 12”²⁶; segunda, a de definição de entrevista em GF por Patton (2002 *apud* FLICK, 2009, p. 181); e, terceira, a de Barbour (2009), na qual se considera a utilização da técnica de GF em pesquisas qualitativas, consistindo em gerar e analisar a interação entre participantes em vez de perguntar a mesma questão (ou lista de questões) para cada participante do grupo por vez, o que seria uma abordagem favorecida pelo o que é mais usualmente referido como a “entrevista de grupo” (BARBOUR, 2009). A técnica de coleta aplicada foi a de observação direta e intensiva, mais especificamente, a de entrevista semiestruturada (MARCONI; LAKATOS, 2009; SEVERINO, 2007). A entrevista foi gravada em vídeo e áudio, sendo transcrita posteriormente. Os entrevistados foram conduzidos por um moderador que foi o próprio pesquisador deste projeto, com perguntas pré-elaboradas, havendo reforço e ou reformulação de certas perguntas na dinâmica do discurso no intuito de esmerar e aprofundar a discussão. Vale ressaltar que, em GF, mesmo com perguntas pré-

²⁶ (usually 6-12 members) (Tradução nossa).

elaboradas, pode haver um direcionamento tópico com a introdução de novas perguntas que visem o aprofundamento das opiniões e do tópico em discussão (FLICK, 2009). O moderador desta pesquisa, no entanto, não chegou a introduzir novas perguntas; por outro lado, como dito antes, apenas reformulou e ou reforçou algumas perguntas para facilitar o entendimento dos participantes durante a interação, a fim de potencializar a discussão. O moderador também adotou uma postura mais passiva que ativa na entrevista no GF, ou seja, mais ouviu do que falou, permitindo que os entrevistados manifestassem suas respostas. A entrevista também contou com a presença de outro colaborador, responsável por fazer as gravações mencionadas. Procurou-se ordenar as manifestações orais dos informantes, solicitando que cada um deles iniciasse a sua fala após o outro, de modo que pudesse ser evitado a sobreposição das falas; ensejo este que, para este pesquisador, facilitaria o processo de transcrição.

A transcrição seguiu os critérios descritos por Stelma e Cameron (2007), para organização de transcrição de entrevistas semiestruturadas; tendo como padrão as unidades de entonação. Estas são hipotéticas realizações das atividades cognitivas, manifestas linguisticamente (CHAFE, 1994 *apud* CAMERON, 2007). Portanto, para Stelma e Cameron (2007), pausas são consideradas importantes para fins de transcrição. Nesse sentido, Micropausas mínimas são marcadas com dois pontos (..), micropausas um pouco maiores com três pontos (...), e pausas superiores a um segundo com o número de segundos entre parênteses, p.ex. (3.0) indica uma pausa de aproximadamente três segundos. Quando o falante adota a voz de alguma outra pessoa ou organização; tais expressões estão contidas entre divisas <Q . . . Q>. O símbolo <X . . . X> representa um trecho de fala indecifrável para o transcritor, traços (--) indicam uma unidade de entonação incompleta. Falas sobrepostas são marcadas com colchetes []. Todos estes procedimentos foram adotados ao transcrevermos as interações discursivas gravadas.

O método de Grupo Focal atendeu adequadamente aos objetivos e à fundamentação teórica da pesquisa. De acordo com Flick (2009), “o grupo transforma-se em uma ferramenta para a reconstrução de opiniões individuais de forma mais apropriada”, ou seja, através da interação discursiva, as opiniões, de certa forma, deixam de ser individuais para se tornarem coletivas, atendendo ao objetivo geral de investigação – a produção metafórica e metonímica coletiva na negociação de sentidos no fluxo da interação discursiva.

4.1.1 Instrumentos

Os instrumentos utilizados na pesquisa foram, basicamente, os seguintes: um questionário de perguntas pré-elaboradas (14 perguntas); uma câmera filmadora DCR-SR68 (SONY); e software Atlas ti 6.2.

O questionário de perguntas pré-elaboradas utilizado por nós é de autoria da Prof.^a Dr.^a Luciane Corrêa Ferreira, da Universidade Federal de Minas Gerais, que, como dissemos antes, coordena projeto guarda-chuva sobre conceitualização da violência no futebol no Brasil. Vale destacar que o reportado questionário de Ferreira (2012) foi desenvolvido a partir do Guia PCTR, apresentado por Cameron e seu grupo em 2006, sendo traduzido pelo grupo Gelp/Colin, como parte do projeto sobre metáfora e violência urbana em Fortaleza; vale ressaltar também que esse questionário já fora utilizado em outras coletas anteriores à nossa; fatos que contribuíram para que o elegêssemos para nossa coleta de dados. Ademais, suas perguntas revelaram-se como um instrumento consistente e adequado aos nossos propósitos, afinando-se com a metodologia de Grupo Focal.

A câmera filmadora é a DCR-SR68 (SONY), do grupo GELP-COLIN, da Universidade Federal do Ceará, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Pelosi, do qual participo como membro-pesquisador.

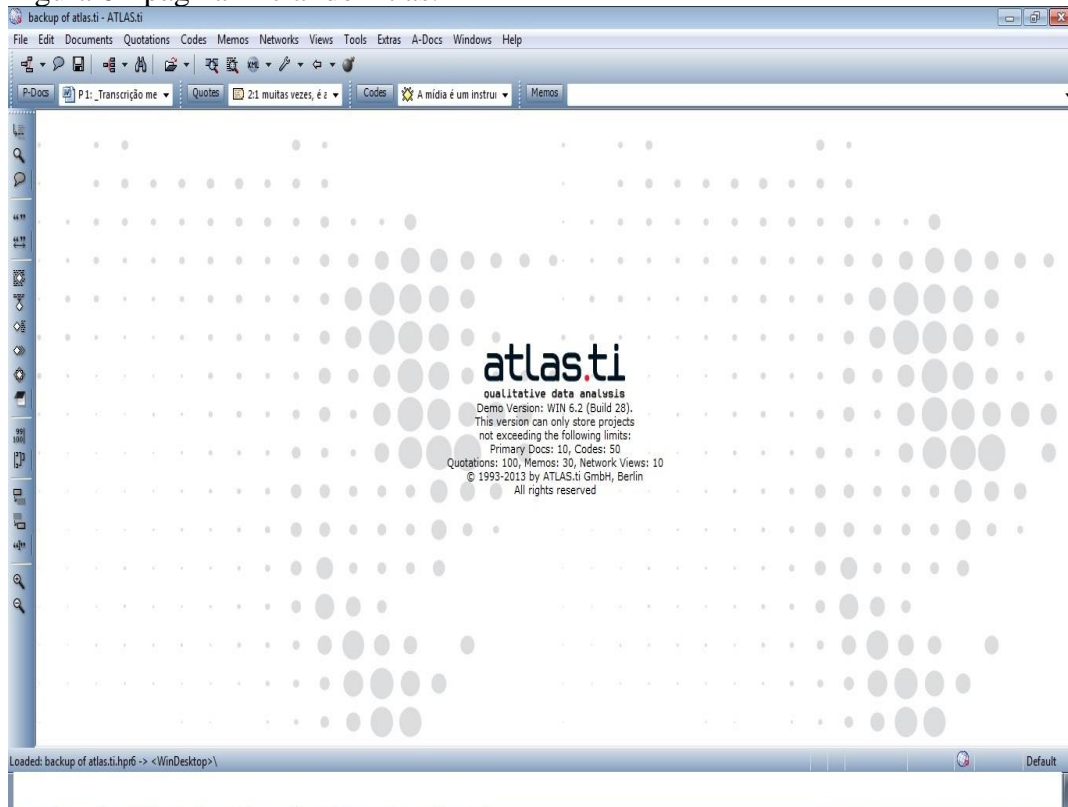
O software Atlas ti 6.2 consistiu em garantir uma maior sistematicidade para o empreendimento da análise da gravação transcrita, bem como facilitou a organização do material e do fornecimento deste para o desenvolvimento de nossas ideias. Vale ressaltar ainda que este software nos permite visualizar o texto transcrito e, ao mesmo passo, organizar, em paralelo ao texto, na mesma tela, as metáforas linguísticas elencadas pelo analista. Se compararmos softwares como o Excel com o Atlas, por exemplo, podemos perceber que aquele não disponibiliza dos mesmos recursos que este para a análise da metáfora sistemática, uma vez que o Excel demanda a construção de tabelas e um trabalho mecânico bem maior para tal empreendimento, além de depender de outros tipos de softwares de apoio para visualização do texto, como o Word. Utilizando o Excel o trabalho seria dobrado: teríamos o texto no Word, por exemplo, tendo ainda que organizar uma tabela no Excel para receber as metáforas linguísticas selecionadas do texto no Word.

Dependendo da quantidade de grupos focais transcritos, no caso de apenas 1 ou 2 grupos, por exemplo, seria possível dispensar até o software Excel e trabalhar apenas com o Word, destacando os veículos metafóricos e os tópicos discursivos neste mesmo software.

Apesar da descrição das funções que facilitariam o trabalho com o uso do Atlas, não podemos deixar de mencionar que, no andamento da pesquisa, ocorreu um problema técnico que inviabilizou a sua continuação com o Atlas. Diante disso, recorremos ao uso do Word para o prosseguimento da atividade. Fato que não comprometeu a realização do mapeamento dos veículos metafóricos e dos tópicos discursivos, visto que trabalhamos apenas com um grupo focal. No caso de mais um grupo focal (corpora), o Atlas seria indispensável.

O Atlas ti 6.2 nos foi disponibilizado pelo GELP-COLIN, assim como a câmera filmadora. Vale ressaltar que, como visto, o uso de outro software como o Excel também daria conta da organização dos dados, porém demandando mais tempo e trabalho. (CAMERON; MASLEN, 2010). Nesse sentido, optamos pelo Atlas ti 6.2, tendo em vista as considerações já mencionadas acima. A seguir, apresentaremos um print da homepage do software.

Figura 6 - página inicial do Atlas.Ti



Fonte: Atlas.ti.

4.1.2 Locus da pesquisa

O *locus* da pesquisa se deu na cidade de Fortaleza-CE. Em específico, vale dizer que a gravação do grupo focal ocorreu por volta das 18h do dia 14 dezembro de 2012, na sala 3 das

instalações do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGL-UFC), no bairro Benfica, próximo ao Estádio de Futebol Presidente Vargas.

Fortaleza é um município brasileiro, capital do estado do Ceará. Também é conhecida, dentre outros nomes, como “Capital Alencarina”, em alusão ao escritor Fortalezense José de Alencar.

A cidade localiza-se no litoral atlântico com 34 km de praias, a uma altitude média de 21 metros. Segundo dados encontrados no site do IBGE (www.ibge.gov.br), Fortaleza, de acordo com o censo de 2010, possui 314, 930 km² de área e 2.454.185 habitantes, sendo uma das capitais de maior densidade demográfica do país, com 7.786, 44 hab/km². Ainda segundo o IBGE, a população estimada para 2013 é de 2.551.806 habitantes. É a capital brasileira mais próxima da Europa, estando a 5.608 km de Lisboa, em Portugal.

De acordo com a Fédération Internationale de Football Association (FIFA), instituição responsável por diversos eventos futebolísticos internacionais, dentre os quais o principal é a Copa do Mundo, Fortaleza é uma das 12 cidades-sede da Copa do Mundo de 2014 (para conferir, ver www.fifa.com e/ou pt.fifa.com).

Ainda, segundo a FIFA, em pt.fifa.com, dois dos clubes mais populares do Nordeste do Brasil vêm de Fortaleza: o Ceará Sporting Club e o Fortaleza Esporte Clube. Os dois times já tiveram participações memoráveis em competições nacionais. O Ceará foi vice-campeão da Copa do Brasil em 1994, quando perdeu para o Grêmio, e chegou à semifinal em 2005. Já o Fortaleza foi duas vezes vice-campeão da Taça do Brasil, em 1960 e em 1968. A rivalidade entre os dois clubes é uma das mais acirradas do país.

No mesmo site, consta também que a cidade de Fortaleza oferece dois estádios para jogos entre Ceará e Fortaleza, além do Ferroviário Atlético Clube. São eles o Estádio Governador Plácido Castelo, mais conhecido como Castelão (ou Arena Castelão: observação nossa), e o Estádio Municipal Presidente Vargas (popularmente conhecido como PV: observação nossa). O Castelão foi recentemente modernizado e ampliado para a Copa do Mundo de 2014 e tem capacidade para aproximadamente 58 mil torcedores.

4.1.3 Informantes

Os informantes participaram voluntariamente, assinando, cada um deles, um Termo de Consentimento Livre. Vale dizer ainda que, antes de suas participações no grupo focal, os informantes foram selecionados previamente com base nos seguintes critérios:

1. Ser torcedor de algum time de futebol com sede na cidade de Fortaleza, tais como Ceará Sporting Club, Ferroviário Atlético Clube e Fortaleza Esporte Clube.
2. Ser frequentador de jogos de futebol nos estádios da cidade de Fortaleza-CE

O primeiro critério se fundamentou na temática desta pesquisa cujo foco é verificar o processamento da conceitualização da violência no futebol por torcedores vítimas diretas e ou indiretas dessa violência na cidade de Fortaleza; o segundo critério também se fundamentou no foco da reportada temática e, além disso, fundou-se no pressuposto de que o torcedor que frequenta jogos nos estádios é potencialmente uma vítima direta e ou indireta da violência no futebol. De acordo com Murad (2012, p. 37), na última década estudada em sua pesquisa sobre violência no futebol, entre 1999 e 2008, nós, brasileiros, “[...] fomos campeões mundiais na morte de torcedores [...]”, contabilizando uma média de 4,2 mortes por ano na última década mencionada. O fato de sermos campeões nesse ranking mundial já pressupõe outros tipos de violência contra o torcedor que não chegam a levá-lo a morte. Ainda com Murad (2012, p. 38), “78,8% das mortes são de torcedores sem nenhuma ligação com grupos organizados e responsáveis por atos e comportamentos marginais.”

Seguindo os dois critérios reportados, conseguimos 6 torcedores: 3, do Ceará; e, 3, do Fortaleza. Seus nomes foram codificados para preservar-lhes o direito ao anonimato. Os nomes já codificados aparecem na transcrição da seguinte forma, não necessariamente nessa ordem: Alex; Antônio; Carlos; Fábio; Marcos; e Murilo. A função de Moderador do Grupo foi desempenhada por este pesquisador.

Em conformidade com os critérios 1 e 2 pré-estabelecidos, neste tópico, para a seleção dos participantes do grupo focal, não levamos em consideração distinções de sexo, de cor, de classe e de outras. Para que o participante ingressasse no grupo, ele devia apenas estar enquadrado nos mencionados critérios. Foi um tanto quanto difícil conseguir torcedores genuinamente disponíveis dentro dos termos em questão, mas conseguimos os 6 já reportados anteriormente. Todos são do sexo masculino, com idades entre 20 e 45 anos, moradores de bairros adjacentes às instalações do PPGL-UFC, o que quer dizer que também moravam próximo ao Estádio de Futebol Presidente Vargas. Com efeito, a convivência desses torcedores com a violência no futebol era rotina. Com base na tradição consuetudinária da cidade de Fortaleza-CE, podemos dizer que, nesta cidade, há mais torcedores do que torcedoras de futebol, o que justificou a maior facilidade de formar o grupo composto apenas por torcedores do sexo masculino. Mas, como dissemos antes, o sexo nem outros aspectos socioculturais como os já comentados não foram critérios para escolha do grupo. Além disso, vale lembrar que estamos trabalhando com o pressuposto teórico (CAMERON; LARSEN-

FREEMAN, 2008), já descrito em capítulos anteriores, de que a interação discursiva é um sistema adaptativo complexo dinâmico, sendo, portanto, sensível às condições iniciais e a possíveis outras interferências que possam aparecer no fluxo das interações. Nessa perspectiva, é de bom alvitre uma abertura para o pensamento complexo, bem como levar em conta que o discurso, aqui, é tomado como sistema complexo adaptativo, assim, qualquer variável introduzida, trocada ou retirada do sistema em seu início, ou mesmo no decorrer da interação pode provocar uma alteração na emergência da conceitualização. Isto quer dizer que se tivéssemos, por exemplo, pelo menos uma “torcedora” no grupo focal em questão, ou até mesmo outro torcedor que não participou do grupo, a conceitualização emergente poderia ser outra. No entanto, o que buscamos não é, nem de longe, encontrar uma conceitualização universal e estanque, ou ainda levantar um estudo comparativo de conceitualizações, pois tal estudo fugiria aos nossos propósitos.

4.2 Procedimentos de análises

Considerando a interface metateórica desenvolvida no capítulo 3 desta dissertação, as análises dos dados podem convergir, em certos momentos, mecanismos teóricos oriundos das metáforas sistemáticas bem como da teoria da integração conceitual, de modo que, é levado em consideração que as metáforas sistemáticas dão conta do plano discursivo; enquanto as integrações conceituais, do plano cognitivo do objeto em estudo, no caso, a conceitualização da violência no futebol.

4.2.1 Procedimentos técnicos de análises atinentes a Metáforas Sistemáticas

Seguindo a proposta de Cameron (2009), ao utilizarmos o software Atlas ti 6, fizemos determinadas codificações de conceitos previstas pela autora para facilitar a organização e a categorização dos dados na análise, tais como MetSis – para metáfora sistemática; TD’s – tópicos discursivos; VeMets – veículos metafóricos; e Metons – veículos metonímicos.

A metáfora sistemática (MetSis), tecnicamente, é rotulada em caixa alta e itálico, guardando semelhanças com o rótulo da metáfora conceitual, de Lakoff e Johnson, 1980, com exceção do “itálico”. A metáfora sistemática também pode ser entendida como rótulo de uma conceitualização *ad hoc* que se estabiliza relativa e temporariamente em função da articulação entre tópicos discursivos (TDs), veículos metafóricos (VMets) e veículos metonímicos (Metons) no fluxo discursivo.

Os tópicos discursivos (TD's) podem ser entendidos como temas e ou macro-temas que circulam na interação discursiva. Os veículos metafóricos (VMets) podem ser vistos como metáforas linguísticas e ou expressões metafóricas emitidas pelos falantes em interação discursiva. Os veículos metonímicos podem ser compreendidos como metonímias linguísticas e ou expressões metonímicas emitidas pelos falantes no momento da interação discursiva. Os VMets e os Metons formam um *continuum* nessa abordagem. Estes mecanismos, ou seja, os VMets e os Metons vão surgindo no fluxo da interação discursiva através da fala dos participantes de um grupo de interação discursiva, sendo ligados sistematicamente aos tópicos discursivos (TD's) que, por seu turno, circula no mencionado fluxo.

Os VMets e os Metons, normalmente, ao surgirem na fala de um participante, são retomados e ou readaptados por outro falante em momento posterior, em um intervalo de tempo que pode variar de segundos a minutos. A readaptação desses mecanismos se dá, por exemplo, quando um falante emite uma metáfora linguística e ou expressão metafórica com um conteúdo semântico X, que, de certo modo, refere-se a determinado tópico na discussão; e, depois de um intervalo de tempo, este mesmo falante ou outro qualquer usa outra metáfora linguística que, apesar de diferente na forma, apresenta conteúdo semântico semelhante a X, e que também está ligada ao mesmo tópico discursivo da outra metáfora. Assim, quando essa readaptação e ou mesmo a retomada de VMets e Metons ligados a determinados TD's vão aparecendo recorrentemente no fluxo discursivo, torna-se possível observar uma verdadeira rede sistemática de VMets e Metons semanticamente semelhantes entre si e ligados a um TD, de forma sistemática. Este ensejo nos permite perceber que conceitualização está se estabilizando temporariamente naquela discussão em grupo. A Metáfora Sistemática (MetSis) pode ser vista como essa conceitualização. É, portanto, a partir da observação e da reflexão do analista sobre essa rede sistemática que ele pode propor uma Metáfora Sistemática (MetSis) que rotule a conceitualização que se estabilizou temporariamente naquela interação discursiva.

Tendo em vista essas considerações, em um primeiro momento, desenvolvemos a análise da transcrição por meio do Atlas ti. 6.2 tentando rastrear as mencionadas redes de VMets (veículos metafóricos) e Metons (veículos metonímicos) ligados a TD' (tópicos discursivos) s a fim de verificarmos a conceitualização da violência no futebol por torcedores vítimas diretas e ou indiretas dessa violência. Em outro momento, ocorreu um problema técnico no uso do Atlas ti. 6.2, que tornou inviável a continuação da análise com este software. Para substituí-lo, o software Word 2010 foi utilizado, cumprindo o mesmo papel do Atlas ti.6.2, no entanto, tornando a análise um pouco mais trabalhosa. Portanto, feitas as

análises, inicialmente no Atlas ti. 6.2, e, depois, no Word 2010, descobrimos uma rede de VMets e Metons ligadas a TD's que nos levaram a propor a seguinte (MetSis) Metáfora Sistemática:

A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL É UM AGENTE QUE LIMITA O DESLOCAMENTO DO TORCEDOR. Além desta, foi possível também observar uma metáfora sistemática que não buscávamos, cuja emergência se deu a partir de redes de Metons, o que nos levou a propor também a seguinte metáfora sistemática: *CAMISA É PROTEÇÃO.*

Foram descritos procedimentos técnicos acerca da análise de metáforas sistemáticas. Sigamos, agora, para o capítulo 5 cujas análises e a discussão dos dados foram desenvolvidas.

5 ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS DADOS

As análises da discussão dos 6 torcedores de futebol nos permitiu identificar tópicos discursivos como “medo”, “insegurança”, “morte” e macro-tópico “violência no futebol” que, por sua vez, apareceram recorrentemente nas análises. Estas também nos permitiram investigar e descrever redes de integração conceitual, que emergiam no plano cognitivo-conceitual dos interlocutores no fluxo discursivo. No excerto (I) logo abaixo, descrevemos veículos metafóricos e metonímicos que conectados aos tópicos discursivos contribuem para a descrição sistemática da conceitualização *ad hoc* que emerge no fluxo da interação discursiva, ou seja, a metáfora sistemática. Vejamos:

Excerto I

- 3.Moderador Quando vocês ouvem a expressão violência no futebol, qual a primeira coisa que vem na cabeça?
 4.Fábio Medo.
 5.Moderador Medo?
 6.Moderador..Pode ficar a vontade, fala.
 7.Marcelo <XX>
 8.Moderador Pode falar!
 9.Carlos Pensa em violência nos estádios, né?
 10.Carlos . A gente fica até meio –
 11.Carlos Tem até medo de levar nossos filhos pra –
 12.Carlos . A gente quer se divertir um pouco com eles mas não pode ir, a gente não pode ir temendo à violência.

Observemos que o tópico discursivo medo surge na linha 4 do excerto acima, na fala de Fábio e, em seguida, é retomado por Carlos na linha 11, sendo conectado à metonímia “violência” (relação efeito pela causa) na linha 12: “...temendo à violência.” Carlos teme a ações praticadas por agentes da violência, ensejo que pode ter como efeito a violência. Assim a relação metonímica causa-efeito é invertida para efeito-causa, na fala de Carlos, linha 12. Consta, portanto, neste excerto, uma conexão do tópico discursivo “medo” com o veículo metonímico “violência”. No entanto, devemos lembrar que o tópico pode não aparecer no plano lingüístico-discursivo e apresentar-se de forma latente, partilhado sociocognitivamente entre os falantes, fato que, além de outros, também nos levou a usar a teoria da integração conceitual, para o plano cognitivo-conceitual, conjugando-a com a abordagem de metáforas sistemáticas, no plano lingüístico-discursivo. Mas, enfim, os caminhos pelos quais os tópicos discursivos percorreram o discurso conectando-se aos veículos metafóricos e/ou metonímicos se deram, em grande parte, no plano lingüístico-discursivo, ou seja, da forma como acabamos

de descrever anteriormente com base no excerto I. Ou seja, o tópico discursivo aparece na fala de um participante do grupo, depois pode ser retomado na fala de outro e conectado a um veículo. Podemos tomar a análise acima como exemplo disso, vejamos, portanto: o tópico discursivo medo conectado ao veículo metonímico violência aparece na fala de Fábio, linha 4, depois, na linha 5, na do Moderador, depois, na linha 11, na fala de Carlos e ainda na fala deste, o tópico discursivo medo aparece de forma latente na linha 12, o que pode ser observado pelo verbo “temendo”. É também nesse sentido que podemos observar o percurso do tópico discursivo, que ora se apresenta explícito, ora implícito, latente. Isso também reflete a necessidade de conjugar duas teorias, cada uma delas com mais especificidade a planos distintos, uma para o lingüístico-discursivo (CAMERON; MASLEN, 2010); outra, para o cognitivo-conceitual (FAUCONNIER; TURNER, 2002, 2007). O percurso percorrido pelo tópico discursivo medo e sua conexão com o veículo metonímico violência contribuíram para a emergência de um padrão que se estabilizou temporariamente no discurso. Esse padrão é justamente uma das metáforas sistemáticas que encontramos e que será detalhada no desenvolvimento das análises. Nesse sentido, antecipamos que o percurso percorrido por outros tópicos ligados a outros veículos metafóricos e/ou metonímicos também contribuíram para a emergência dessa mesma metáfora sistemática à qual aludiremos mais adiante. Os tópicos discursivos mais recorrente foram: medo, morte, insegurança e o macro-tópico violência no futebol.

Vale dizer ainda que veículos metafóricos e metonímicos surgiram, recorrentemente, formando redes e ou agrupamentos de metáforas e metonímias linguísticas semanticamente semelhantes entre si que se conectavam tanto ao tópico medo quanto, em outros trechos, aos tópicos insegurança, morte e, sobretudo, ao macro-tópico violência no futebol, dentro de uma sistematicidade sugerida pela abordagem da metáfora guiada pelo discurso (CAMERON, 2003, 2007, 2008; CAMERON; MASLEN, 2010). Vejamos agora o próximo excerto cujas análises acentuam mais a convergência das duas teorias com as quais trabalhamos:

Excerto II

20. Marcos A liberdade da gente tá na mão do –
21. Marcos povo, né? Como é que eu posso dizer?
22. Marcos .. Na mão dos vagabundos, né?
23. Marcos . Porque quem vai pro estádio fazer a confusão não é o torcedor, né?
24. Marcos É o vagabundo infiltrado no meio do torcedor.
25. Antônio A violência <XX>, passa se preocupa logo, não sabe se o filho vai e volta
26. Carlos Sabe que vai –
27. Antônio Vai mas não sabe se volta.
28. Antônio <XX> Já fica preocupado, <XX> não tem como <XX>

O tópico discursivo insegurança pode ser observado logo de início na fala de Marcos, nos trechos que vão da linha 20 à 22: “a liberdade da gente...tá na mão dos vagabundos”. Vale observar a natureza implícita desse tópico, uma vez que não aparece diretamente nas falas dos participantes. No entanto, a fala do participante Marcos demonstra por meio de veículos metafóricos (liberdade da gente) e metonímicos (ta na mão...) que ele se sente inseguro para exercer livremente seu direito de ir e vir. A palavra liberdade apresenta-se metaforicamente como um objeto de posse que, nessa situação, Marcos o declara como pertencente aos agentes da violência, concluindo a expressão por meio do veículo metonímico “na mão dos vagabundos”. No mesmo trecho, ambos os veículos metafóricos e metonímicos estão conectados ao tópico insegurança. Observemos que o tópico discursivo insegurança está implícito e percorre a interação discursiva através dos veículos metafóricos e dos metonímicos, conectando-se a estes. O tópico insegurança funcionou como atrator caótico, na abordagem cameroniana, pois consistiu em colocar ordem na aparente desordem da interação discursiva, isto é, consistiu em chamar o discurso para uma estabilização temporária. Nesse sentido, o tópico discursivo insegurança, abordado neste excerto II, e o tópico medo, visto no excerto I, contribuíram ambos para a emergência da mesma metáfora sistemática atinente à conceitualização da violência no futebol. Isso pode ser observado porque os reportados tópicos discursivos como se estivessem abrigados no macro-tópico violência no futebol. Mas, ainda em se tratando do tópico insegurança, do excerto II, vale lembrar que se trata de um tópico implícito, o que nos leva a evocar, além das análises de plano lingüístico-discursivo, uma análise de base cognitiva.

Também é válido dizer que não é apenas o fato de o tópico discursivo ser implícito que nos leva a conjugar as aportes teóricos cognitivos e discursivos, mas toda a sistematicidade teórica já apresentada exaustivamente em capítulos anteriores sobre a relação dos sistemas linguagem e cognição. Posto isso, observemos o seguinte: Cameron (2003, 2005, 2007, 2008), Cameron *et al.* (2009) e Cameron e Maslen (2010) não aclaram que aparato cognitivo-conceitual subjaz, por exemplo, aos veículos metafóricos. Considerando isso, vejamos como a teoria da integração conceitual, de Fauconnier e Turner (2002, 2007) pode explicar, no plano cognitivo-conceitual, o veículo metafórico “liberdade” que aparece na linha 20, na fala de Marcos. Então, vejamos:

Observando o termo “liberdade” no trecho em questão, considerando a teoria da integração conceitual, consta que há uma rede de escopo único na qual emerge a integração conceitual em que a palavra liberdade é metaforizada como objeto de posse. Na rede de escopo único, há dois *frames* distintos ligados cada um a um espaço de entrada distinto, ou

seja, um *frame* para liberdade e um para objeto de posse. As projeções interesaciais são bidirecionais entre as contrapartes liberdade e objeto de posse. No entanto, importa dizer que é apenas um dos *frames* que se projeta no espaço de integração, que é o do espaço de entrada do elemento liberdade. Nesse sentido, a rede de escopo único realizou um tipo de projeção metafórica. Deve-se ressaltar que não se deve confundir, aqui, a rede de escopo único com uma metáfora conceitual, como alguém poderia alegar, haja vista a bidirecionalidade das projeções entre os elementos de contraparte nos espaços de entrada. Talvez ainda fosse possível argumentar que no espaço genérico houvesse uma metáfora conceitual, no entanto, na estrutura geral da IC em questão o que ocorre, de fato, é a estruturação dinâmica de uma rede de escopo único em que elemento liberdade emerge no espaço de integração como objeto de posse. Já podemos perceber aqui que enquanto, de um lado, no plano discursivo, a abordagem de metáforas sistemáticas discorre sobre as “palavras”, ou seja, sobre as pistas que auxiliam a construção de sentido; de outro, ou seja, no plano cognitivo-conceitual, a teoria da integração foca o que subjaz às palavras. Agora, retomemos a abordagem de Cameron ainda sobre o excerto II.

Na linha 24, Marcos usa um veículo metafórico “infiltrado no meio” e dois metonímicos, “vagabundo” e “torcedor”, no momento em que fala “é o vagabundo infiltrado no meio do torcedor”. O veículo metafórico “infiltrado no meio” reflete certa proximidade espacial entre o agente da violência e o torcedor. A proximidade entre o agente da violência e o torcedor reflete, por seu turno, o risco que o torcedor corre ao exercer seu direito de ir e vir ao estádio. O veículo metafórico “infiltrado” conecta-se, portanto, ao tópico insegurança. Os veículos metonímicos, vagabundo e torcedor, representam categorias inteiras, por meio de uma relação parte-todo. Nesse sentido, os veículos metafóricos e metonímicos mencionados conectam-se ao tópico discursivo insegurança. Vejamos agora o excerto (III):

Excerto III

29. Carlos Eu sou uma pessoa que sou fanática pelo Ceará e tudo, eu vou pro estádio e eu gosto de ir no caminho do torcedor –
30. Alex <XX> O cara ainda vai com medo ainda, vai com medo –
31. Carlos Não sei o que vai acontecer –
32. Alex <XX> A pessoa vai assim, não sabe se volta, não sabe se volta.
33. Carlos Eu gosto de usar a camisa –
34. Alex Infelizmente tá assim.
35. Carlos Eu gosto de usar a camisa da torcida organizada, eu gosto
36. Carlos . Mas só que eu não me misturo com eles.
37. Antônio Dois
38. Carlos Mas se alguém me pegar vestido com aquela camisa na saída do estádio, na <XX>, sei lá.
39. Alex Aí o pessoal apanha por causa que tá usando a camisa, mesmo não sendo do -

No excerto acima, na linha 29, Carlos usa o veículo metafórico “gosto de ir no caminho do torcedor”, metaforizando o deslocamento espacial do torcedor e promovendo, logo em seguida, a retomada da discussão na qual o tópico medo se inscreve. A retomada desse tópico pode ser observada na linha 30, em que o informante Alex usa um veículo metonímico “O cara vai com medo ainda”, conectando-o ao tópico discursivo medo. Esta conexão entre veículo metonímico e tópico “medo” assinala que o deslocamento espacial do torcedor é atemorizado pela “violência no futebol”. Mais adiante, nas linhas 33 e 35, Carlos usa respectivamente o veículo metonímico “camisa” e “camisa da torcida organizada” como uma espécie de identidade com os torcedores organizados, no entanto, na linha seguinte usa um veículo metafórico para negar sua inserção no grupo: “mas não me misturo com eles.” Notemos que este veículo metafórico “misturo” apresenta semelhança semântica com o veículo “infiltrado” expresso pelo informante Marcos, no excerto (II), na linha 24: é o vagabundo infiltrado no meio do torcedor. No entanto, o veículo metafórico “misturo”, nessa ocasião, não se conecta ao mesmo tópico cujo veículo “infiltrado” se conecta. O veículo “misturo” usado por Carlos está mais possivelmente ligado a um tópico particular do próprio falante em que pretende assegurar que não é um agente da violência; enquanto que o veículo “infiltrado” usado por Marcos, como na análise do excerto II, está conectado ao tópico insegurança, pois reflete uma proximidade espacial do agente da violência em relação ao torcedor. Por outro lado, podemos observar que, mesmo com tais diferenças, há um ponto em comum entre estes veículos, ambos estão sendo utilizados para falar de proximidade, seja identitária ou espacial. Ou seja, nesses contextos, misturar e/ou infiltrar é estar próximo. Por esse prisma, é possível notar um compartilhamento semântico entre estes veículos nessa interação discursiva.

Voltando ao excerto (III), temos ainda que, na linha 38, Carlos retoma o veículo metonímico “camisa”, usado em linhas anteriores, associando-o aos tópicos medo e insegurança: “...se alguém me pegar usando aquela camisa na saída do estádio...” Logo em seguida, na linha 39, Alex, por sua vez, também faz uso desse veículo metonímico, associando-o aos tópicos medo e insegurança: “...Aí o pessoal apanha por causa que tá usando a camisa, mesmo não sendo do - ...”. Importa lembrar que o veículo “camisa” oscila no *continuum* que vai do seu uso mais básico ao menos básico (CAMERON; MASLEN, 2010), ou seja, grosso modo: do literal ao figurado. O veículo metonímico camisa apareceu recorrentemente refletindo a ideia de pertencimento clubístico, bem como representando um conjunto de torcedores que usam a camisa da torcida organizada.

Nesse sentido, os veículos metafóricos e os metonímicos foram se readaptando recorrentemente no fluxo da interação discursiva, formando redes de metáforas e de metonímias semanticamente semelhantes entre si, conectadas aos tópicos discursivos medo, insegurança e, sobretudo, ao macro-tópico em debate, ou seja, à violência no futebol, os quais percorriam o discurso ora explicitamente, ora implicitamente.

Se considerássemos apenas a rede de veículos metonímicos ligada ao tópico insegurança, poderíamos propor uma metáfora sistemática que não esperávamos encontrar: *CAMISA É PROTEÇÃO*, uma vez que o veículo metonímico camisa foi usado recorrentemente também como um aparato de proteção ao torcedor que faz um simulacro de pertencimento a uma torcida organizada no intuito de sentir-se seguro, atenuando sua vulnerabilidade a ataques desta mesma torcida organizada na qual se insere. Nesse sentido, o tópico discursivo insegurança vinculado ao veículo metonímico camisa configuravam-se como atrator caótico, pois chamou o discurso para uma estabilização temporária, a qual emergiu como a metáfora sistemática proposta: *CAMISA É PROTEÇÃO*.

No plano cognitivo-conceitual, ao manipular o veículo metonímico camisa, ambos os participantes, ou seja, Carlos e Alex constroem dinamicamente a integração conceitual por rede de escopo único em que apenas um dos espaços de entrada se projeta no espaço de integração, realizando uma compressão metonímica, que podemos chamá-la também de integração por metonímia no espaço de integração, com base em Fauconnier e Turner (2007). Para esta integração conceitual, o tópico discursivo insegurança, comportou-se diferentemente do que vimos na anterior abordagem cameroniana, pois ele não se apresentou como caótico. O tópico discursivo insegurança atraía a formação da IC, mas como atrator de médio desempenho, ou seja, como atrator não-caótico, em específico, como atrator de ponto fixo. Isto significa que, para a IC, em vez de atrair uma estabilização temporária, o atrator em questão chamou o sistema (rede de escopo único) para um equilíbrio que refletiu “ideia fixa” da metonímia para a situação discursiva. Alguém poderia até tentar contra-argumentar a diferença entre equilíbrio e estabilização temporária nesse ponto. Mas discorrer sobre isso, aqui, fugiria aos nossos propósitos, uma vez que as teorias referentes aos sistemas complexos já se destinam, em certo aspecto, a dar conta dessa questão. Por outro lado, podemos dizer sumariamente que a estabilização temporária é atraída por atrator caótico, e o sistema continua a interação; enquanto que o equilíbrio do sistema é atraído por atrator não-caótico, ocasião em que a interação sistemática se encerra, e o sistema morre. Nesse contexto, não se está dizendo que a interação cognitiva “morreu”, mas sim que a rede sistemática, no caso, a de escopo único, que se formara para integração metonímica do termo “camisa” ocorreu e, em

seguida, atingiu um equilíbrio, deixando um efeito de “ideia fixa”, pela atração do tópico discursivo insegurança que lhe fora um atrator de ponto-fixo, não-caótico, portanto. Por outro lado, lembremos que este mesmo atrator apresentou-se como atrator caótico para a abordagem de Cameron. Posto isso, retomemos a abordagem desta autora:

No que diz respeito a metáforas sistemáticas, vale ressaltar também que o veículo metonímico “camisa” também se insere em uma rede maior ligada aos já mencionados e recorrentes tópicos medo, insegurança e ao macro-tópico violência no futebol, que por seu turno, para o plano discursivo-linguístico, configuram-se como atratores caóticos, uma vez que levam a discussão para uma estabilização temporária, podendo ser vista como uma conceitualização *ad hoc* que emerge do e no discurso como metáfora sistemática. Vejamos agora o excerto IV:

Excerto IV

130. Alex Mas, infelizmente, têm esses caras que vão se infiltrar nas torcidas que é pra poder-

131. Alex ..Sujar o nome da torcida

132. Antônio É como meu pai, meu pai –

133. Carlos <XX> Qual a torcida mais violenta.

134. Antônio Meu pai torce Ceará, meu pai deixou de ir, mas acho que ele não paga não, já é de idade, ele deixou de ir pra estádio e ele disse: <Q Rapaz, prefiro ir pra uma briga de galo do que pro estádio Q>.

135. Alex <XX>

136. Antônio Pelo menos nas brigas de galo tem torcida não, é só aposta, só quem morre é um dos dois galos, a gente só faz receber o dinheiro e no estádio é arriscado a gente morrer, morrer jogador, morrer policial, morrer todo mundo.

137. Carlos Têm dois futuros, ou vão só os vagabundos ou –

138. Carlos .Daqui pra frente, ou futuramente, ou só vai ter vagabundo no estádio e torcedor e torcedor que é torcedor não vai querer ir mais.

O contexto no qual este excerto se insere inicia-se pelas perguntas do moderador referentes aos riscos da violência no futebol e ao que poderia vir a acontecer, no futuro, em relação a essa violência. Nesse sentido, vale atentar para o fato de que a primeira expressão dos falantes diante disso foi a resposta imediata de Carlos, ao dizer: “A morte”, na linha 114, que, por sua vez, não está incluída no excerto por razões técnicas. Já na linha 130, que é a que inicia este excerto, o veículo metonímico “caras” e o metafórico “infiltrar” reaparecem, basicamente, com os mesmos sentidos já discutidos em excertos anteriores, no entanto voltados para a ideia cronológica de tempo futuro. Na linha 131, o informante Alex conclui seu raciocínio com o veículo metafórico “Sujar”. Porém não há uma relação direta entre esse último veículo e os tópicos medo e insegurança, para que possamos incluí-lo na rede de

metáforas ligadas a esses tópicos. Na linha 134, ao reproduzir a voz e o posicionamento do próprio pai em relação à violência no futebol, Antônio diz: <Q Rapaz, prefiro ir pra uma briga de galo do que pro estádio Q>; na sequência, na linha 136, recompondo a própria fala, Antônio retoma o tópico “morte” trazido por Carlos na linha 114, e o distribui, no momento em que compara o risco de ir ao estádio com o risco de ir a uma rinha de galo. Nesse sentido, Antônio inicia a distribuição com: “...a gente morrer...” e arremata com o “morrer todo o mundo”. Mas notemos que o verbo morrer aqui não está se articulando como veículo metafórico, ela apenas retoma o tópico “morte”, situação que aproxima a fala de Carlos, na linha 138, desse tópico. Assim, Carlos, referindo-se a um tempo cronológico futuro, diz que “... ou só vai ter vagabundo no estádio e torcedor, e torcedor que é torcedor não vai querer mais ir”. Notemos que na fala de Carlos, o deslocamento do torcedor, como visto nas análises anteriores, é novamente associado ao tópico medo e, agora, também ao tópico morte, uma vez que a fala antecedente à de Carlos, traz os mencionados tópicos discursivos, direta e/ou indiretamente. Esses tópicos discursivos agem como verdadeiros atratores que, por seu turno, colocam uma ordem no aparente caos da interação discursiva em análise, no sentido de atraírem a conceitualização da violência no futebol para uma estabilidade temporária. Passemos agora para o próximo excerto.

Excerto V

141. Antônio .Torcida organizada –
 142. Antônio .<Q Camisa não quero no estádio Q>.
 143. Antônio .A TUF. Proibiram a TUF três jogos, parece, né? Três ou foi dois? Foi três?
 144. Alex A TUF foi até o final do ano, 5 meses.
 145. Antônio Essa final do jogo, tinha alguém com a camisa? Não tinha! Quebraram –
 146. Antônio Camisa_<XX>
 147. Alex <XX> com material? Não quer dizer nada. Os torcedor vão do mesmo jeito, não pode entrar é com a camisa, mas os torcedor vão entrar do mesmo jeito.

No excerto V, o informante Antônio inicia uma discussão sobre uma punição imposta à torcida organizada TUF (Torcida Uniformizada do Fortaleza), relatando que torcedores usando a camisa da TUF eram proibidos de entrar nos estádios. Na linha 144, Alex informa que a duração da punição chegou a 5 meses. Ocorre que, na linha 142, Antônio simula a fala da “instituição” que imputa a punição, iniciando-a com o veículo metonímico “camisa” que, por seu turno, é reempregado amiúde e conectado ao macro-tópico violência no futebol ao longo de boa parte da interação discursiva como um todo. Nesse excerto, em específico, o uso desse veículo metonímico permite-nos entrever que violência no futebol praticada pela TUF acarretara sua proibição de entrada nos estádios. Na linha 142, a palavra “Camisa” trata-se de

um veículo metonímico por representar tanto a própria matéria camisa quanto a torcida inteira da TUF, uma vez que a punição se deu contra esta torcida. No entanto, na linha 145, Antônio tenta deixar claro que a punição em relação ao uso da “camisa”, ou seja, em relação à TUF, não impediu os torcedores de irem ao estádio, como se dissesse que mesmo sem a camisa da TUF, os torcedores ainda estavam presentes na partida final do campeonato. Alex complementa a ideia na linha 147, porém, este informante dá um tratamento não-metonímico à palavra camisa, articulando-a em seu sentido mais básico, nos termos de Cameron, visto que evoca um sentido de concretude em relação à “camisa” “...com material?... não pode entrar é com a camisa...”. Essa variação dinâmica do uso ora metonímico ora literal da palavra camisa não a desconecta do macro-tópico violência no futebol, visto que os torcedores da TUF foram penalizados por consequência de suas práticas de ações violenta, e, em certos momentos da interação discursiva, foram feitas conexões do veículo metonímico “camisa” com o macro-tópico discursivo violência no futebol. Também devemos notar que, além de outras ocorrências já discutidas em excertos anteriores, neste excerto, há também o mesmo tipo de conexão entre o mencionado veículo metonímico e o tópico discursivo violência no futebol. Nesse sentido, podemos observar que a violência no futebol não limitou a entrada espacial dos torcedores da TUF, mas, de certo modo, acarretou limitações quanto ao modo pelo qual tais torcedores podiam entrar e transitar nos estádios.

Nessa perspectiva, os veículos metafóricos e os metonímicos ligados aos tópicos e macro-tópico mencionados ao longo das análises dos excertos, que vão do I ao V, refletiram que as ações dos agentes da violência sempre tendia a limitar, de alguma forma, a liberdade de locomoção dos torcedores, quer pelo medo, quer pela insegurança, quer pelo modo de locomoção. Tendo em vista essas ocorrências, a conceitualização da violência no futebol ocorreu a partir da interação discursiva em análise estabilizando-se temporariamente como a seguinte metáfora sistemática proposta:

VIOLÊNCIA NO FUTEBOL É UM AGENTE QUE LIMITA O DESLOCAMENTO DO TORCEDOR.

Contextualizando agora o excerto (VI): a fala do informante Carlos ocorreu ao início da interação discursiva, logo após a pergunta do Moderador do grupo que, por sua vez, perguntara o seguinte: “Quando vocês ouvem a expressão violência no futebol, qual a primeira coisa que vem na cabeça?”. Considerando isso, os primeiros aspectos a observarmos em (VI) pode ser a evocação de um *frame* de “violência nos estádios” pelo informante Carlos,

que emerge na linha 9 do corpus – “*Pensa em violência nos estádios, né?*”. Em paralelo, há também uma topologia específica homônima para o espaço de entrada 1. Além disso, vale lembrar também, logo de início, que há um *frame* de interação discursiva em grupo, acionado pelo ambiente discursivo-pragmático, uma vez que o falante está participando de um grupo focal. Observemos o excerto a seguir:

Excerto (VI)

9.Carlos Pensa em violência nos estádios, né?

10.Carlos . A gente fica até meio –

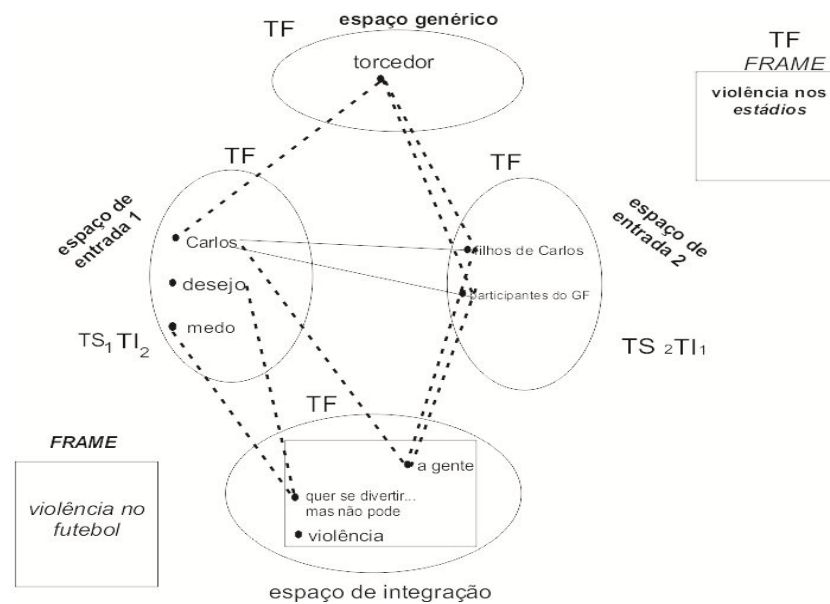
11.Carlos Tem até medo de levar nossos filhos pra -

12.Carlos . **A gente quer se divertir um pouco com eles mas não pode ir, a gente não pode ir temendo a violência.**

Em um espaço de entrada 1, há os seguintes elementos: o próprio informante Carlos, o desejo e o medo. No espaço de entrada 2, há os filhos de Carlos e os participantes do grupo focal. Estes elementos do espaço 2 formam a contraparte do elemento Carlos, do espaço 1, projetando-se ao elemento torcedor, no espaço genérico.

No espaço de integração, as contrapartes dos espaços de entrada ligadas ao elemento torcedor, do espaço genérico, sofrem fusão pela operação de *composição*, e, em seguida, emergem, podendo, inclusive, serem observadas, na instância linguística, através da estrutura lexical “a gente”; uma vez que, para esta perspectiva teórica, as palavras não têm sentido em si mesmas, porém são consideradas como pistas que auxiliam na construção do sentido (FAUCONNIER; TURNER, 2002; KÖVECSSES, 2006; LANGACKER, 2008; TURNER *apud* FAUCONNIER, 1994). Vejamos a ilustração da rede espelho que emerge nessa situação:

Figura 7 - Rede espelho encontrada nas análises



Fonte: Elaborada pelo autor.

Um *frame* organizacional “violência no futebol” permite o compartilhamento de uma topologia frame homônima para todos os espaços. Esta topologia também contribui para ajustar as relações entre as contrapartes no espaço de integração, bem como possibilita, ainda nesse espaço, uma compressão metonímica no sentido efeito-causa cuja emergência pode ser observada, na instância linguística, pela estrutura lexical “violência”, na linha 12, da fala de Carlos. A reportada compressão metonímica não decorre apenas da topologia frame violência no futebol no espaço de integração, mas também da operação de *complementação* que, por seu turno, recruta um frame de ações violentas praticadas por torcedores organizados, lançando-os no reportado espaço.

Assim como o elemento medo do espaço de entrada 1, o elemento desejo também é lançado diretamente no espaço de integração. A *Elaboração*, por sua vez, simula imaginativamente, no espaço de integração, o desejo de ir ao estádio bem como a impossibilidade de realizá-lo, operação tal que também contribui para a emergência de determinados elementos na IC, que, por sua vez, podem ser observados, na instância linguística, por meio das estruturas lexicais sublinhadas: “a gente quer se divertir...mas não pode...”.

Em suma, no excerto IV, e, à guisa de especificação, na linha 12, podemos constatar uma integração conceptual em rede espelho, visto que há um frame organizacional (violência no futebol) compartilhado com cada espaço, além de uma topologia frame homônima, ou seja,

violência no futebol, potencializando as relações vitais na IC. Há também uma topologia específica para espaço de entrada 1, ou seja, violência nos estádios que, por seu turno, é uma topologia incidental para o espaço de entrada 2, uma vez que a violência nos estádios para o elemento Carlos, do espaço de entrada 1, não é necessariamente a violência nos estádios para suas contrapartes, ou seja, participantes do grupo focal e filhos de Carlos, no espaço de entrada 2. O contrário também é verdade: a topologia específica do espaço de entrada 2 é incidental para o espaço de entrada 1. Assim, a conceitualização on-line da violência no futebol, nessa situação, estrutura-se cognitivamente em rede espelho, emergindo, basicamente, por integração metonímica. Passemos agora para o próximo excerto:

Excerto (VII)

133. Carlos <XX> Qual a torcida mais violenta.

134. Antônio **Meu pai torce Ceará, meu pai deixou de ir**, mas acho que ele não paga não, já é de idade, ele deixou de ir pra estádio e ele disse: <Q Rapaz, prefiro ir pra uma briga de galo do que pro estádio Q>.

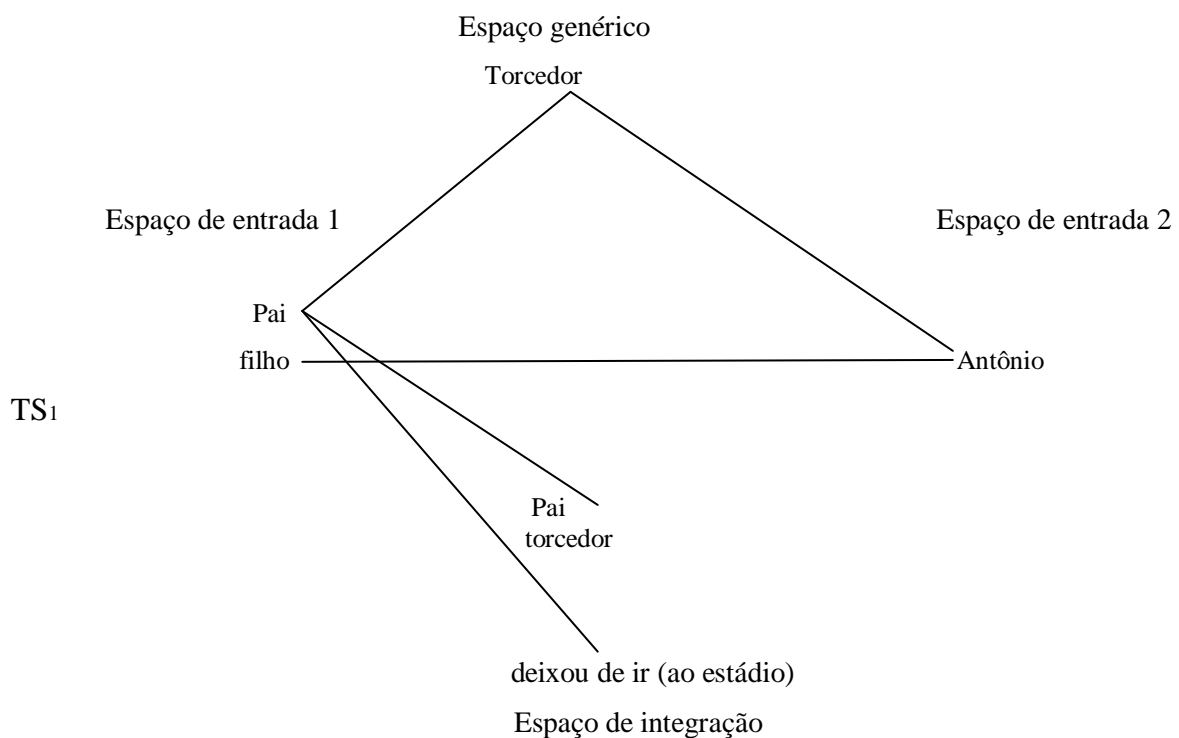
135. Alex <XX>

136. Antônio Pelo menos nas brigas de galo tem torcida não, é só aposta, só quem morre é um dos dois galos, a gente só faz receber o dinheiro e no estádio é arriscado a gente morrer, morrer jogador, morrer policial, morrer todo mundo.

Antes de contextualizar o excerto, vale lembrar o que dissemos no capítulo de metodologia, ou seja, que os códigos de transcrição <XX> e <Q Q>, para a abordagem de Cameron (2010), significam, respectivamente, a) palavras que não são possíveis de serem compreendidas a partir do áudio da filmagem, e b) a mudança de fala do participante, no sentido de reproduzir e/ou imitar a fala de outra pessoa, de um amigo, de um chefe de trabalho, de alguém que represente uma instituição, do presidente da república, o pai ou a mãe de uma família, por exemplo. Considerando isso, passemos agora ao contexto do excerto (VII) que se situa basicamente no momento da discussão em que o participante Carlos direciona sua fala a respeito de qual seria a torcida mais violenta. O código <XX>, na linha 133, quer dizer, como dissemos antes, que não foi captado o que Carlos dissera antes de proferir “qual a torcida mais violenta”; por outro lado, é possível vislumbrar, ainda nessa mesma linha, a retomada do macro-tema violência no futebol. Posto isso, importa observar agora uma parte específica da fala de Antônio destacada na linha 134: “**Meu pai torce Ceará, meu pai deixou de ir...**”. Antônio explica que seu próprio pai deixou de frequentar estádios por conta da violência no futebol praticada pelos agentes dessa violência. Essa explicação de Carlos emerge, no plano cognitivo-conceitual, como uma rede de escopo único formando um

continuum com uma rede simplex. Vale lembrar que, para Fauconnier e Turner (2002), as redes de integração conceitual não são estanques entre si. Nesse sentido, é possível ilustrar as redes em questão em uma só. Posto isso, na ilustração que se segue, optamos por não delimitar os espaços em elipses geométricas, como de costume, no intuito alinhá-la, em termos de design, ao *continuum* formado por ambas as redes, a simplex e a de escopo único. Vejamo-la, portanto:

Figura 8 - rede simplex formando continuum com rede de escopo único



Fonte: elaborado pelo autor.

No espaço genérico, como podemos observar, há o elemento torcedor cujos elementos Pai, do espaço de entrada 1, e Antônio, do espaço de entrada 2, partilham, em termos gerais, algo em comum, ou seja, fato de serem ambos torcedores. Ainda no espaço 1, há o elemento “filho”, que, por seu turno, é uma contraparte do elemento Antônio, no espaço 2. E, no espaço de integração, há os elementos “Pai-torcedor” e “deixou de ir (ao estádio)”. Ainda nesse espaço, ocorre, a operação de *elaboração*, em que o falante Antônio simula mental e imaginativamente a ideia de seu pai (torcedor) ter deixado de ir ao estádio por conta da violência no futebol, o que emerge, concomitantemente, em suas palavras: “Meu pai torce Ceará, meu pai deixou de ir...”. Além da *elaboração*, há um topologia específica (TS) ligada

ao espaço 1 que, por sua vez, também projeta-se para o espaço de integração, contribuindo também a realização da integração conceitual (IC).

A rede é de escopo único porque há distintos *frames* para os espaços de entrada, mas apenas o do espaço de entrada 1 é projetado para o espaço de integração. No caso, esse *frame* do espaço 1 pode ser visto como uma topologia específica (TS₁) que potencializa a IC no espaço de integração. Ao mesmo tempo, a rede também é simplex porque o *frame* do espaço 2 não está diretamente ligado aos propósitos da IC, é como se não houvesse o *frame* do falante Antônio no espaço 2. Na verdade, há tanto *frame* quanto topologia específica (TS) para o espaço 2, mas eles se encontram de forma latente e, por não serem relevantes para a dinâmica desse caso de integração conceitual, não se manifestam explicitamente.

Ainda em se tratando do aspecto de rede simplex nesse *continuum* de rede, vale observar ainda que, apesar de estar unido ao espaço 1, por meio de uma conexão de um *frame* para valores familiares, o elemento Antônio não desempenha nenhum papel no espaço 1, nem mesmo no 2, nem se projeta ao espaço de integração.

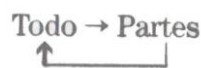
É, nesse sentido, que se constituiu o *continuum* entre as redes simplex e a de escopo único na integração conceitual realizada pelo falante Antônio. No espaço de integração, emerge a IC na qual o pai de Antônio é integrado como Pai-torcedor: “Meu Pai torce Ceará...” e ainda emerge a impossibilidade de o Pai-torcedor ir ao estádio em razão da violência no futebol: “...meu pai deixou de ir...”. Vale lembrar que ainda na mesma fala de Antônio, no excerto VII, um pouco mais adiante, ele imita a fala do próprio pai, nos termos de Cameron, ao dizer: “<Q Prefiro ir para uma briga de galo do que pro estádio Q>”. O fato de o pai de Antônio preferir ir à rinha de galo a ir para o estádio apenas confirma o que já foi exposto até então, evitando inferir outros motivos pelos quais o “Pai-torcedor” pudesse deixar de ir ao estádio.

Tendo em vista todas as análises acima, podemos perceber, de um lado, que os tópicos discursivos medo, morte, insegurança e o macro-tópico violência no futebol percorreram a interação discursiva, ora implicitamente, ora explicitamente, conectando-se a veículos metafóricos e a metonímicos, de modo que esta sistematização entre tópicos e veículos nos levaram a propor a metáfora sistemática *VIOLÊNCIA NO FUTEBOL É UM AGENTE QUE LIMITA O DESLOCAMENTO DO TORCEDOR*. De outro, podemos perceber que redes de integração foram também se desenvolvendo dinamicamente, no plano cognitivo-conceitual, e também contribuindo para a emergência da reportada metáfora sistemática. Nessa perspectiva, os aportes teóricos de Cameron, no plano lingüístico-discursivo, e os de Fauconnier e Turner,

no cognitivo-conceitual, foram convergidos de modo a descrever bem como investigar a conceitualização da violência no futebol.

Nesse sentido, vimos que os sistemas adaptativos complexos linguagem e cognição aninham-se em uma interação dinâmica. As redes de integração unem-se à dinâmica do discurso, no plano lingüístico, por meio de atratores lingüísticos como os tópicos discursivos. Ao mesmo passo, essas redes de integração podem fazer emergir no espaço de integração um produto emergente que, por seu turno, apareça explicitamente na interação discursiva. Pode ocorrer também de este produto, ou integração emergente, não apareça de forma explícita e, mesmo assim, seja partilhada sociocognitiva e pragmaticamente entre os participantes de uma interação discursiva, ensejo que contribui para o pacto conceitual entre os participantes, ou seja, para a emergência de metáforas sistemáticas.

Ainda nesse prisma, podemos entrever, de um lado, a complexidade na qual as construções de conceitos se inserem, formando um todo complexo, sistemático, aparentemente desorganizado e temporariamente estável. De outro, notamos que o acesso ao complexo em que emerge a conceitualização, a partir de uma interação discursiva, sempre é limitado, ou seja, acessamos apenas a(s) parte(s) desse todo. Como vimos no capítulo 2, conforme Morin (2013), a relação parte e todo é cíclica:



Posto isso, entendemos a partir das análises que é nesse sentido que se configura a metonímia sistemática: ciclicamente. Considerando isso, vale observar que sendo a metáfora sistemática uma conceitualização que se estabiliza temporariamente a partir do fluxo discursivo e que é parte de um complexo de sistemas cognitivo-conceituais, lingüístico-discursivos, ontogenéticos e filogenéticos, socioculturais, históricos e outros que formam um todo inacessível em sua completude, e que o alcance desse todo pela metáfora sistemática se dá sempre como incompletude, ela, a metáfora sistemática também pode ser vista como metonímia sistemática.

Tendo em vista isso, reconhecemos que a metáfora sistemática, ou seja, a conceitualização cuja apreensão pode ser feita pelo analista a partir da análise de uma interação discursiva é sempre parte de um todo, ou seja, de todos os sistemas anteriormente mencionados, além de outros, o que pode nos levar a considerar, nesse sentido, a metáfora sistemática como parte desses todos, enfim, como metonímia sistemática. E, nesta, considerando sua configuração cíclica, como vimos acima, há um todo que está latente cujas partes podem ser requisitadas em conformidade com as demandas funcionais do fluxo

discursivo. Tais partes podem ser instrumentalizadas pelos aportes teóricos da teoria da integração conceitual bem como a partir da abordagem de metáforas sistemáticas, como demonstramos nas análises. Considerando isso, vale dizer agora que as metonímias sistemáticas encontradas foram: *VIOLÊNCIA NO FUTEBOL É UM AGENTE QUE LIMITA O DESLOCAMENTO DO TORCEDOR* e *CAMISA É PROTEÇÃO*.

Alguém ainda poderia perguntar: mas essas metáforas e/ou metonímias sistemáticas não podem ser vistas como metáforas conceituais das quais o próprio analista lança mão para propô-las no plano lingüístico como uma conceitualização que emergiu da interação discursiva? Não pretendemos encerrar o debate, nem tampouco conseguiríamos fazê-lo aqui, mas entendemos que as redes de integração seriam o caminho mais viável para tentar responder a questão, em vez de pensarmos em metáforas conceituais.

Contudo, abrimos espaço para o desenvolvimento de nossa tentativa de contribuição como um todo, bem como para, em específico, para o aprimoramento da metonímia sistemática.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os capítulos iniciais deste trabalho foram dedicados a assegurar que o macro-conceito sistema enquadra-se como paradigma, de modo a orientar procedimentos científicos, teorias, crenças etc. A envergadura do paradigma sistêmico abrange as mais diversas abordagens científicas sobre seus respectivos objetos. Nesse sentido, das sub-partículas atômicas à Via Láctea, estamos lidando com sistemas, sejam eles simples, complexos organizados ou desorganizados, mas são sistemas. Posto isso, cabe atentar para o fato de que as atividades humanas também podem ser vistas como sistemas. Em específico, destacamos a linguagem e a cognição. Esses sistemas podem interagir mutuamente fazendo emergir pactos conceituais e/ou mesmo divergências no plano lingüístico discursivo, promovendo dinâmicas de integrações conceituais no plano cognitivo-conceitual, em uma relação não-determinística entre os mencionados planos e/ou sistemas. O único determinismo possível entre tais sistemas seria o dinâmico.

O ser humano age no mundo através da linguagem, podendo ser também especificado por ela; salvas as limitações. Quando tratamos mais especificamente da linguagem em uso, os indivíduos interagem com outros, com contextos culturais, históricos, sociais e até mesmo individuais. Nessa perspectiva, a cognição apresenta-se como um dos sistemas em ação para compor sistemas mais abrangentes, ou seja, as diversas relações nas quais o homem se insere. O discurso não pode ser visto como algo mais abrangente que a cognição, mas partilha sua riqueza de instabilidades e de estabilidades com ela, pois ambos os sistemas (o discurso e a cognição) só se separam teoricamente, haja vista a tese vygotskyana que é basicamente a de que não há possibilidade de linguagem integral sem pensamento, nem de pensamento integral sem linguagem.

Como já explorado neste trabalho, as estabilizações conceituais negociadas empática e implicitamente durante a interação discursiva são chamadas de metáforas sistemáticas, por Cameron (2003, 2007, 2008). As metáforas sistemáticas simbolizam uma espécie de pacto discursivo-conceitual entre os falantes que se estabiliza temporariamente durante o fluxo discursivo. Nesse prisma, as metáforas sistemáticas podem também ser vistas como conceitualizações *ad hoc* que emergem da e na interação discursiva.

No intuito de descrever a conceitualização da violência no futebol a partir da interação discursiva entre torcedores vítimas da reportada violência, algumas hipóteses foram elencadas. A hipótese básica, atendendo ao objetivo geral da pesquisa, previa que a

abordagem de metáfora sistemática poderia dar conta da conceitualização da violência no futebol apenas no plano discursivo.

Apesar de Cameron (2007, 2008) argumentar que metáforas lingüísticas desvelam conceitos, ideias, crenças etc, a autora não especifica elementos no sistema cognitivo-conceitual que possam estar presentes na relação discurso e cognição no fluxo discursivo. Cameron reporta-se a uma auto-organização do sistema que promove as emergências de novos padrões (*soft-assembly*). No entanto, a autora não aclara em sua abordagem que aparatos cognitivos são utilizados pelos interlocutores na co-construção das metáforas sistemáticas. Na análise dos excertos, exemplificamos caminhos pelos quais podemos trilhar para preencher lacunas deixadas pela abordagem de Cameron atinentes ao plano cognitivo-conceitual.

Para a realização das exemplificações, foi construída uma interface metateórica que consistiu em convergir os sistemas adaptativos complexos, a abordagem de metáfora sistemática, de Cameron, e a teoria da integração conceitual, de Fauconnier e Turner.

A hipótese básica desdobrou-se em duas hipóteses secundárias, que atendiam aos objetivos específicos deste estudo.

A primeira hipótese secundária consistiu em afirmar que a abordagem de metáforas sistemáticas permite, bem como possibilita a caracterização e a identificação de metonímias sistemáticas. Não podemos dizer que esta hipótese foi testada com base nas análises dos dados, uma vez que constatamos que não há dados suficientes para tanto. Por outro lado, considerando a exemplificação exposta quanto aos excertos (análise e discussão dos dados), observamos que o conceito de metáfora sistemática pode ser alinhado a um conceito de metonímia sistemática. Na abordagem de Cameron, as metáforas e as metonímias lingüísticas formam um *continuum*, o que pode ser projetado para as metáforas sistemáticas, uma vez que, na abordagem em questão, o discurso é tomado como sistema adaptativo complexo e que, por sua vez, encontra-se aninhado (*nested*) a vários outros sistemas. A metáfora sistemática emerge da interação entre esses vários sistemas, lingüístico-discursivo e cognitivo-conceitual, por exemplo. Cameron, portanto, reconhece que a metáfora sistemática é uma conceitualização que é parte de um todo, mas não chega a perceber tal conceitualização como sendo a natureza metonímica da metáfora sistemática, que permite, dentre outros aspectos, o alinhamento desta metáfora a um possível conceito de metonímia sistemática.

Tomando por base as relações entre parte e todo observadas por Morin, a interface metateórica construída neste trabalho, as exemplificações dos excertos, além de considerar a metáfora sistemática como parte que emerge de um todo mais abrangente, acreditamos que

ela também pode ser, como dissemos antes, alinhada a um conceito de metonímia sistemática em um mesmo *continuum*. A metonímia sistemática seria, portanto, cíclica, de modo que haveria nela um todo latente cujas partes poderiam ser requisitadas em conformidade com as demandas funcionais do fluxo discursivo. Tais partes poderiam ser instrumentalizadas pelos mesmos mecanismos que se articulam para compor a metáfora sistemática, uma vez que elas coincidem e seus veículos metafóricos e metonímicos também formam *continuum*.

A segunda hipótese secundária consistiu em assegurar que a teoria da integração conceitual poderia dar conta da dimensão cognitivo-conceitual não explorada pela abordagem de Cameron. Para tanto, construímos uma interface metateórica (ver capítulo 3), fundada no Perspectivismo Científico, conforme proposto em Giere (2006), através da qual podemos trabalhar com duas teorias diferentes, sendo possível integrá-las de forma a construir um novo ponto de vista teórico. Nesse sentido, convergimos as mencionadas teorias nas análises concluindo que as redes de integração conceitual estruturaram a cognição dos falantes no discurso em análise. A convergência entre a abordagem de metáforas sistemáticas e a teoria da integração conceitual possibilitou a compreensão da conceitualização da violência no futebol a partir do grupo em análise.

A abordagem de Cameron (2007, 2008, 2010) assume como pano de fundo a tese de que o discurso é um sistema adaptativo complexo; no entanto, Cameron não articula com destreza determinadas categorias dos mencionados sistemas em sua abordagem. Os atratores, por exemplo, os caóticos e os não-caóticos, que são oriundos da teoria da complexidade bem como da teoria do caos não são bem articulados por Cameron, além de outros aspectos dos sistemas complexos. Considerando isso, tentamos atenuar o problema, articulando os atratores caóticos e os não-caóticos em nosso objeto de estudo, ou seja, na conceitualização da violência no futebol. Na interface metateórica que construímos, o atrator foi colocado como um dos pontos de intersecção entre a metáfora sistemática e a teoria da integração conceitual, uma vez que o discurso analisado fora considerado como sistema adaptativo complexo, aninhado, por sua vez, a outros de mesma natureza. Assim, tanto o discurso como a cognição foram considerados como sistemas complexos, o que permitiu assumir elementos em comum para ambos os sistemas.

Para a abordagem de metáforas sistemáticas, o seu mecanismo tópico discursivo foi considerado como atrator que, por seu turno, também se comportara como atrator para determinadas redes de integração conceitual descritas nas análises. No entanto, ocorreram situações em que um mesmo tópico discursivo mostrava-se como atrator caótico para a abordagem de metáforas sistemáticas, no plano discursivo, e como atrator não-caótico para

determinadas integrações conceituais que ocorriam, no plano cognitivo-conceitual, durante o fluxo discursivo.

Nessa perspectiva, os veículos metafóricos e metonímicos, no plano lingüístico-discursivo, as redes de integração conceitual, no plano cognitivo conceitual, e os tópicos discursivos, ou atratores partilhados entre os dois planos contribuiram para a emergência da conceitualização da violência no futebol a partir da interação discursiva do grupo analisado. Isso nos levou a propor a seguinte metáfora sistemática:

VIOLÊNCIA NO FUTEBOL É UM AGENTE QUE LIMITA O DESLOCAMENTO DO TORCEDOR.

Tendo em vista essas considerações, o grupo conceitualizou a violência no futebol como um *AGENTE QUE LIMITA O DESLOCAMENTO DO TORCEDOR*; os participantes também reconheceram que a violência no futebol, em específico, na cidade Fortaleza-CE, decorre de outros de tipos de violência como o tráfico e o uso de entorpecentes. No entanto, este reconhecimento não se configurou enquanto metáfora sistemática, pois se delineou, na sua maior parte, em termos não-metafóricos e não-metonímicos, não podendo ser, portanto, enquadrado na metodologia de desenvolvimento e de articulação entre veículos metafóricos e metonímicos e tópicos discursivos. Vimos, portanto, como metáforas e metonímias são utilizadas por participantes de um grupo focal ao expressar a sua experiência e as suas emoções com relação às experiências de violência no futebol na cidade Fortaleza-CE, tanto no plano linguístico-discursivo, por meio dos mecanismos da metáfora sistemática, quanto no plano cognitivo-conceitual, pela teoria da integração conceitual, a partir de uma interface metateórica que nos permitiu realizar a convergência dos mencionados aportes teóricos no procedimento analítico.

Emergiu também a metáfora sistemática *CAMISA É PROTEÇÃO*, considerando que os participantes utilizaram recorrentemente o veículo metonímico camisa como elemento de pertencimento a uma torcida organizada, no intuito de proteger-se de ataques de agentes da violência da própria torcida cujo participante reportava.

O grupo também assegurou, na discussão, que muitos conflitos entre as torcidas são marcados previamente através da internet, pelas redes sociais. Foi também afirmado que existem torcidas organizadas de estados distintos do país que se apóiam mutuamente, formando-se como uma torcida integrada, interestadualizada. Nesse sentido, elas também estabelecem conflitos interestaduais com outros grupos de torcidas rivais. As relações atinentes a limitações espaciais quanto ao direito de ir e vir do torcedor foram bastante

acentuadas nesses momentos da discussão, entretanto, os conflitos interestaduais não emergiram como metáforas sistemáticas, pois não se enquadravam na sistematicidade proposta pela abordagem de Cameron e Maslen (2010). Apenas os tópicos discursivos ligados a espaço é que se mostraram bastante recorrentes conectando-se a determinados veículos metafóricos e/ou metonímicos, levando-nos a propor a metáfora sistemática já mencionada anteriormente sobre como o grupo conceitualizou a violência no futebol.

Cabe aqui a seguinte reflexão: se determinadas informações fornecidas pelos participantes do grupo não puderam constituir metáforas sistemáticas e, entretanto, são tão importantes quanto, por que não pensar em uma teoria do discurso para essa abordagem, de modo que elementos que não se enquadrem em seu método, mas que denotem relevância social, sejam abarcados categoricamente pela abordagem? Parece que apenas a tomada do discurso como sistema complexo para as metáforas sistemáticas ser insustentável. Urge a necessidade de uma teoria do discurso para a mencionada abordagem.

Esta pesquisa, portanto, visou descrever a conceitualização da violência no futebol a partir de metáforas sistemáticas, no plano discursivo, e a partir da teoria da integração conceitual, no plano cognitivo-conceitual, exemplificando as maneiras pelas quais os participantes manifestavam suas ideias e conceitos a respeito da violência no futebol nos dois planos.

Vale ressaltar que as exemplificações constadas nos excertos podem até servir de modelos de teste para a teoria da integração conceitual, aplicados à interação discursiva oriunda de grupo focal, sinalizando tanto a possibilidade de aplicação da teoria da integração conceitual ao gênero grupo focal transcrito quanto demonstrando possíveis modos de realização da reportada aplicação.

Podemos afirmar, considerando a interface metateórica construída neste trabalho e aplicada aos excertos por meio de exemplificações, que a teoria da integração conceitual pode dar conta do plano cognitivo-conceitual de uma interação discursiva, e, em específico, da conceitualização da violência do futebol a partir do mencionado fluxo discursivo.

Como a discussão do grupo focal foi gravada em áudio e vídeo, este trabalho não esgota as possibilidades de falseabilidade, mas abre espaço para novas pesquisas, como por exemplo, aquelas que se proponham a colocar em interface as dimensões não só discursivas e cognitivas, mas também as pragmáticas, dentre outras. Talvez seja possível encontrar metáforas sistemáticas e/ou metonímias sistemáticas de cunho eminentemente pragmático, ou até mesmo ser possível observar integrações conceituais de base pragmática, como o movimento corpóreo gestual. Ainda seguindo essa linha, vale atentar para a metonímia

sistemática à qual aludíramos anteriormente como hipótese e que, posteriormente, foi descrita sua possibilidade de ser alinhada ao conceito de metáfora sistemática, no sentido, basicamente, de ser uma parte que emerge de um todo. É de bom alvitre salientar que a metonímia sistemática não se esgota em si mesma, mas se coloca como um desafio a ser falseado, nos termos popperianos. Talvez Cameron não reconheça nem admita que a metáfora sistemática possa ser vista também como metonímia sistemática justamente pela dificuldade de falseamento dessa visão. Contudo, esperamos ter contribuído para que futuros trabalhos atinentes aos sistemas linguagem e cognição possam esmerar conhecimentos acerca da ampla e complexa relação entre os reportados sistemas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. **Linguística Cognitiva: uma visão geral e aplicada**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.
- ALMEIDA JÚNIOR, A. T. **Atratores e espaços-fase: estratégias de categorização na emergência de inferências na conceitualização de violência**. 2013. 225f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.
- ANDERSON, P.W. **More is Different: broken symmetry and the natural of the hierarchical structure of science**. [S.l.: s.n.], 1972.
- AUGUSTO, R. C. **O processo de desenvolvimento da competência linguística em inglês na perspectiva da complexidade**. 2009. 228f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BARBOUR, R. **Grupos focais**. Tradução de Marcelo Figueiredo Duarte. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BOUCIER, Nicolas, **Le Monde**. 2013. Disponível em: www.lemonde.fr/ameriques/article/2013/07/01/bresil-la-cote-de-dilma-rousseff-s-effondre-le-gouvernement-craint-la-paralyse>. Acesso em: 1 jul. 2013.
- BROOKS, M. Climate myths: chaotic systems are not predictable. **New Scientist**, May 2007. Disponível em: <www.newscientist.com/article/dn11641>. Acesso em: 17 ago. 2013.
- CAMERON, L.; DEIGNAN, A. A emergência da metáfora no discurso. Tradução de S. FARACO e S. VEREZA. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 25, p. 1-278, 2009.
- CAMERON, L.; MASLEN, R. **Metaphor analysis: research practice in applied linguistics, social sciences and the humanities**. London: Equinox Publishing, 2010.
- CAVALCANTI, M. C. (Org.). **Confronting metaphor in use: an applied linguistic approach**. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2008.
- CHAFE, W. Cognitive Constraints on Information Flow. *In*: RUSSELL, Tomlin (Ed.). **Coherence and grounding in discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1987. p. 21-51.
- _____. **Discourse, consciousness, and time: the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing**. Chicago: The University of Chicago Press. 1994.

DE BOT, K.; LOWIE, W.; VERSPOOR, M. A Dynamic System Theory Approach to second language acquisition. **Bilingualism: Language and Cognition**, v. 10, n. 1, p. 7-21, 2007.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DÖRNEY, Z. **Research methods in applied linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007.

EVANS, V.; BERGER, B. K.; ZINKEN, J. **The cognitive linguistics reader**. London: Equinox, 2007.

FAUCONNIER, G. **Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. **Mappings in thought and language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G; TURNER, M. **The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities**. New York: Basic Books, 2002.

FELDMAN, J. A. **From molecule to metaphor: a neural theory of language**. Massachusetts: The MIT Press, 2006.

FELTES, H. Cognição e linguística. *In*: MACEDO; FELTES; FARIAS (Org.). **Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos**. Porto Alegre: Edipurcs, 2008, p. 249-283.

FERREIRA, L. C. A Conceitualização de violência e futebol. **ANTARES**, v. 4, n. 7, jan./jul. p. 166-177, 2012.

_____. O Discurso sobre Futebol e Violência em Minas Gerais. *In*: CONFERÊNCIA LINGÜÍSTICA E COGNIÇÃO, 5., 2013, Santa Cruz do Sul. **Caderno de Resumos: Simpósio Metáfora e Violência**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2013.

_____. Futebol e metáfora na mídia. *In*: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DO DISCURSO, 9., 2011, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011. 1 CD-Rom.

FERREIRA, L. C; SILVA, P. H. S. O discurso sobre futebol e violência em Minas Gerais. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, n. 34, out. 2013.

FELTES; MACEDO; FARIAS. **Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos**. Porto Alegre. Edipurcs, 2008.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução: Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIERE, R. N. **Scientific perspectivism**. Chicago: The University of Chicago Press, 2006.

GONDIM, M.V.C. **Modelos cognitivos**: um estudo intercultural das concepções de violência em jovens brasileiros e franceses. 2012. 226f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

JAMISON, K. G. **Quem casa quer casa**: categorização e conceitualização de violência por mulheres vítimas de violência conjugal. 2011. 156f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. 5. ed. Trad. de Manuela P. dos Santos e Alexandre F. Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

KÖVECSES, Z. **Metaphor in culture**: universality and variation. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

_____. **Language, mind and culture**: a practical introduction. Oxford: Oxford University Press, 2006.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**. Stanford: Stanford University Press, 1987. v. 1.

_____. **Cognitive grammar**: a basic introduction. New York: Oxford University Press, 2008.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LAKOFF, G. The neural theory of metaphor. *In*: GIBBS, R. **The metaphor handbook**. California: Cambridge University Press, 2009.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; NÚÑEZ, R. E. **Where Mathematics comes from**: how the embodied mind brings mathematics into being. New York: Basic Books Group, 2000.

LARSEN-FREEMAN, D. Chaos/complexity science and second language acquisition. **Applied Linguistics**, v. 18, n. 2, p. 141-165, 1997.

LARSEN-FREEMAN, D.; CAMERON, L. **Complex systems and applied linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LIMA, J.P.R. **A emergência de metáforas na fala sobre violência urbana: uma análise cognitivo-discursiva**. 2012. 225f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

MASSIMI, M. Scientific Perspectivism and its foes. **Philosophica**, n. 84, p. 25-52, 2012.

MITCHEL, M. **Complexity: a guided tour**. Oxford University Press, 2009.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Ciência com consciência**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MIRANDA, M. A. **A emergência de metáforas multimodais no discurso político eleitoral: análises das variáveis verbais, prosódicas e gestuais em debates de segundo turno às eleições presidenciais de 2010**. 2013. 264f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

MURAD, M. **A violência no futebol**. São Paulo: Saraiva, 2012. (Coleção Para entender).

MURAD, M. **Maurício Murad: a violência no futebol**. 21 jun.2013. Disponível em: <<http://youtu.be/6g8KyrXn7FE>>. Acesso em: 1.ago. 2013.

OLIVEIRA, N. C. **Grito silenciado: conceitualizações de violência na Comunidade Surda de Fortaleza**. 2012. 225f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

PINTO, Vinícius. FIFA monitora protestos no Brasil e diz que respeita a liberdade de expressao. **Jornal do Brasil**, 14 jun. 2013. Disponível em: <www.jb.com.br/copa-das-confederacoes-2013/noticias/2013/06/14/fifa-monitora-protestos-no-brasil-e-diz-que-respeita-a-liberdade-de-expressao>. Acesso em: 1.jul. 2013.

SÁ, K. B. **Emergência de metáforas sistemáticas na conceitualização de violência escolar por professores da educação básica em Fortaleza-CE**. 2013. 134 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

SCHRÖDER, U. A Mesclagem metafórica de Fauconnier & Turner e as Teorias de Karl Bühler e Wilhelm Stälin: antecipações e complementos. **ABRALIN**, v. 9, n.7, p. 129-154, jan./jul. 2010.

SCHRÖDER, U. Da teoria cognitiva a uma teoria mais dinâmica, cultural, sociocognitiva da metáfora. **ALFA**, São Paulo, v. 52, p. 39-56, 2008a.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, A.C.C. **O uso de redes neurais auto-organizáveis para análise do conhecimento acentual em aprendizes brasileiros de língua inglesa.** 2010. 225f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

STUART, James. World Cup 2014: ticket prices. **The Guardian**, 1 jul. 2013. Disponível em: <www.theguardian.com/football/2013/jul/01/world-cup-2014-ticket-prices>. Acesso em: 1 jul. 2013.

TENUTA, A. M. Uma breve apresentação da Teoria dos Espaços Mentais e da Teoria da Mesclagem. *In*: HERMONT, A.; ESPÍRITO SANTO, R; CAVALCANTE, S. (Org.). **Linguagem e Cognição: Diferentes Perspectivas. De cada lugar um outro olhar.** Belo Horizonte: Editora Puc Minas, 2010. p. 85-104.

WALDROP, M.M. **Complexity: the emerging science at the edge of order and chaos.** New York: Touchstone, 1993.

WEAVER. W. Science and complexity. **American Scientist**, v. 36, p. 536-544, 1948.

VANIN, A, A. **À flor da pele: a emergência de significados de conceitos de emoção.** 2012. 287f. Tese (Doutorado em Linguística e Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

VYGOTSKY, L. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WITTGENSTEIN, L. **Vida e obra.** São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999. (Coleção: Pensadores).

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOBRE VIOLÊNCIA NO FUTEBOL

Pesquisa: Futebol e Violência: um estudo sobre conceitualizações de violência no Brasil.

1. Quando vocês ouvem a expressão violência no futebol, qual a primeira coisa que vem na cabeça?
2. Onde as pessoas adquirem suas idéias sobre violência no futebol? Com quem vocês costumam falar sobre a violência no futebol?
3. Quais os riscos da violência no futebol? O que pode vir a acontecer, no futuro, com relação à violência no futebol?
4. Como é que vocês acham que esses agentes da violência urbana decidem suas ações? Na hora ou antes do ato? E como é que eles agem?
5. Quais têm sido os efeitos da ameaça da violência no futebol na sua vida?
6. Vocês acham que essa situação afeta mais alguns grupos do que outros? Ou afeta todos igualmente?
7. Você, algum conhecido ou familiar já experienciou a violência no futebol?
8. Vocês acham que algum dia vai melhorar a situação da violência no futebol?
9. Vocês acham que as pessoas têm agido racionalmente com relação à violência no futebol?
10. O que as autoridades estão fazendo? Vocês acham que o governo quer que a população faça alguma coisa diferente em relação à violência?

11. Vocês acham que existe a possibilidade de vocês passarem por alguma experiência de violência no futebol?
12. O que vocês acham da questão dos direitos humanos no contexto da violência no futebol?
13. Será que essa situação da violência no futebol tem algum aspecto positivo?
14. Alguma das perguntas chateou ou incomodou você?

ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL

Transcrição video Grupo Focal – Pedro Henrique

1. Moderador Gravando!
2. Moderador É –
3. Moderador Quando vocês ouvem a expressão Violência no Futebol, qual a primeira coisa que vem na cabeça?
4. Fábio Medo.
5. Moderador Medo?
6. Moderador .. Pode ficar a vontade, fala.
7. Marcelo <XX>
8. Moderador Pode falar!
9. Carlos Pensa em violência nos estádios, né?
10. Carlos . A gente fica até meio –
11. Carlos Tem até medo de levar nossos filhos pra –
12. Carlos . A gente quer se divertir um pouco com eles mas não pode ir, a gente não pode ir temendo a violência. **CO**
13. Carlos . Na saída –
14. Carlos Tanto na entrada como na saída. **9-14 (metsis)**
15. Moderador Isso é a primeira coisa que vem na sua cabeça?
16. Carlos Isso é a primeira coisa que vem na minha cabeça, eu quero, por exemplo <X>
17. Carlos Por mim, eu quero levar meu menino pro estádio mas não posso, tenho medo
18. Carlos . Não posso entre aspas, por que tenho medo, por questão disso.
19. Marcos O que eu acho sobre violência no estádio é como se fosse uma liberdade vigiada, né? **VMet**
20. Marcos . Liberdade da gente estar na mão do –
21. Marcos povo, né? Como é que eu posso dizer?
22. Marcos .. Na mão dos vagabundos, né? **CO VMet Metons**
23. Marcos . Por que quem vai pro estádio fazer a confusão não é o torcedor, né?
24. Marcos . É o vagabundo infiltrado no meio do torcedor. **24 -36 Metsis Vmet e Meton**
25. Antônio A violência <XX>, passa se preocupa logo, não sabe se o filho vai e volta
26. Carlos Sabe que vai --
27. Antônio Vai mas não sabe se volta.
28. Antônio <XX> Já fica preocupado, <XX> não tem como <XX>
29. Carlos Eu sou uma pessoa que sou fanática pelo Ceará e tudo, eu vou pro estádio e eu gosto de ir no caminho do torcedor – **Vmet**
30. Alex <XX> O cara ainda vai com medo ainda, vai com medo –
31. Carlos Não sei o que vai acontecer –
32. Alex <XX> A pessoa vai assim, não sabe se volta, não sabe se volta.
33. Carlos Eu gosto de usar a camisa –**Meton**
34. Alex Infelizmente tá assim.
35. Carlos Eu gosto de usar a camisa da torcida organizada, eu gosto
36. Carlos . Mas só que eu não me misturo com eles. **VMet**
37. Antônio Dois.

38. Carlos Mas se alguém me pegar vestido com aquela camisa na saída do estádio, na <XX>, sei lá **Vmet e Meton**
39. Alex Aí o pessoal apanha por causa que tá usando a camisa, mesmo não sendo do –
40. Alex . Da –
41. Alex . Fazendo parte da –
42. Alex . Da torcida. Só por que tá usando. **Meton**
43. Antônio Eu já procuro me afastar e ir pro estádio sozinho, por que é o seguinte, jogo <XX>, é cada um por si. **43 -45 TD**
44. Antônio É aquele ditado: No estádio <XX>.
45. Antônio . O cara sai de perto, é confusão!
46. Moderador Vamos lá, segunda pergunta aqui.
47. Moderador .. Onde as pessoas adquirem suas ideias sobre violência no futebol?
48. Moderador .. Com quem vocês costumam falar sobre violência no futebol? Com quem?
49. Carlos Com os amigos –
50. Alex Quando acaba o jogo é tipo um debate, sai pra um bar, tipo um debate sobre o jogo, o que aconteceu no estádio –
51. Carlos <XX>
52. Alex <XX> Se junta num bar, a gente conta, eles contam o que aconteceu do lado deles lá e a gente –
53. Carlos É, frequentemente a gente se encontra, por exemplo, ele torce Fortaleza, eu torço Ceará, sempre que a gente vai pro estádio, quando a gente volta, a gente marca um ponto pra gente se encontrar e debater.
54. Alex O que aconteceu no estádio, independentemente de quem ganhou ou quem perdeu.
55. Marcos A violência nos estádios você vê em qualquer canto
56. Marcos . Você liga a televisão tá passando, você olha na internet tá passando, todo canto tem, não tem como você não ver nem comentar –
57. Alex Quando tem jogo é um prato cheio pra essas, esses programas policial. **(prato cheio) Vmet**
58. Antônio Clássico rei –
59. Antônio Ei, clássico rei –
60. Antônio Clássico rei tá assim, clássico rei tá igual a <XX>, quando tem clássico rei a negada fecha as portas é de dia, ninguém vê ninguém no meio da rua, tudo com medo – **Vmet (negada fecha as portas) TD proteção Vmet –ninguém no meio da rua TD insegurança e medo**
61. Carlos Não é com medo –
62. Antônio Mas é verdade, a negada tá com medo, não tem –
63. Carlos Estacionar carro perto de estádio –
64. Moderador Mas, assim, vocês acham que essas pessoas adquirem essas ideias sobre violência no futebol, onde é que elas mais adquirem essas ideias?
65. Antônio De dentro das organização, da –
66. Antônio Como se diz? Dentro da –
67. XX Torcidas
68. Antônio Dentro das torcidas organizadas, dentro das sedes das torcidas organizadas.
69. Alex Não são todos, né, mas tem um certo grupo que vão já pra isso, já vai pra brigar.

70. Antônio Mas se você frequentar uma sede da torcida organizada você já está na intenção de brigar, por que você já está frequentando aquilo ali.
71. Carlos <XX>
72. Marcos Dentro da torcida <XX> --
73. Alex Eles botam na internet, eles botam na internet, de lá mesmo eles marcam.
74. Carlos Divulgam, divulgam!
75. Moderador Eles marcam confronto?
76. Alex Marcam confronto!
77. Antônio Pela internet.
78. Marcos <XX>
79. Murilo Os caras tão com eles aqui <XX> , posso olhar não, tem que brigar também, senão vou apanhar também junto.
80. Carlos Os caras mesmo <Q Ah, deixa de ser mole! >Q e tal.
81. Antônio <XX> <Q torcida tal passou foi mal na mão da gente Q>.
82. Antônio . E aquele negócio, sabe?
83. Murilo <XX>
84. Antônio Eu quando vou pra jogo e vejo que tem uma briga assim, eu procuro ver <XX>
85. Antônio <XX> Nada a ver, você vai passando lá, aparece uma briga, você vai passando, você vai passando bem no meio sem saber, aquele tumulto corre, aí você apanha sem saber, sem saber nem o que tá acontecendo.
86. Antônio <Q O que foi que eu fiz, pelo amor de deus? Q>
87. Marcos É muito difícil você –
88. Marcos .juntar um grupo de amigos ir pra um bar –
89. Marcos .pra uma lanchonete, um restaurante –
90. Marcos .pra marcar, né? O duelo, a –
91. Marcos A violência, o confronto.
92. Marcos .A maioria vão tudo dentro das torcida organizada e na internet mesmo, só –
93. Marcos .<XX>, né?
94. Carlos <XX> dentro das torcidas. **Vmet**
95. Fábio Eles não vão pra torcer pelo time, eles vão só pra brigar.
96. Antônio Clássico rei –
97. Alex É antes, durante e depois do jogo.
98. Antônio Clássico rei, você não –
99. Antônio .Clássico rei você não pode vestir sua camisa e ir beber num bar antes do jogo por quê é arriscado uma pessoa passar e atirar. **Vmets (não poder vestir sua camisa) (ir beber) TD (medo e insegurança)**
100. Carlos <XX>
101. Antônio <XX>
102. <XX> Não é só no clássico rei não.
103. Carlos Tem também a questão dos bairros, a própria torcida mesmo <Q Ei, vamos pegar o bairro tal Q>.
104. Carlos .Dentro do estádio mesmo pode até acontecer da mesma torcida um bairro contra outro.
105. Alex <XX>
106. Carlos Acontece, acontece.
107. Murilo Messejana, Bom Jardim.

108. Moderador Vamos lá, terceira pergunta.
109. Moderador .Quais os riscos da violência no futebol?
110. Moderador .O que pode vir a acontecer, no futuro, em relação à violência no futebol?
111. Alex <XX>
112. Moderador Duas perguntar aí, né?
113. Moderador .Quais os riscos da violência no futebol e o que pode acontecer no futuro em relação à essa violência.
114. Carlos <XX> A morte – **TD (medo)**
115. Marcos O que pode acontecer é acabar o futebol.
116. Marcos ..Acabar não o futebol, né, acabar as torcidas.
117. <XX> Acabar as torcidas.
118. Antônio Ou se revoltar contra o próprio público, invadir o estádio e matar um ou dois jogador, pode acontecer também, que ninguém sabe –
119. Alex Afastar o torcedor, verdadeiro torcedor do estádio, né?
120. Alex <XX>
121. Fábio <XX>
122. Carlos <XX>
123. Alex Por que a torcida organizada não é composta só por –
124. Alex .Vagabundo não, tem torcedor mesmo que –
125. Carlos Tem torcedor.
126. Alex É bonito, tem eles que quando fazem a festa, quando não houver torcida organizada, meio –
127. Murilo <XX>
128. Alex Meio sem graça
129. Carlos Você acorda cedo –
130. Alex Mas, infelizmente, têm esses caras que vão se infiltrar nas torcidas que é pra poder – **Vmet (infiltrar)**
131. Alex ..Sujar o nome da torcida **Vmet (sujar o nome) Meton (nome da torcida)**
132. Antônio É como meu pai, meu pai –
133. Carlos <XX> Qual a torcida mais violenta.
134. Antônio Meu pai torce Ceará, meu pai deixou de ir, mas acho que ele não paga não, já é de idade, ele deixou de ir pra estádio e ele disse: <Q Rapaz, prefiro ir pra uma briga de galo do quê pro estádio Q>.
135. Alex <XX>
136. Antônio Pelo menos nas brigas de galo tem torcida não, é só aposta, só quem morre é um dos dois galos, a gente só faz receber o dinheiro e no estádio é arriscado a gente morrer, morrer jogador, morrer policial, morrer todo mundo. **TD medo**
137. Carlos Têm dois futuros, ou vão só os vagabundos ou –
138. Carlos .Daqui pra frente, ou futuramente, ou só vai ter vagabundo no estádio e torcedor que é torcedor não vai querer ir mais.
139. Carlos ...Ou as torcidas organizadas vão acabar.
140. Antônio Mas, cara, é o mais certo que tem –
141. Antônio .Torcida organizada –
142. Antônio .<Q Camisa não quero no estádio Q>.

143. Antônio .A TUF. Proibiram a TUF três jogos, parece, né? Três ou foi dois?
Foi três? **143-147 Metsis – a violência limita o deslocamento**
144. Alex A TUF foi até o final do ano, 5 meses.
145. Antônio Essa final do jogo, tinha alguém com a camisa? Não tinha!
Quebraram –
146. Antônio Camisa <XX>
147. Alex <XX> com material? Não quer dizer nada. Os torcedor vão do mesmo jeito, não pode entrar é com a camisa, mas os torcedor vão entrar do mesmo jeito.
148. Moderador Vamos lá, quarta questão.
149. Moderador .Como é que vocês acham, que esses agentes da violência urbana decidem sua ações?
150. Moderador .Na hora ou antes do ato?
151. Carlos Antes do ato.
152. Moderador E como é que eles agem? Como é que eles agem, os agentes da violência?
153. Fábio Isso já é premeditado antes do jogo quando ficam sabendo, aí, tipo –
154. Fábio .Unir uma galera da torcida, aí <Q Não, vamos marcar com outra torcida pra brigar, fazer a festa, ver qual é a melhor, qual tem a torcida mais forte, quem é que tem mais poder.
155. Moderador Então, já é premeditado?
156. <XX> Já é premeditado antes, muito antes.
157. Carlos Eu acho que na hora nunca acontece não.
158. Marcos Quando você vê a tabela, quando sai a tabela –
159. Marcos .. A primeira coisa que eles vão atrás de saber é o Ceará e o Fortaleza.
160. <XX> A primeira coisa.
161. Marcos Daí, a partir desse dia que eles sabem, daí pronto, já vão planejando.
162. Antônio Esse Ceará e Fortaleza é tipo assim, é tipo você que vai pra casa jogar bola, você leva a bola, você é o dono da bola, você quem manda, entendeu? **Vmet e Meton (dono da bola)**
163. Antônio Se ninguém deixar você jogar, você pega a bola, bota no braço e vai pra casa.
164. Antônio Assim é Ceará e Fortaleza, eles querem –
165. Antônio .Um dos dois quer ser o maior, querem mandar, um dos dois, um quer ter mais poder do que o outro, entendeu? Isso aí que acontece. **Meton**
166. Carlos No interior também têm torcedores rivais.
167. Carlos <XX> Até pra viajar pra fora <XX>
168. Alex Tá difícil agora, têm torcidas que são aliadas, por exemplo, em Juazeiro, Juazeiro é aliado com o Ceará, o Juazeiro, Sobral com o lado do Fortaleza.
169. Moderador Até isso?
170. Alex Por exemplo, os cara vai jogar lá em Sobral, a torcida do Sobral vai fazer confusão –
171. Carlos O pessoal já mando o Alô, o pessoal já mando o alô já.
172. Alex Lá pelo lado de Juazeiro é a mesma coisa também. Como a última vez que a gente foi pra lá.
173. Alex .Apedreja o ônibus quando vai sair lá do estádio, atira no ônibus. Tá se expandindo.
174. Carlos A polícia –

175. Moderador Mas, acontece também em relação ao estado, por exemplo, estado?
176. Antônio Também.
177. Alex <XX>
178. Marcos Em Pernambuco, a torcida do Náutico é junto com a do Ceará, <XX> com a do Fortaleza. **178-184 TD (rivalidade intermunicipal e interestadual) espaço**
179. Alex No Pará, no Pará, a torcida do Paisandu é junto com a do Ceará, a do Rei junto com a do Fortaleza.
180. Carlos <XX>
181. Alex Quando o Paisandu veio pra cá, não soltaram aquela bomba no estádio e pegou no vidro.
182. Carlos Em Natal, o América é junto com a TUF, o ABC é junto com o Ceará.
183. Antônio <XX>
184. Alex Todo estado tem, todo estado tem os rivais <XX>
185. Antônio Só que eles fazem assim o policiamento, quando termina o jogo, eles escoltam o ônibus que vem de fora até a divisa. Quando chega na divisa é –
186. Antônio É –
187. Antônio Agora reza e pede a deus pra não ter ninguém moais além.
188. Antônio .Só que o pessoal fica esperando depois da divisa, que eles sabem que o policiamento de lá até a divisa, depois da divisa é assim <Q Agora tu te vira Q>.
189. Carlos Aconteceu até o caso que mataram o jogador –
190. Antônio E depois da divisa é onde rola a bala no ônibus <XX>. **Vmet**
191. Carlos Mataram o jogador do Botafogo, depois na viagem mataram –
192. Alex Foi no mesmo jogo, foi no mesmo jogo.
193. Carlos o da <XX>.
194. Antônio Aquele jogo eu tava quase indo, eu só não fui por que meu dinheiro não saiu, mas eu ia pra aquele jogo. Não, sério mesmo.
195. Alex <XX>, Paisandu vem pra cá, a torcida do Ceará vai junto pro jogo do Fortaleza com eles.
196. Carlos Pra brigar.
197. Alex Isso aí já <XX> incentivo, o que a torcida do Ceará vai fazer no jogo do Fortaleza? Do mesmo jeito o Fortaleza.
198. Carlos Quando o América vem –
199. Alex Do mesmo jeito a torcida do Fortaleza vai também pra dar apoio aos caras pra poder –
200. Alex Já sabe que vai ter briga
201. Carlos Mas nunca leva a melhor, sempre apanha, sempre –
202. Alex É, se fosse os que vem pra cá –
203. Antônio <XX> No caso é, Fortaleza e Paisandu, né? Se o Paisandu vem pra cá pra assistir ao jogo, se o jogo fosse domingo, teriam que chegar domingo de manhã.
204. Antônio .Se chegar domingo, é pra tá preparado no pé do estádio, botava banheiro químico, essas coisas, certo? E ficava, <Q Vocês vieram pra assistir ao jogo? Q> --
205. Alex Também era pra olhar a identidade das pessoas –
206. Antônio Pois é, se vieram pra assistir ao jogo, botavam tudo agregado assim, tudo agregado perto do estádio, <XX>, por que eles chegam aqui na sexta-feira. Da sexta-feira até domingo é confusão a noite inteira, briga, quem sai brigando –
207. Antônio <XX>

208. Carlos Mas eu acho que não ia dar certo não por que ia <XX>
209. Antônio E outra coisa – **209-217 insegurança**
210. Antônio E outra coisa, os ônibus viriam escondidos, viam escondidos, por que eles não sabiam quem viam junto, né? <XX> **Vmet (insegurança)**
211. Carlos De qualquer jeito tem confusão, não tem como evitar não.
212. Antônio Não tem como evitar não, macho, não tem.
213. Antônio .O negócio é ficar dentro de casa, fechar as portas e <XX> **TDs proteção, medo e insegurança. (Fechar as portas- Vmet e meton)**
214. Moderador Vamos lá **TDs**
215. Moderador .Quais têm sidos os efeitos da ameaça da violência no futebol na sua vida? Quais têm sidos os efeitos da ameaça da violência no futebol na sua vida?
216. Carlos Medo. **216-224 Metsis – violência limita o deslocamento TDs medo**
217. Alex Os efeito é medo e do poder a família da gente não poder ir pro estádio, né? Família do meu pai, como eu falei agora, meu pai deixou de ir pro estádio por causa disso. **TD deslocamento limitado**
218. Marcos Insegurança também, né?
219. Alex Insegurança **TDs**
220. Marcos É por que você não tem segurança.
221. Marcos Você ir no estádio que é uma coisa que é um lazer que você tem – **Meton**
222. Alex Estão proibindo tudo agora por causa da confusão, proibiram da pessoa beber no estádio – **TDs deslocamento limitado Meton (palavra tudo)**
223. Alex .Não tem nada no estádio, só água e refrigerante
224. Antônio O cara passa 90 minutos <XX>
225. Alex <XX>
226. Fábio Estão afastando as pessoas do estádio, tipo, agora vai ter a inauguração do Castelão, eu tava querendo ir só que vai ter assim, primeiro o jogo do Ceará, logo depois o do Fortaleza.
227. Fábio .Acaba afastando o torcedor por quê, se eu vou, vou correr o risco de apanhar por que logo depois vai ter o jogo do Fortaleza.
228. Carlos Eu vou sair, eu vou sair –
229. Alex <XX> não era pra ser no mesmo dia não, nem no mesmo estádio.
230. Carlos Outra coisa, outro efeito é para a cidade, é o clássico para a cidade, você tem medo até de ir pra outro canto, por que vem torcedor de vários cantos.
231. Fábio <XX> jogo de time diferente
232. Carlos Aí, vem gente de todos os bairros –
233. Marcos Aí da confusão, por que as torcidas dos bairros vem junto com a do Fortaleza.
234. Carlos Do Ceará!
235. Murilo Do Ceará!
236. Alex <XX>
237. Carlos Um efeito que causa é a paralização da cidade, com medo das pessoas saírem de casa <XX>
238. Alex PV <XX>
239. Carlos <XX>
240. Alex <XX>

241. Antônio Aquele negócio que tinha nada a ver, no dia da procissão o clássico rei.
242. Alex Foi dia 13!
243. Murilo Passou na televisão o pessoal, todo mundo com medo.
244. Antônio Com medo! Minha família sempre ia, mas foram não com medo!
245. Alex Na hora que acabar o jogo ia começar lá a procissão, não era?
246. Antônio Eu disse ao meu amigo, meu amigo tem 22 anos, eu digo: <Q Vá, você é grandão mas, primeira vez que você for, olhe pra trás, pro lado e pro outro e olhe a mão do policial, pois quando ele desce aquele cassetete, ele não quer saber onde cai não. E é o dia que ele tem mais raiva, por que é o dia em que ele trabalha mais.
247. Carlos É mesmo
248. Antônio Você procure <XX>
249. Carlos Meu pai é policial também –
250. Carlos Meu pai é policial também, ele fica muito puto quando vai pra estádio.
251. Murilo Dia de domingo, né?
252. Carlos <XX> tá lá trabalhando.
253. Antônio <XX>
254. Moderador Questão seis, você acham que essa situação afeta mais alguns grupos do que outros, ou afeta a todos igualmente?
255. Marcos Afeta todo mundo, geral.
256. Antônio Geral
257. Marcos Afeta tudo quanto é tipo de grupo
258. Antônio Até o pobre do Ferroviário que não tem nada a ver --
259. Marcos Afeta –
260. Marcos Afeta toda a sociedade, a sociedade em geral
261. Carlos Como os próprios vagabundos
262. Marcos É, afeta todo mundo aí
263. Antônio <XX>
264. Alex Afeta tanto o futebol em si como a população mesmo quando tem jogo, né?
265. Alex .Nos terminais, o pessoal fica tudo com medo, o pessoal que não vão pro estádio mas tem que pegar por que tão vindo do trabalho –
266. Carlos <XX>
267. Marcos Para a cidade, né? Praticamente, quando se tem um jogo –
268. Alex Quando se tem jogo, meu amigo, o pessoal fica logo com medo logo por que quando eles vêm do estádio é quebrando tudo.
269. Marcos Domingo se torna, em época de jogo, ele se torna meio dia só, domingo. Tem que resolver tudo em meio dia.
270. Alex Só tem sossego mesmo quando tá rolando o jogo, por que estão tudo lá dentro do estádio.
271. Carlos <XX> a sociedade e os órgãos públicos também, né?
272. Marcos Quebra ônibus, quebra estádio, <XX>
273. Antônio Muitas viaturas, ao invés de estarem atrás de marginal, estão naquele foco ali, entendeu?
274. Antônio .Tem gente que se aproveita, os traficantes, por exemplo , quer matar um que esteja devendo ao traficante, aproveita que ele está com a camisa do

Fortaleza, por exemplo, manda matar e depois diz que é briga de torcida. **TDs (insegurança)**

275. Carlos Outra coisa, estão respeitando mais nem policial, naquele último jogo ali <XX>.
276. Antônio O policial é pra meter a peia nele, mas tem outras coisas aí de estatuto, estatuto é uma conversa <XX>
277. Marcos <XX>
278. Moderador Olha aqui
279. Moderador .Você, ou algum conhecido ou familiar já presenciou a violência no futebol?
280. Moderador .Você já experimentou a violência?
281. Carlos Já!
282. Antônio Já!
283. Carlos Quando eu era mais novo, eu –
284. Alex Quando eu era mais novo, participei já, já apanhei já da policia.
285. Marcos Eu também presenciei --
286. Alex <XX>
287. Marcos Eu presenciei briga de torcida organizada também, viu?
288. Alex Também
289. Marcos Tanto eu presenciei como participei de violência.
290. Moderador Passou, né?
291. Marcos É, já passei –
292. Marcos .Participei, né?
293. Alex A gente era assim, mas não tá tão violento como tá hoje não, era só briga mesmo, briga normal –
294. Carlos Agora é bala, rojão –
295. Marcos <XX> nós quatro aqui já foi de organizada já
296. Antônio Quando eu era mais novo, tô com 42 anos hoje, <XX> quando eu era pequeno, pequeno não que eu não cresci, quando eu era mais novo era igual um piolho, cutucando atrás de confusão, apanhava <XX>.
297. Antônio Passei foi oito dias aqui <XX>, já deixei de comprar comer do meu filho pra ir pra estádio, já deixei –
298. Carlos Pegava dinheiro escondido, só pra ir mesmo.
299. Antônio <XX>
300. Carlos Não era pra ir pra estádio, era pra ir pra brigar mesmo.
301. Antônio Pra brigar, era. <XX> ganho nada, só quem ganha é os jogador <XX>
302. Marcos <XX> A peia que o caba leva
303. Moderador Vocês têm algum conhecido ou familiar que já passou uma violência assim mesmo grave?
304. Marcos Eu conheço quem já morreu –
305. Carlos <XX>
306. Marcos <XX> morreu, faleceu <XX>
307. Antônio Sabe quem é, né, o Léo? Vizinho ao Evaldo. Uma vez ele levou uma surra tão grande que ele entrou dentro do estádio com o braço torto.
308. Carlos <XX>
309. Antônio <XX> encontrou ele desmaiado lá perto do estádio. Levou uma surra tão grande da policia que desmaiou <XX>

310. Marcos <XX> levou um tiro de bala de borracha, também
311. Antônio O filho do Zé, o Jefferson, levou um também, nada a ver.
312. Alex <XX>
313. Antônio Tem muito cara que se revolta dentro da torcida organizada também.
314. Moderador Oitavo. Vocês acham que algum dia vai melhorar a situação da violência no futebol?
315. <XX> Tá difícil, viu?
316. Antônio A tendência é piorar
317. Carlos Isso aí não vai acabar não
318. Alex Pode ser que melhore um dia, mas tá difícil, viu?
319. Fábio Só vai melhorar se mudar a consciência das pessoas que participam <XX>, violência, violência, a população acostumada ir pro estádio pra brigar, não vai pra torcer, apoiar o time –
320. Marcos Só se for com muita fé aí.
321. Alex Pode diminuir mas acabar, não acaba não. Não é só aqui não, é no Brasil todinho.
322. Carlos <XX> vai querer ver o exemplo do pai e vai querer fazer a mesma coisa
323. <XX> Esse negócio de torcida organizada não acaba não.
324. Marcos A tendência é aumentar, não é diminuir não
325. Alex Antigamente era só briga, agora é bala, é –
326. Carlos <XX>
327. Alex Tem bairro que você não pode andar com a camisa do seu time, por que o bairro lá é só de um time –
328. Marcos No jogo do Fortaleza lá, até os seguranças apanharam.
329. Marcos .Os caras trabalhando! Não estão respeitando nem a policia, nem os seguranças, nem nada –
330. Antônio Ei, tu conhece o Tatu, não conhece? O Tatu mora no Jereissate <XX>, eu fui pra casa do Tatu no Natal, aí o Rogério <XX>, o Rogério foi pra passar o Natal lá, só que ele foi com a camisa do Ceará, e lá onde o Tatu mora tem um não sei o quê da TUF.
331. Antônio .Rapaz, eles não queriam dar no Rogério <XX>, aí o Tatu <XX>
332. Carlos <XX>
333. Alex Tem bairro que é perigoso.
334. <XX> Eu acho que isso nunca vai acabar
335. Marcos A tendência é aumentar.
336. Antônio <XX>
337. Alex <XX>, vão aumentando, antes era briga de torcida, hoje tão querendo dar é nos policia.
338. Antônio <XX> investir no estado <XX>, por quem tem gente aí, macho, que não dá pra comprar um pão com ki-suc <XX>.
339. Moderador Vamos aqui.
340. Moderador .Vocês acham que as pessoas têm agido racionalmente em relação à violência no futebol?
341. <XX> Não

342. Fábio Elas agem assim, tipo, a maioria das pessoas que estão nas torcidas organizadas usam drogas, e elas agem fora de si, não são elas que estão fazendo aquilo, é o efeito da droga, não –
343. Alex Mas já vai com aquele pensamento, usa droga pra poder <XX>–
344. Antônio Entrar na torcida, todo mundo tomando nada ainda, todo mundo caladinho.
345. Antônio .Quando começava a beber, começava a se incentivar <XX>, ai bebia, era droga, era <XX>--
346. Alex Enquanto os jogador estão ganhando dinheiro, ele <XX>
347. Antônio <XX>
348. Marcos <XX>, o cara quebra as cadeiras, quebra a <XX>.
349. Murilo <XX>
350. Marcos O time perdeu, o cara quebra a cadeira, <XX>
351. Fábio Tipo, tá sem o efeito do que eles usaram lá e tal, mas depois do efeito daquilo, eles se acham o super-homem, sei lá, saindo quebrando tudo, batendo em tudo –
352. Alex É a mistura da droga com a emoção também, né?
353. Antônio O caba diz que cachaça não dá coragem, dá.
354. <XX> Cachaça tem poder, né?
355. Antônio É.
356. Antônio .Pra mim arrumar uma namorada, tive de beber 5 litros de cana <XX>
357. Carlos Ela que tinha que beber.
358. Moderador Pronto.
359. Moderador ..O que as autoridades estão fazendo? Vocês acham que o governo quer que a população faça alguma coisa diferente em relação à violência?
360. Carlos A população não, a população –
361. Moderador Primeiro, o que as autoridades estão fazendo. Depois você acham que o governo quer que a população faça alguma coisa diferente.
362. Carlos Eu acho que o governo tá agindo.
363. Carlos .Tá agindo por que tá colocando muito mais segurança <XX>
364. Alex No estádio colocaram câmara, investiram em segurança –
365. Carlos O governo tá fazendo o papel dele, tá colocando segurança, mas não impede –
366. Alex <XX>
367. Carlos Eu acho que a população não pode fazer nada, ela fica meio acuada, ela fica esperando uma posição do governo –
368. Marcos Eu acho que a questão não é que nós não somos europeu, é que a educação daqui não tem o mesmo nível da educação na Europa. Você pode ser um europeu, e se tiver a educação que tem lá <XX>
369. Moderador Mas assim, o que as autoridades estão fazendo?
370. Marcos Por que o governo está investindo! Está investindo em segurança, está investindo em várias outras coisas do estádio –
371. Alex No estádio, tudo o que você fizer tá lá.
372. Marcos Mas o povo não deve só esperar pelo governo não, o povo tem que começar a fazer a parte dele –
373. Moderador É essa a pergunta, Vocês acham que o governo quer que a população faça alguma coisa diferente em relação à violência?

374. Carlos A população –
375. Marcos O governo quer, o povo que não tá querendo.
376. Carlos Quem querem são os cidadão, quem não querem são os vagabundos
377. Carlos Tem a população cidadã e a marginalidade –
378. Marcos O governo tá querendo e você vê que tá investindo <XX>, se for comprar uma água, a câmara consegue captar até a cor da cédula que você está tirando do bolso. A câmara lá do PV vem pegar quase até aqui o canal <XX>
379. Carlos <XX>
380. Antônio Já aconteceu do cara jogar uma garrafa de água mineral no campo, <XX> e eu descer só por que tava perto do cara <XX>
381. Alex Os torcedor mesmo, quando ver isso aí acontecendo, eles chamam a policia <XX>
382. Marcos Nesse lado nós temos que dar apoio ao governo –
383. Carlos Você tá vendo seu time ali, e não quer ser punido por causa de uma pessoa que fez besteira <XX>
384. Fábio <XX>
385. Marcos O povo não tá ajudando o governo também não, mas o governo tá <XX>
386. Alex <XX>
387. Carlos <XX> a população quer ajudar mas não tem como
388. Marcos <XX>
389. Antônio Esse último jogo agora <XX>
390. Alex <XX> entra de pouquinho em pouquinho assim por causa da revista, antes não era só o tumulto na frente das <XX>, agora não tem um <XX>
391. Marcos <XX>
392. Carlos A segurança tá reforçada, mas não tem jeito, não tem jeito.
393. Antônio No último jogo agora a torcida jogou mais que o Fortaleza, jogos cadeira, jogou –
394. Murilo Jogou mais que ele –
395. Moderador Olha, vocês acham que têm alguma possibilidade de passarem por alguma experiência de violência no futebol?
396. Moderador . Existe essa possibilidade?
397. Marcos só se for –
398. Carlos <XX>
399. Moderador Não, entendam, vocês acham que existe algum possibilidade de vocês sofrerem violência no futebol?
400. Carlos Existe
401. Antônio Existe
402. Marcos Existe
403. Marcos .. Não só nós aqui, que estamos aqui, como –
404. <XX> quem vai pro estádio
405. Marcos <XX>
406. Carlos <XX>
407. Marcos É, não só como nós, mas todo povo de Fortaleza está sujeito a sofrer esse tipo de violência <XX>
408. Carlos criança <XX>

409. Fábio Quem vai pra estádio, pode ser de bem, de mal, quem vai pra estádio está exposto a esse tipo de violência.
410. Carlos Até pessoas que não vão pra estádio, que moram perto <XX>
411. Marcos Você está num terminal desse aí, esperando um ônibus, você está sujeito como já passou na televisão gente levando pedrada, senhoras desmaiando –
412. Alex Roubaram a bolsa da mulher <XX>
413. Marcos <XX>, se entrar um sujeito diferente deles, eles roubam, todo mundo <XX>
414. Moderador O que vocês acham da questão dos direitos humanos no contexto da violência no futebol?
415. Carlos Direitos Humanos só cai em cima da polícia aí
416. Marcos Pra mim, no meu modo de ver, acho esses direitos humanos totalmente uma babaquice <XX>
417. Carlos É verdade por que só defende os vagabundos <XX>
418. Antônio <XX>
419. Marcos A questão que ele não vai pro lado da polícia não, ele só vai pro lado errado.
420. Carlos Da marginalidade
421. Marcos Um cara desse aí vai pro estádio armado <XX>, o cara vai, no meio do caminho dá um tiro, mata alguém, ou atira numa pessoa, erra, pega em outra que não tem nada a ver. Direitos humanos não vai atrás daquela pessoa que morreu lá não, vai com o vagabundo até a delegacia, pra ver <XX>, tem que botar na cadeia bem bonitinho.
422. Antônio <XX>
423. Carlos <XX>
424. Marcos Pra mim, esse direitos humanos aí <XX>
425. <XX> era nem pra existir
426. Carlos Diretos humanos só vai a favor da vagabundagem aí <XX>
427. Antônio Tinha outro negócio melhor pra arrumar, não? Negócio de direitos humanos –
428. Moderador Pra encerrar aqui essa situação da violência no futebol
429. Moderador Tem algum aspecto positivo? Tem alguma coisa boa nisso?
430. Fábio Não
431. Carlos Tem, tem. Quanto mais há briga entre eles, vai ser melhor que eles vão se acabando de um por um, vão morrendo de um por um <XX>
432. Marcos Se matar só eles mesmo e ir acabando
433. Carlos <XX>
434. Marcos Pior que nem resolve, morre um e nasce dez <XX>
435. Antônio <XX>
436. Carlos <XX>
437. Marcos Olhando por esse lado, não há nenhum fator positivo <XX>
438. Carlos Só esse mesmo
439. Marcos Fator positivo que poderia ser é esse aí <XX>
440. Antônio Parece uns indomniado, vai pra cima de garrafa, cai no chão, se arranha, sobe de novo <XX>
441. Marcos Têm medo de morrer não **441-444 TD medo**
442. Carlos Têm não <XX>

443. Marcos Antes o cara via um policial fardado, o cara se tremia de medo, hoje –
444. Marcos .Dois caras do COTAM, macho, dois caras do COTAM, atirando balas de borracha aqui e eles atirando rojão na polícia. É por que banalizou mesmo total.
445. Moderador Última pergunta, de todas as perguntas aqui, que eu fiz, chateou ou incomodou vocês?
446. Murilo Não, não
447. Carlos Não
448. Marcos Não
449. Antônio Se tiver outra, tô dentro!
450. Marcos Foram pergunta elaborada aí, pergunta boa
451. Carlos Se tive mais convites desses, se a gente puder ajudar, a gente tá aqui pra ajudar a responder
452. Antônio Você puxou de todo lado, sobre polícia, sobre torcida, sobre família
<XX>
453. Alex <XX> verdade o que falou aqui
454. Carlos A verdade é –
455. Alex Infelizmente é a verdade
456. Marcos A verdade é a realidade que tá acontecendo hoje
457. Alex <XX>, infelizmente
458. Carlos Isso nunca vai acabar
459. Antônio Pensei que tu ia falar <Q Como é que tá teu time? Q>, eu <Q Tá na terceira Q>. Não, por que ele me falou que era sobre futebol, né?
460. Alex <XX>
461. Moderador Só pra fechar aqui, pois, obrigado a vocês, tá certo? Foi ótimo.
Pode –
462. Luiza É o vermelho mesmo, né?
463. Moderador É, o REC aí
464. Luiza É aqui nesse vermelho mesmo, aqui?